

Friedrich GLAUSER
(1896 – 1938)

**Os primeiros casos do
delegado Studer**

Traduzido do alemão por René G. Strehler

Sumário

O VELHO MAGO.....	4
O INTERROGATÓRIO	18
CRIMINOLOGIA.....	31
OS AMANTES DESUNIDOS	36
AZAR	41
REI AÇÚCAR	45
CANTO FÚNEBRE	55
OS SAPATOS QUE RANGEM.....	62
UM CREPÚSCULO.....	77
O CABO VIDENTE.....	93
A MORTE DO NEGRO.....	118
UM ASSASSINATO.....	131

O VELHO MAGO

Da estação até à bifurcação que leva a Walkringen ainda dava; a estrada era asfaltada e o delegado Studer não vociferou demasiadamente, apesar da chuva forte e do vento desagradável de outono. Além do tempo, o delegado sentia-se unicamente incomodado por causa do rösti¹ que sua mulher lhe servira no café da manhã. O rösti era importante para o delegado Studer. Seu pai, que fora agricultor no Emmental, o comia toda manhã, igual a seu avô; então por que fugir da tradição? Mas a velhice estava chegando, a digestão não era mais a mesma, o rösti provocava azia. Studer culpou a má qualidade da banha que sua mulher devia ter comprado por economia. A banha seria um desses modernos produtos alimentícios. Continuando o caminho através das poças de água, ele apertou o impermeável. Nem dava para fumar com o tempo ruim.

Chegou à bifurcação, suficientemente larga para dar passagem a veículos agrícolas. À direita, havia uma descida acentuada em direção ao leito de um córrego; à esquerda, via-se uma floresta molhada, subindo em direção às montanhas. O delegado pensava em assuntos em que se pensa ao sentir frio e tremer. Numa noite de sinuca, no escritório, no filho que ia terminar o curso de tipógrafo. Studer tinha um rosto gordo, bigodes escuros que inspiravam confiança; agora com o frio o avermelhado parecia ficar azul. Ele cuspiu por entre os dentes amarelados de nicotina com a mesma maestria de um garoto de oito anos e, nem o vento nem a chuva conseguiam comprometer sua performance; Studer alegrou-se com o feito. Em contrapartida, a chuva encontrou o caminho dos bolsos através das mangas; isso o irritou de tal maneira que não sabia mais que cara deve ter. Com esse tempo, era verdadeiramente difícil impor sua própria vontade, sobretudo no que diz respeito à expressão facial a ser acrescentada, porque a chuva entrava, de vez em quando, nos olhos. A aba do chapéu não conseguiu dar uma proteção eficiente contra os ataques malvados.

A subida da estrada se acentuava ainda mais e Studer vociferou um pouco, agitou a cabeça, a fim de expulsar as gotas de água do seu chapéu num movimento rotativo. Afinal, pensava ele, não é a culpa do chefe da polícia que ele devesse fazer esse passeio molhado. Normalmente naquelas administrações não se

¹ Prato tradicional suíço a base de batatas cozidas e coradas na frigideira.

prestava atenção a cartas anônimas, no caso em questão era preciso, pois suspeitava-se de uma estória enrolada. Não parecia claro o modo de focar o caso; será que tudo não passava de uma tentativa de ridicularizar a administração? Nesse caso, a maior cautela se impunha. Ou será que a carta anônima ia provocar um julgamento sensacional com a presença de jornalistas de fora? Então era possível conquistar até a glória internacional. Nada mal. Meu Deus! afinal, a gente não precisava desse tipo de reconhecimento. A reputação já estava feita nos meios criminalísticos, não só em Viena, mas também em Paris. Já se conseguiu, aqui na Suíça, a captura de uns criminosos internacionais, metade espíões metade arrombadores. Isso devia ser o suficiente, sobretudo ao pensar que a aposentadoria devia chegar – dentro de cinco anos, e cinco anos a gente ainda devia aguentar. Ver o seu nome com citações lisonjeiras nos jornais não seria desprezado pelo ego. Ler-se-ia no «Journal», por exemplo: “Le distingué inspecteur de la sûreté Studer, dont le talent remarquable est bien connu dans les milieux policiers...”, tudo acompanhado de uma fotografia. Sim, os franceses sabem dessas coisas, já a imprensa suíça é bastante avarenta em louvores. Agora aparecia um palheiro à direita do caminho. Studer pensava em abrigar-se ali um tempinho e procurou o bolso superior do impermeável. Ainda bem que a mulher pensara em colocar uma garrafinha de conhaque no bolso, devia estar temperado pelo calor do corpo. Com o dilúvio em volta de si, um fortificante não devia ser desprezado. Studer entrou no palheiro; a palha estava seca e ele retirou um punhado. Limpou os sapatos, secou as mãos e retirou do seu bolso a carta que provocara o aborrecimento do chefe da polícia. Pouco estava escrito:

«O camponês Berthold Leuenberger está enterrando sua quarta mulher. Ele tem sessenta anos e suas três últimas mulheres faleceram num prazo de dois anos. Eram sempre jovens. Ele disse que a água de sua fazenda era ruim. Muitos pensam em outras coisas. Quando a justiça vai se manifestar? Se sua água é ruim, por que ele nunca adoeceu, nem seu gado, nem seus peões? De novo, ele dá voltas, como um leão que solta rugidos, para ver quem ele pode atacar. Mas a justiça de Deus está acima dele se a justiça dos homens falhar!»

A escrita era dissimulada, o papel de má qualidade, pautado, como se fosse de um caderno escolar. A conclusão da carta fazia pensar que o autor devia ser um papa-hóstia, alguém que conhecia a bíblia. Estranho, em três anos, três mulheres. Mas as certidões de óbito deviam estar corretas. Em colaboração com seu superior, ele

verificara quem as assinara: um médico meticoloso. Trabalhara em outros tempos no hospital, a polícia já tivera vários contatos com ele por causa de acidentes; um homem acima de qualquer suspeita. Mas é sabido como as coisas se passam no consultório de um médico de aldeia: falta de tempo, visitas a doentes em fazendas distantes... e errar é comprovadamente humano.

De novo, Studer pegou a estrada; o céu clareou um pouco, a chuva parou e uma neblina branca e densa envolveu a paisagem. A neblina era tão compacta que Studer demorou para distinguir as casas da aldeia Walkringen. Um menino, cujos calções chegavam à batata das pernas, calçando sapatos de madeira, cruzou com ele. “Onde é o boteco?” perguntou Studer. O menino, primeiro arregalou os olhos, depois indicou, com uma mão suja de garoto, o caminho para frente; então fez um gesto indicando que seria para a esquerda e mostrou os cinco dedos da mão. “Você é surdo?” O menino afirmou com a cabeça; portanto, devia ser a quinta casa à esquerda, pensou Studer e continuou seu caminho com dificuldade.

A sala do boteco que se comunicava com uma pequena mercearia, era pouco espaçosa e bastante escura. Devia ser perto de meio-dia. Studer tirou o impermeável pingando, o paletó, cujas mangas estavam úmidas também e sentou-se. Depois, tirou o relógio de bolso (um relógio fino, de ouro, um presente por seus vinte anos de serviço), eram dez horas. Cedo. Ele dispunha de tempo. A sala continuava vazia, ninguém apareceu. Havia um fedor repugnante no ar (ainda mais para um estômago vazio) de cerveja velha e de fumo de pipa frio. Afinal, apareceu uma moça que, de má vontade, parecia arrastar as chinelas no chão. Studer pediu um copo de vinho tinto e uma porção de presunto. Este era de boa qualidade e ele colocou muita mostarda; o vinho também não era ruim. A sala estava aquecida, o ar úmido de fora não conseguia atravessar as janelas. Studer começou a sentir-se bem e seus olhos brilharam. Pensou numa maneira de aproximar-se da moça. A garçonete já devia ter trabalhado na cidade. A permanente já velha e a seda artificial da roupa o confirmavam. Seria um erro psicológico convidar uma garçonete de aldeia para beber algo, mas neste caso era possível arriscar-se. A moça estava engomando aventais perto do fogão, cujo carvão vinha da cozinha. Studer bateu a mesa como se esta fosse uma porta. Ele se parecia com um sério viajante a negócios que buscasse uma distração, mesmo que a distração desta vez exigisse um certo esforço. Ao ver a moça aproximar-se de maneira desconfiada, perguntou se ela

gostaria de tomar alguma coisa, já que estava tão frio lá fora. A moça escolheu um vermute e pegou a garrafa poeirenta. Disse: “Com licença”, “se for permitido” e levou sua magreza bastante perto do delegado. A conversa descontraíu a atmosfera. Studer deixou o tempo passar (era preciso ter o tempo necessário); adubos seria o seu negócio; o preço de um produto seria particularmente em conta, um adubo de fosfato, mas gostaria de ter informações sobre os habitantes dos arredores. Tinha deixado o carro perto da estação porque o caminho estava em mau estado. Falou como uma torrente, cansando a moça que bocejou. Isto é bom. Se ela bocejava tão honestamente, era porque acreditava na sua estória. E, com prudência, ele começava a fazer perguntas sobre os fazendeiros da aldeia: quem teria a maior fazenda e quem poderia ser o melhor cliente; mas ele só queria saber quem teria dinheiro em casa. Alguém lhe teria indicado o Berthold Leuenberger, dono de uma grande fazenda; as grandes fazendas estariam, muitas vezes, endividadas. Queria saber se valia a pena procurá-lo. Acrescentou que a moça estava bem vestida; logo se via que ela não era dali, que tinha boa educação, bastando ver como ela segurava o copo. Tudo isto saiu como uma torrente de palavras provocadoras de sono, sobretudo os cumprimentos. Studer notou um tremor silencioso sacudir o corpo magro quando mencionou Leuenberger. Cortou o presunto com a faca. Bem, então valia a pena visitar Leuenberger primeiro? Ele frequentava o boteco? Um brilho estranho apareceu nos olhos descorados da moça. Leuenberger jantou aqui depois do enterro. “Enterro?” perguntou o delegado, “quem faleceu?” “Sua mulher”.

Portanto não deveria ser o momento propício para visitá-lo. A moça riu, esvaziou o copo e, confiante, perguntou se era permitido repetir a dose. O delegado concordou com a cabeça. Era bom ter essa aí meio bêbada.

Ele continuou investigando. Então Leuenberger estava de luto. Qual a idade dele? Quer casar de novo? Primeiro, a moça resistiu. Oh, deve haver uma que não acredite em tudo; uma que tenha coragem. Mencionou que Leuenberger passava bastante tempo no boteco quando a mulher ainda estava viva e que uma mulher poderia ser feliz ao seu lado. Que homem, esse camponês, pensava o delegado; enterrar quatro mulheres ainda não era o suficiente; a última ainda viva e já pensava na continuação; em fazer estoque. Quase se descontrolou e quase perguntou se ela não tinha medo de que as mulheres de Leuenberger tivessem sofrido uma maldição; mas conseguiu evitar a observação. Ele examinou atentamente o rótulo de um charuto (odiava acendê-los do

lado errado), e calou-se. O silêncio era oportuno. O vermute fazia seu efeito; as palavras saíam da boca da garçonete como água de uma boa fonte. Sobretudo não interromper. Lembrou-se vagamente de um promotor que, no início de sua carreira, o aconselhara a calar-se quando o outro começasse a falar. Ele não precisava mais deste conselho; já sabia que, num interrogatório, o silêncio podia ser um meio de pressão mais forte do que instrumentos de tortura.

O delegado foi informado o suficiente para fazer uma imagem bastante precisa de Leuenberger. A moça o descreveu bastante bem; parecia um homem grande e magro, com os cabelos ainda escuros, apesar da idade. Nenhum pelo no rosto, a barba era sempre bem-feita. Vivera trinta anos com sua primeira mulher. O casal não tivera filhos. A mulher morrera de pneumonia dez anos atrás. Era uma beata; o fazendeiro, ao contrário, nunca era visto na igreja. Depois da morte da mulher, ele continuou só; tinha uma empregada e três peões para os trabalhos da fazenda. Além disso, tinha má reputação; um pacto com o diabo, ou algo assim. A moça riu e um dente de ouro apareceu (coisa sem valor, pensou Studer, produto de uma clínica dentária qualquer); ela não acreditaria naquelas estórias; no entanto, era verdade que muita gente o consultava quando havia doenças no gado, ou quando o médico não sabia mais ajudar os doentes da família. Mas o Leuenberger se entendia bem com o doutor, disse a moça; cada vez que uma mulher estava doente ele consultava o doutor Pfister; este atendeu umas duas vezes quando Leuenberger o chamou, porém nunca diagnosticou algo de sério. Colite, com as três mulheres; houve uma vez em que acreditou que a segunda mulher contraíra tifo, mas não dava mais para dominar a doença; a mulher já se foi. Sim, odeiam o Leuenberger, sobretudo os papa-hóstias; são eles que divulgam a lenda de que haveria um pacto com o diabo; como se ele existisse, o diabo! De novo a moça riu, não era ignorante, disse. Antes de chegar àquela aldeia, tinha um bom emprego na cidade; agora tinha de viver onde Judas perdeu as botas, com os caipiras. Mas com Leuenberger seria outra coisa; o melhor dos arredores, sempre educado, ele a chamava “senhorita Rosa” e não só “Rosa”; uma vez perguntara se queria ser sua mulher, caso se tornasse de novo viúvo. Por que não? Não tinha de acreditar em tudo que se falava e não tinha medo. Como mulher de Leuenberger, ela estaria ao abrigo de preocupações, teria uma boa situação; ele tinha prometido que ela poderia dar uma volta até Berna quanto quisesse e já pensava em comprar um carro. Teria a ocasião de visitar as antigas amigas, triunfar

sobre elas; valeria enfrentar o diabo, ou sua avó. Mas agora tinha de ajudar na cozinha, estava surpresa que a patroa ainda não viera buscá-la; tinha de ajudar na preparação do almoço. Se o senhor quiser comer aqui... Sim, disse Studer. Voltaria ao meio dia e meia para almoçar; agora ia visitar pessoas por causa do adubo.

O paletó estava seco. Fora, o sol lívido se esforçava para beber a neblina, parecida com leite; não conseguiu, pois havia demais; renunciou. O esforço do sol tornou-o quase vermelho. O delegado Studer pegou a rua principal da aldeia, viu as poucas casas à esquerda e à direita; entrou em várias com o ar inocente de um viajante a negócios, fazendo o elogio do adubo. Às vezes, quando a mulher estava só e o marido no bosque, cortando madeira, era convidado a entrar na cozinha; não era difícil fazer com que as mulheres falassem do assunto que o interessava. Conseguiu unicamente filtrar duas coisas de todas aquelas conversas: as mulheres estavam com medo de Leuenberger; elas acreditavam que ele matara três esposas. A carta anônima era assim explicada, mas não se podia prender alguém se baseando exclusivamente em evidências. Studer sentia-se inseguro. Conversas de mulheres de aldeia, pensou ele, e viu o bonito julgamento dissipar-se, como a neblina diante dele. Ela serviu para esconder duas árvores vermelhas e brilhantes. Estavam como em brasas e evocavam minério líquido. Uma associação de ideias fez com que Studer pensasse no inferno tal como imaginava quando criança.

Aquelas mulheres falaram demasiadamente do diabo durante a manhã. Ainda criança, Leuenberger já teria sido alguém de estranho; teria enxergado mais do que os outros. Uma vovó muito velha lembrava do Berthold quando ele tinha onze anos. Uma vez, o dia dos dez mil cavaleiros, ele voltou para casa esgotado e emocionado, quase perdendo consciência. Teve febre à noite. Naquele estado, não parou de falar de um cavaleiro de preto que andava a cavalo; o cavalo também era preto, andava em volta de uma forca. O cavaleiro, montado no cavalo, não tinha cabeça, mas sempre fazia sinais com a mão ao jovem Leuenberger. Aquele dia mudou-o; nunca mais foi o mesmo. Tornou-se um grande leitor de livros volumosos que já foram de seu pai, que também era um iniciado; conseguia comunicar-se com o gado, igual ao avô de Leuenberger. Chegaram ali há gerações e ninguém sabia de onde. Talvez fossem anabatistas, opinou a velha.

Studer sentia-se um idiota; não havia laudo de autópsia e ele chegou ali sem respeitar as tramitações normais em casos parecidos. Nem consultou o médico que tratara as mulheres, para saber se por acaso observara algo de estranho. O delegado sentia-se mal; senta frio (será que o mau tempo da chegada teria provocado uma gripe?); sentia-se dividido. Ir ao botequim, almoçar e voltar para Berna, como se nada tivesse acontecido? Mas algo o reteve. Ninguém gosta de ser ridiculizado, sobretudo depois de tantos anos de serviço. Deveria ele fugir de Leuenberger? De maneira imprecisa, sem poder formular em palavras, chegou à convicção de que o frio sentido era um sintoma de medo. Que resfriado! Já fora exposto a chuvas bem piores, e durante bem mais tempo. Medo de Leuenberger! Tomou o caminho com raiva, bateu o pé, mas, cego de emoção, sujou e molhou a calça. Queria ainda ver o Leuenberger. Visões do diabo são coisas da Idade média e, hoje em dia, pertencem aos médicos dos loucos e aos relatórios de psiquiatria. Queria ainda conhecer esse Leuenberger.

Atingiu a fazenda. Studer notou que deveria ter sonhado porque as árvores vermelhas estavam ao seu lado. Portanto, não fizera nem dez passos. Avançou e a calça molhada esfregou o joelho. À sua direita havia um pomar. "Árvores velhas", notou Studer, mas os ramos inúteis foram podados há pouco tempo. O pomar provocou lembranças imprecisas. Árvores frutíferas - parasitas - pesticidas.

O que é necessário para lutar contra parasitas? Arsênico? Diante da entrada Studer ficou parado durante um momento. Lembrou-se de um julgamento; envenenamento; ele fora testemunha. Quais os sintomas de envenenamento por arsênico? Diarreia? Sim, foi o que disse o legista. Seria difícil diagnosticar o envenenamento por arsênico; os sintomas são muito parecidos com outras doenças. Só a análise de certos órgãos pode dissipar a dúvida. Seria isso um ponto de ataque? Mas por que Leuenberger (se ele for um envenenador, o que não está comprovado), por que ele matou suas mulheres? Ao que se ouviu dizer, eram todas de origem bastante modesta. Ele não ganharia nada. Por que? Ele abriu a porta; o delegado Studer adotou seu ar de negociante de adubo e entrou na cozinha. Estava vazia. Alguém tossiu na sala ao lado. Studer fez-se ouvir; ao lado, alguém se levantou e a porta que se comunicava com a sala ao lado se abriu; um senhor velho e grande apareceu e olhou o intruso.

“O que quer?” perguntou o velho. Studer já adotara seu papel e falou de adubos, de fosfato e quis saber se estava falando com o fazendeiro. Ao falar, teve dificuldade de enfrentar o olhar do outro. Era difícil, muito difícil, não baixar a cabeça, aguentar o olhar do outro. O delegado lembrou-se de um velho ditado popular “Aquele sabe mais do que só comer pão”. Studer continuou a falar, mas sentiu como o medo invadia pelas costas, subia na nuca, invadia a cabeça, atormentava-o; os olhos ficaram úmidos, teve de baixar a cabeça; então Studer calou-se.

O outro esperou, esperou um bom tempo. Depois chegou, de onde estava o velho, uma voz estranhamente penetrante, essa voz tinha um tom que provocou um tremor no corpo, não tão desagradável, quase como de uma eletricidade muito fraca. “Aproxime-se”, disse a voz, “seja bem-vindo. Não teve um tempo muito agradável para subir a montanha”. Pausa. “E chegou para louvar seu adubo. Mas isso não tem pressa. O senhor vai ficar para o almoço. Gosto de ter hóspedes quando a ocasião aparece; assim posso ouvir o que está acontecendo lá fora. O senhor é particularmente bem-vindo hoje, já que estou de luto.”

De repente, o delegado Studer não conseguia mais raciocinar com precisão. Estou me ridicularizando, pensou ele, quando passou ao lado do outro para entrar na sala. O aposento era claro e aconchegante, o sol fazia entrar uma luz amarela através dos pequenos vidros da janela. O delegado estava perturbado. Nunca encontrei alguém parecido, pensou, e sentiu-se como um iniciante, inexperiente, sem domínio da situação, pequenino, como um aluno frente ao professor. Ele fará comigo o que quiser, pensou ainda. Studer, Studer, disse a si mesmo: teria sido melhor almoçar no botequim e voltar para casa. Studer o que está acontecendo? Você já pegou gente de um outro gabarito, você vai ter medo de um camponês? Está envelhecendo, Studer, aceite a aposentadoria.

O velho Leuenberger era agradável, parecia divertir-se muito bem com esse jogo mudo. É evidente, não acreditou na minha profissão fictícia. Viu deste o início quem sou. E está tão seguro... uma segurança inabalável. O velho Leuenberger comportou-se com muita educação; convidou o hospede a sentar-se perto duma janela, instalou-se em frente e calou-se. Calou-se durante muito tempo.

Studer começou. “Então está de luto?” perguntou tão inocentemente quanto possível e levantou os olhos por um instante. O olhar do velho camponês era

insuportável. Os olhos eram semelhantes a duas pedras duras; no lugar das pupilas saíam dois raios agudos (não encontrou outra designação) que o fizeram quase chorar. E de novo Studer teve de piscar.

“Sim”, disse Leuenberger, “minha mulher foi enterrada ontem. Visitou parentes, deve ter comido algo de ruim. Voltou para casa já agonizante. O doutor a viu pouco antes, antes de morrer. Colite, sim.”. E Leuenberger calou-se de novo. Tinha as mãos na frente sobre a mesa. Mãos com dedos longos, unhas tortas, observou Studer, quase amarelas. Houve passos na cozinha. “Rösti”, gritou Leuenberger com doçura, a voz parecia muito simpática. “Vá ao botequim, diga-lhes que não precisam esperar o senhor; o senhor vai almoçar aqui”. A empregada fez o mandado em silêncio. Ela tampouco levantou o olhar.

“Então,” disse Leuenberger olhando a mesa, “quer me vender adubo... ou?” Os olhos inclinados, não havia nada de extraordinário nesse velho fazendeiro, era um velho camponês como tantos outros, com um barrete decorado com flores de seda na cabeça. Qual das suas mulheres bordara esse barrete? pensou o delegado e quis também responder; mas de novo estava presente na nuca aquela sensação desagradável, comparável com uma pancada. A gente devia defender-se; de repente, uma sensação estranha, um aviso, como se a gente tivesse olhos atrás na cabeça; atrás havia alguém com um cassetete pronto... e ele bate agora. Com medo, o delegado voltou-se. Atrás dele só havia uma pequena janela inocente. Ninguém olhava através da janela, diante dele estava sentado um velho homem, com as mãos cruzadas. Nenhum perigo o ameaçava. E mesmo assim Studer sentia-se inquieto naquela sala - os olhos fizeram com rapidez a volta do aposento. Um velho armário, um aquecedor com um assento ao lado, uma estante contra a parede, com livros antiquados dentro. O olhar de Studer parou sobre os livros. Leuenberger viu, olhou na mesma direção, inclinou a cabeça como se tivesse de responder: “Velhos livros, sim, do bisavô. Livros que não se encontram mais em outros lugares; há anotações manuscritas. Mas não gosto de mostrar.” E de novo aquele silêncio. Fora, na cozinha, barulho leve no chão, a empregada devia estar de volta. Matraquear de caçarolas, água correndo. Um galo cantou perto da janela. Nem tenho um laudo de autópsia, pensou o delegado, para pegar esse homem; o jogo deve começar. Lembrou-se de uma comparação besta, mas não conseguiu livrar-se dela: como em certos jogos de carta, o adversário tem muitos trunfos na mão, joga um depois do outro e espera ganhar

o jogo inteiro; ele só tem uma carta fraca na penúltima rodada; com dois áses na mão há de adivinhar: qual dos dois tem de guardar? Guardando o errado, tudo está perdido. Aqui temos a mesma situação. O outro tem todos os trunfos, mas tem também uma carta errada. Studer sentia isso com nitidez; então, tinha de guardar a boa carta. Se guardasse a errada, tudo seria perdido. Ele sentiu que estava travando uma luta, mas, no fundo, no seu terreno. Afinal, também era filho de camponês. Meu Deus, os cosmopolitas. Eles não são tão inteligentes, pois os maiores canhões nunca chegaram à Suíça. Mas esse camponês, esse Leuenberger o irritava; tinha de mostrar-lhe a ciência do jogo. O joga apenas começou e o que havia para ganhar? Esta vez não era uma cerveja, era mais. Distraído, Studer tirou o lenço do bolso e limpou a testa. Transpirava.

Que silêncio naquela pequena sala! Não dava para aguentar. Lá fora, o tempo começou a escurecer; a neblina deve ter voltado; não; é chuva que bate contra as janelas com doçura. Em frente dele, o homem doce com o barrete de flores bordadas. O camponês jogou o primeiro trunfo:

“Mostrou muito interesse por mim, Senhor”, disse com uma voz muito baixa, e indiferente, e ficou calmo ao falar; só durante um momento pareceu sair um raio dos olhos de pedra. “O que quer dizer?”, perguntou Studer sem refletir; teria sido melhor calar-se. Calar-se era o melhor, é o que já dissera o velho promotor. Suspirou e pensou: para um promotor é fácil falar, instalado no seu escritório; mas nós temos todo o trabalho de preparação, enquanto ele está sentado no seu trono, é ele que tem a autoridade. Queria ver um promotor na minha situação.

Mas aquele do outro lado parecia também conhecer o jogo; não respondeu à pergunta do delegado; olhou calmamente suas mãos cruzadas e calou-se. Finalmente, Leuenberger disse com sua voz sonora: “Sim, perdi três mulheres nestes três últimos anos, deve haver uma maldição sobre minha fazenda”, tinha os olhos tortos dirigidos para o hóspede, para ver como reagia à palavra “maldição”. Mas o delegado aprendeu igualmente uma lição, guardou o lenço nas mãos, cruzou os dedos em cima dele e concordou com a cabeça.

A empregada serviu o almoço, eram chucrute, salsichas, toucinhos, batatas. Havia barulho de passos na cozinha; o delegado ouviu quando os peões se sentaram, ouviu o tac tac das colheres nos pratos, redobrou a atenção para pegar algumas palavras

através da porta só encostada. Os peões comeram em silêncio. Movimentos de cadeiras, caíram fora da casa; a moça voltou à sala e tirou a mesa; colocou ali uma garrafa de aguardente e dois copos e deixou de novo a sala. Não eram copos para destilados, eram para vinho. Leuenberger encheu os dois copos e bebeu o seu de um só trago. O delegado o imitou; teria gostado de soltar uns palavrões, mas faltava-lhe ar. De alambique, parecia ácida e forte! Leuenberger ficou impassível. “Uma boa pinga!”, disse, e o delegado teve a impressão de ver um riso reprimido no rosto do adversário. Depois disso, jogou o segundo trunfo: “Por que a polícia de Berna coloca seu nariz nos meus assuntos, por que me envia um delegado? Cometi algo errado?” Era a influência da pinga, era o resultado do desdém do Leuenberger? De repente, Studer sentiu a «cuca», como ele tem o costume de dizer, voltar a funcionar normalmente. O medo desapareceu rapidamente; ele sentiu que aquele em sua frente estava no ponto certo; era só deixar o tempo agir; entrar na bebedeira com ele a tarde inteira; ainda uma vez os pensamentos fugiram e lembrou-se da sua saúde: você está arriscando um enfarte. Mas, meu Deus, pensou ainda, a criançada quase já está adulta e a patroa vai ter uma boa aposentadoria. Tirou o lenço e fingiu estar tímido; limpou o nariz antes de responder; a resposta quase se confundiu com choro:” Eh, não temos nada contra o senhor, mas sabe, sempre aparecem pessoas mal-intencionadas, recebemos uma carta, que...” pareceu hesitar, mas acabou de tirar a carta do bolso colocou-a em frente do camponês.

Agora era a vez do fazendeiro tirar o lenço; a mão parou um instante com hesitação, pois apareceram os óculos. Limpou-os e durante essa ocupação o delegado o importunou:” o senhor fuma?” e estendeu um maço de charutos Toscani. “Obrigado”, respondeu Leuenberger; pegou um e depositou-o ao seu lado; terminou a limpeza dos óculos e colocou-os no nariz de maneira complicada. Studer já ascendeu um fósforo e ofertou ao camponês; o fogo começou a esquentar os dedos do delegado, mas ele aguentou (tinha de parecer desligado), afinal o charuto acendeu e Leuenberger deixou sair pela boca uma fumaça azul como uma locomotiva nova; serviu aguardente e bebeu-a, sempre observando o delegado. “Un homme averti en vaut deux”, pensou Studer e irritou-se por ter tantas lembranças em francês. Mas bebeu calmamente a pinga e deu estalos com a língua; desta vez foi ele quem disse: “Uma boa pinga!”. Leuenberger inclinou-se sobre a carta. Estudou-a com muita atenção durante um tempo e empurrou-a em direção ao delegado. “Sim”, disse, “há gente mal-intencionada neste mundo.” Voltou

o silêncio. A chuva batia contra os vidros, reinava uma semiescuridão na sala. Os dois fumavam. Se ao menos não estivesse tudo tão silencioso nesta fazenda. Studer sentiu de novo um perigo nas costas, por isso falou como se fosse algo sem importância nenhuma: “Com esse tempo, as mulheres não devem estar bem na terra molhada.”

“Essas mulheres não me dizem mais respeito; meu vovô enterrou seis.”

“Uma verdadeira família de barba-azuis” disse o delegado, mas arrependeu-se no mesmo instante; estava com vontade de bater sua própria cabeça. Dizer besteiras assim. No entanto, pareceu que a reação era certa. Na comissura da boca do outro apareceu um tique difícil de ver; as comissuras estavam tremendo. Desta vez foi Studer quem pegou a garrafa para servir; não era o que os bons costumes permitiam, sabia, mas que os bons costumes fossem para o diabo; agora tinha de acabar com ele, acabar como um martelo sobre um ovo. “Saúde”, disse. O camponês hesitou, mas bebeu finalmente; de nova, foi Studer quem se permitiu dizer: “Uma boa pinga!”. Nesse momento Leuenberger levantou-se, acendeu a luz. O delegado quase manifestou sua surpresa: os olhos do outro não eram mais de pedra, eram de água; os olhos eram úmidos! Bem mais tarde ainda o delegado continuou acreditando que soube calar-se no momento certo, embora... Leuenberger não voltou a sentar-se; a voz estava estranhamente quebrada; disse que ainda teria uma pinga bem melhor e se pudesse sair para buscá-la. Estranho o tom submisso da pergunta. O delegado fez um gesto afirmativo. Fingiu estar indiferente, mas, na verdade, sentiu náusea e estava perto de perder a consciência. Apertou os dentes, limpou o nariz de tal jeito que teve a sensação de que a cabeça iria explodir; agora não era o momento para desistir, pensou, senão tudo fora em vão; cuidado agora! Foi o que Studer gritou interiormente para si mesmo. E ajudou. Leuenberger saiu e ficou ausente durante um bom tempo; o delegado teria gostado de sair para aliviar-se, mas aguentou, como um soldado numa missão impossível.

Finalmente o camponês voltou. Segurava numa mão uma pequena garrafa coberta de poeira. Na outra mão, o fazendeiro segurava ainda o saca-rolhas. Seria esse o fato que provocou suspeitas na cabeça do delegado? Mais tarde foi incapaz de afirmá-lo. Mas Leuenberger errou uma segunda vez; disse: “Já bebi bastante, experimente sozinho, senhor.” Então o outro se traiu; agora sabe-se qual a carta a segurar, o delegado o sentiu; pegou tranquilamente a garrafa e o saca-rolhas, retirou cuidadosamente a rolha, tampou

a garrafa e a fez desaparecer no seu bolso, onde estavam os charutos. Disse com uma voz neutra (voltou a ser o delegado Studer, uma autoridade):” Prefiro entregar essa garrafa à polícia científica”. Durante um momento Leuenberger continuou de pé, direito como uma vela; depois sentou-se, apoiando a cabeça num punho. “Era só para poder voar”, disse Leuenberger, como se estivesse num sonho.

O delgado calou-se, será que ele queria interpretar uma comédia? Que começasse a falar; e se não houvesse uma confissão válida, poderia pedir-se uma exumação; afinal o delegado Studer guardara o ás certo, mas, pelo amor de Deus, não falar. Teve um pouco de piedade do homem, talvez tivesse uma doença mental. Mas no meio de sua piedade penetrou o barrete de flores bordadas. Os dedos que o bordaram não existem mais. Talvez aqueles dedos lutassem contra a morte, e ninguém ajudou os dedos. Sem dúvida, o delegado estava igualmente embriagado para ter pensamentos parecidos. Agora foi o outro quem começou a falar: “Sim, para voar. O vovô escreveu isso no seu livro: depois de sete mulheres falecidas, tem-se o poder, o poder de voar. Ele quase conseguiu, mas a sétima o enterrou. Senão... ele teria voado.”

“Mas criatura”, gritou o delegado (gritou realmente, uma estória tão louca depois de toda a pinga durante a tarde). “Mas criatura, e os voos nos Alpes? Pode ir voar em qualquer aeroportzinho!”

Por isso, o Leuenberger olhou o delegado com uma arrogância infinita, seus olhos eram de novo de pedra, e muito baixo, usando sua velha voz sonora, disse: “E a imortalidade? Posso comprá-la também num aeroporto? Está escrito: voarás até o fim do mundo e nada te será escondido.” Levantou-se num sobressalto, buscou um dos velhos livros na estante e o abriu. O delegado leu com dificuldade o que estava escrito em letras à maneira antiga. Efetivamente, estava aí. “Até ao fim do mundo.”

Studer segurou o livro debaixo do braço. “Venha comigo, Leuenberger”, disse quase com doçura. “As coisas vão-se arrumar.”

Desceram da montanha, atravessando a aldeia silenciosa. O Leuenberger não fez resistência alguma. Com uma mão agarrou-se ao delegado, e a outra segurava o velho livro. Depois de um telefonema para Berna, o delegado entregou-o na cadeia da cidadezinha perto da aldeia.

Mas o delegado Studer não conseguiu a glória bem merecida, o “Journal” não publicou sua fotografia, nem os apostos lisonjeiros que os franceses sabem tão bem usar; a razão foi que Leuenberger enforcou-se ainda na mesma noite. Ninguém sabe se, afinal, sua alma aprendeu a voar.

O INTERROGATÓRIO

Vossa Excelência é um homem poderoso como Promotor. Um aceno da sua mão e todos os torturadores desaparecem. Vossa Excelência nem imagina meu sofrimento nestas últimas horas. Eram seis que me perseguiram e me torturavam, me torturavam com perguntas, torturas piores do que aquelas da Idade Média, como o funil de água, por exemplo. Eles me deixaram sofrer sede... minha boca está seca. Mas, Vossa Excelência, como Promotor, só precisa decidir e os torturadores desaparecem, como já foi dito: um movimento da sua mão é suficiente...

Não, Vossa Excelência não deve pensar que eu seja mexeriqueiro. É só uma reação. Imagine qual seria sua reação se Vossa Excelência devesse comparecer perante um tribunal revolucionário e seus inquisidores fossem aqueles arrombadores, vagabundos, beberrões que comparecem habitualmente perante Vossa Excelência. Vossa Excelência imagina que essa gente lhe reservaria um tratamento indulgente? Não acredito. E seus delegados, investigadores, agentes secretos (não conheço nem a hierarquia nem os títulos dessa gente) são para mim povão, plebeus, canalhas, como se dizia em outros tempos. Para esses aí é um prazer maltratar um homem refinado, alguém que veste paletó feito sob medida e calças perfeitamente engomadas. Tenho razão, não é?

Vossa Excelência fica mudo. Seu silêncio é um prazer, depois do barulho causado pelos subalternos. Às vezes, havia três em volta de mim, cuspidando perguntas no meu rosto. No início, tentei responder, depois desisti. Bom, para que? São os proletários da justiça.

Minha boca está seca, o que causa dificuldade para falar; não comi, nem bebi nada desde ontem à noite. Se Vossa Excelência tivesse a gentileza de me oferecer um copo de água?...

É muita gentileza de sua parte providenciar vinho e uma refeição. Vossa excelência vai notar, uma vez recuperado, serei capaz de lhe expor meu caso com tanta clareza que Vossa Excelência só pode me soltar.

Sou um grande empresário, Senhor Procurador; minha cidade até me outorgou, um dia, o título de prefeito honorífico. Fiquei com o título porque, por princípio, não me preocupo com política. Também não tenho carteirinha de nenhum partido e, assim, minha palavra tem peso quando, por exemplo, dois partidos têm a mesma força numa eleição. Falo disso apenas em caráter informativo, para que Vossa Excelência possa fazer uma imagem de mim, do meu caráter. Solicito a Vossa Excelência não acreditar que minha ideia tenha sido provocar um efeito “sabe com quem está falando”, mas ao ver meu colarinho rasgado, meu vestuário desarrumado, sinto-me na obrigação de me apresentar tal como sou na verdade.

E esse delegado careca, se for delegado, ousa chamar-me de assassino, eu, uma pessoa idônea, eu, que sempre estou em dia com os impostos (embora, as exigências da empresa impeçam, às vezes, diligência nesses assuntos), eu que sou um capitão da indústria. Assassino?!

Não só uma vez. Não! Várias vezes me gritou essa palavra, cochichou-a no meu ouvido. Eu, assassino. Excelência, eu, tenho aparência de... Ah, estão trazendo o vinho e sanduíches também. Espero que o Senhor Promotor também se sirva. Tenho a convicção de que Vossa Excelência ainda não tomou o café de manhã. Foi despertado tão cedo hoje, eu sei, eu sei.

Consciência do dever... Isso, conheço. Nem ousou pensar nas noites sem sono que passei para imaginar melhorias na minha empresa, para cogitar como facilitar o trabalho... É, o dever...

Evidente, o café é para Vossa Excelência, vai precisar dele. Se Vossa Excelência pudesse reservar-me um pouquinho... estou com medo de que o vinho me dê sonolência...

Gostaria, igualmente, de ter minha cigareira, por favor; ela está ao seu lado, seus subalternos a confiscaram, como se contivesse uma arma perigosa. Ha ha... o que pode conter minha cigareira, senão cigarros, não é?

Será que seus subalternos suspeitaram da presença de dinamite nela?

Vossa Excelência tem razão, devemos ser sérios, nada de brincadeira... Devo-lhe ainda a estória, minha estória, a estória da minha aventura. Permita-me ainda perguntar seu nome? Talvez minha pergunta esteja deslocada; suponho que os criminosos que Vossa Excelência habitualmente interroga devem conhecer seu nome. Talvez Vossa Excelência seja uma autoridade na sua área, mas deve considerar que sou leigo em assuntos de justiça, antes de tudo no direito penal; já o direito civil, conheço bastante. Todo meu conhecimento de criminalística vem de romances policiais que a gente lê em viagens. Em outras palavras, são poucos conhecimentos.

Então, como?... Forcade? nome estranho, evoca associação com força, Vossa Excelência não acha?...

Bom, minha estória. Então, tive a intenção de tomar o trem da noite para a Itália. Não aguento o avião e o carro não serve nesta época do ano, devido à condição das estradas e à neve nos desfiladeiros. Então comprei uma passagem da segunda classe, não sou exigente. Quase sempre vou na terceira, porque, no fundo, Excelência, sou um democrata. Mas para uma viagem noturna a segunda classe se justifica, para não chegar cansado.

Com certeza, teria sido mais adequada uma passagem de vagão-leito... mas que fazer? em tempos de crise devemos fazer economias... Sim, o negócio com a Itália foi importante, minha presença foi requerida, senão teria delegado a um executivo... Minha mulher me acompanhou até à estação depois de termos jantado na cidade... Sim, minha mulher é bem mais jovem do que eu. Vossa Excelência vê como parte dos meus cabelos já são grisalhos; devemos ter aproximadamente a mesma idade, Excelência... eh... qual é seu nome?... algo como força... não, não é força... esqueci; não me lembro, enfim, não é importante; então devemos ter a mesma idade, Excelência... É isso, Senhor Forcade...

Casamento por amor. Minha mulher tem vinte e nove anos, mas parece mais jovem. Bom; ela usa maquilagem e isso deve ter também sua influência. Formamos o casal mais em harmonia que Vossa Excelência possa imaginar; não há lugar para disputas. Temos um filho de cinco anos, um garoto que se chama Lovis. Gosto do nome. Um dia será talvez artista... embora, a arte em nossos dias... Que dizer ainda? Gosto de ler, tenho uma linda coleção, apenas gravuras, tenho umas provas de Whistler, verdadeiras joias, lhe digo.

Não! Vossa Excelência também é colecionador? Vossa Excelência deve visitar-me um dia e não há problema para hospedá-lo; vou mandar meu motorista para buscá-lo, não se oponha, por favor, Senhor Procurador, devo testemunhar meu reconhecimento por sua gentileza; e minha mulher também vai alegrar-se. Ela gosta muito de receber, assim como eu, e não há alegria maior neste mudo, do que receber amigos em casa.

Então, minha mulher acompanhou-me até à estação. Chovia. Uma verdadeira chuva de novembro, como aquela que bate agora contra as janelas. Instalei-me num compartimento vazio, depois busquei o inspetor e coloquei uma moeda de cinco francos em sua mão, pedindo para não deixar entrar nenhum outro viajante no meu compartimento; se conseguisse, teria direito à mesma quantia em minha estação de destino. Tive sorte, o moço conhece a vida, fez desaparecer a moeda como se fosse mágico e despediu-se como se eu fosse o chefe supremo do exército! Minha mulher subiu no vagão comigo e demos uns passos pelo corredor. Ali, um senhor atraiu minha atenção; sentado sozinho num compartimento; ele escondia o rosto atrás de um jornal. Disse para minha mulher: Irene, esse homem me parece estranho, como se quisesse esconder-se da polícia. Certamente queria atravessar a fronteira, Vossa Excelência ainda não conseguiu a identidade dele?... Por enquanto, não? Vou esperar confiante. De qualquer jeito, não o conhecia, nem mais tarde, quando vi seu corpo...

Por que estou insistindo nisso? Mas não estou insistindo em nada, Senhor... êh... Procurador; seu ouvido é aguçado por causa da desconfiança constante. Um acusado se serve de qualquer defesa, não é?

Minha mulher desceu do vagão, nós nos despedimos com carinho; afinal, é raro que viaje sem sua companhia. Mas dessa vez o Lovis estava com amigdalite e minha mulher estava com medo de deixar o filho; as mulheres são assim. É o destino dos maridos, ficar no segundo plano perante os filhos; deve ser o instinto materno. Mas estou desviando do assunto.

Suavemente o trem começou a partir; estava na janela e fazia sinais para minha mulher. De repente, uma velha abre a porta com força. Vi que ela estaria menos deslocada na terceira classe e, imagine, ela empurrou duas crianças para o compartimento, parecendo ter dois e três anos. Atrás daquele grupo aparece o inspetor, querendo expulsar a mulher; fiz que ele entendesse que isso não era necessário. Penso

que a velha dama (estou empregando dama como eufemismo, era mulher de um trabalhador, talvez de um pedreiro, querendo ir à Itália com os netos); poupou durante muito tempo para viajar na segunda classe. Então, faço sinal ao inspetor para desistir e, ao mesmo tempo, comecei a pensar no senhor atrás do jornal. Dois homens deviam entender-se num compartimento, pensei. Então, peguei minha bagagem e mudei-me. Afinal, quem gosta de viagem noturna com crianças?

Portanto, instalei-me perto do senhor com o jornal. Penso, agora, se eu tivesse aguentado viajar à noite com crianças... Agora não estaria aqui. Mas, tenho certeza, todas as dúvidas vão-se dissipar e vou deixar esta sala de cabeça erguida, não é, Senhor... Senhor... Promotor?

O senhor com o jornal, não vejo outra designação para ele, o senhor com o jornal continuava escondido atrás das folhas. Era o *Temps* que ele lia, se isso interessa a Vossa Excelência. Jornal prático para se esconder, o formato é muito grande.

O senhor com o jornal estava no assento perto da janela, virado para frente. Não olhou quando entrei no compartimento, nem olhou quando pedi desculpas, pois pisei nos pés dele. Apenas murmurou algo entre dentes, que não entendi. Coloquei a mala no bagageiro e me sentei no outro lugar perto da janela. Penso ainda como é desagradável viajar num assento virado para trás, já tive tonturas em outras ocasiões. Mas se isso acontecesse, podia deitar-me com o rosto no sentido do andamento do trem, e assim, tudo ia-se arrumar. Vossa Excelência vê que me lembro com precisão dos meus pensamentos; então, como iria errar em relação a uma coisa tão séria como essa acusação? Eu, homem de negócios, conhecido por ter uma excelente memória. Conheço um sistema mnemotécnico, mas creio que não é o momento de discutir isso agora.

Excelente, este vinho... Desculpe, Vossa Excelência fez uma pergunta, não prestei atenção... Não, Senhor... Eh... Senhor For... Senhor Promotor, por favor, não pense sempre no pior; não, não estou pedindo para repetir a pergunta a fim de ter mais tempo de refletir sobre a resposta... Mas depois de seis horas de interrogatório, e que interrogatório! o cérebro está cansado e não reage tão rápido como de costume...

Vossa Excelência quer saber se o outro tinha bagagem. Um momento, por favor; aqui dentro está tudo memorizado, gravado, deveria dizer. Mas, Vossa Excelência sabe

como são as coisas. Acredita-se conhecer uma gravura e, quando a reexaminamos, ela parece nova, aparecem certos detalhes, traços refinados que, à primeira vista, passaram despercebidos... Isso não tem relação com sua pergunta?...

Por favor, Excelência. Devo acionar minha memória, para me lembrar de certos detalhes; meu olho interior deve reexaminar o compartimento como uma gravura... só depois posso responder. E não esqueça, estou confuso por causa de seus subalternos... Eles também fizeram essa pergunta... Tanto quanto me lembro, ele tinha uma pequena bolsa amarela, couro de porco. Verdadeiro couro de porco, ainda tenho o cheiro no nariz... com precisão, agora... Sim, me lembro com precisão; quando voltei, quando o incidente... o assassinato aconteceu na minha ausência e quando voltei nem pensei mais nessa bolsa. Mas meu subconsciente a registrou, porque agora me lembro do bagageiro vazio... A bolsa não foi encontrada?... Isso fortalece minha teoria de que se trata de um latrocínio comum. Talvez houvesse objetos valiosos na bolsa...

Obrigado, Senhor Procurador, apenas uma colher de açúcar... Em geral bebo café sem açúcar, mas hoje faço uma exceção. Sem querer bajular, sua observação testemunha um dom extraordinário de estabelecer ligações entre fatos, de combinar... Com certeza, o conteúdo da bolsa poderia revelar pistas; com certeza, se a bolsa fosse encontrada com alguém, esse alguém deveria ser culpado. Toda a dificuldade está aqui. A bolsa não foi encontrada até agora?... Nem pistas dela?... Nos depoimentos das testemunhas talvez; do condutor, por exemplo?... Não me diga!... Não, isso, os seus subalternos não me informaram... O depoimento do condutor me incrimina ainda mais? Ele pretende que ninguém mais teria tido a ocasião de entrar no compartimento?...

Como ele pode estar com tanta certeza? Lembro-me agora da crítica sobre um livro que li uns tempos atrás. O livro tratava da fragilidade dos depoimentos das testemunhas. Um professor montou, uma vez, uma pequena comédia para seus alunos. Depois, pediu que eles relatassem a comédia por escrito... Sim, sim, tenho certeza de que Vossa Excelência leu o livro inteiro e não apenas a crítica, como eu. Mas Vossa Excelência também tem reservas sobre certas testemunhas, sobre uma testemunha do tipo que se deixou corromper por mim e, depois, mostrou-se incapaz de merecer o numerário? Talvez ele estivesse num esconderijo bebendo cachaça, em vez de trabalhar, e agora quer mostrar serviço às minhas custas.

Não, não estou exaltado, continuo com calma. Mas quero dizer uma coisa com franqueza: a justiça se serve de métodos iníquos.

Indiferença é prova de culpa, exaltação é prova de culpa, o réu pode comportar-se como quiser, sempre está errado e seu comportamento é interpretado a seu desfavor. Isto é errado, fundamentalmente errado. Vossa Excelência quer, quer encontrar a verdade, não é? Não é! Vossa Excelência não quer encontrar a verdade, quer encontrar um culpado...

Acredito facilmente que todos os prisioneiros empreguem as mesmas palavras. Meu Deus, nós não dispomos de fórmulas e fraseologias jurídicas para exprimir fatos simples de maneira complicada...

Estou ainda desviando, segundo sua opinião. Mas a culpa é sua. Vou continuar.

Retirei os sapatos para calçar as sandálias que Irene me deu de presente no Natal passado, vesti também um roupão de banho e coloquei a carteira no bolso interior. Nesse momento, minha mão tocou em minha pistola, retirei-a do bolso (não havia lugar suficiente para ela e a carteira) e coloquei-a debaixo do travesseiro. Ao fazer tudo isso, dei uma olhada no meu companheiro de compartimento; ele continuava do mesmo jeito, atrás do seu jornal; portanto, ele nem viu minhas precauções. Perguntei com educação se podia fumar. Sem um cigarro não posso adormecer. A resposta foi mais adivinhada que compreendida. Creio que houve um gesto de cabeça e um som nasal como in, in. Interpretei a resposta como uma permissão e fumei meu cigarro.

Teria sido fácil, muito fácil, observar-me através do vidro da porta.... Isso também é digno de seu dom de combinar os fatos, Senhor... Senhor Promotor. Efetivamente, o único fato concreto nessa estória é que o assassinato foi cometido com a minha pistola. E que ela tem unicamente minhas impressões digitais... mas isso não é estranho, quando voltei, peguei-a no chão...

Sim, mas para Vossa Excelência é fácil dizer que teria sido mais adequado deixá-la no chão. Foi um reflexo. Vossa Excelência não reage da mesma maneira quando vê algo de conhecido no chão? É como um instinto... Não pode me pendurar numa corda por causa disso, Senhor Forca, desculpe, Senhor Forcade.

Então, o fim não leva mais muito tempo. Decidi ir ainda ao banheiro antes do trem chegar na próxima estação. Abri a porta e andei no corredor sem encontrar ninguém, pode acreditar. Minha ausência durou uns dez minutos; lavei as mãos e os dentes (saliento ainda uma vez como me lembro bem dos detalhes, mesmo insignificantes), depois voltei pelo corredor. Notei que as cortinas dos compartimentos já estavam fechadas e consultei meu relógio. Eram oito e meia; segundo meus cálculos deveríamos chegar na próxima estação dentro de uns quinze minutos. No meu compartimento, a cortina também já estava fechada. Foi uma surpresa para mim, porque não fui eu quem o fez. Então pensei que meu homem com jornal conseguiu livrar-se do *Temps* e isso era bom, porque assim podia-se desligar a luz e dormir. Estava cansado, pois de manhã me levantara cedo para resolver vários assuntos.

Silenciosamente, abri a porta, a luz era clara, o travesseiro deslocado e a pistola no chão, como já disse.

Onde?... Um instante... estava perto dos pés do homem, que estava sentado no seu canto com a boca aberta; o jornal estava aberto sobre os joelhos; o jornal tinha um buraco redondo...

Aliás, ali está o jornal... e vi pela primeira vez o rosto do meu homem com o jornal. Um rosto comum, bem barbeado, ainda bastante jovem; ao lado da mão esquerda do morto havia um par de luvas de camurça...

Não, além disso não notei nada...

Com certeza, não, Senhor Promotor, não havia mais outro objeto. Seu casaco estava inteiramente aberto, como se alguém o tivesse revistado com pressa... Por que Vossa Excelência me faz a mesma pergunta pela terceira vez? É uma armadilha?... Faça suas perguntas; alguém como eu, com a consciência tranquila, não precisa ter medo...

Pedaços de papel?... Não, não vi pedaços de papel... Por que não tive chance?... Não entendo o que Vossa Excelência quer dizer... Tudo isso me parece estranho; por favor, Vossa Excelência tem fósforos?... Obrigado...

Onde... onde... Vossa Excelência encontrou isso? Mas é... a cabeça de... Não, não conheço essa senhora. Quase me enganei, primeiro pensei que fosse Irene; os traços

são um pouco parecidos, não posso negar. E esse pedaço de papel, precisamente com esse rosto, foi encontrado no compartimento? Incrível...

Não conhecia aquele homem e o repito tantas vezes quantas forem necessárias... O Senhor... Promotor, Senhor Forcade está insultando minha mulher; não, não; minha mulher não tinha um amigo; assim, estou defendendo com veemência tal insinuação. Realmente, parece que Vossa Excelência quer continuar no caminho de seus subalternos. Vossa Excelência pensa que, no meu caso, a gentileza seja o meio de tortura mais adequado... É por isso que Vossa Excelência providenciou vinho e sanduíches para mim... Há há, agora sei, eu sei; fingimos ser mais civilizados que os Índios. Mas quando somos convidados dos pretensos selvagens e quando aceitamos pão e sal, somos verdadeiros hóspedes, intocáveis... Eu aceitei seu pão e seu sal; sou seu hóspede, Senhor, mas Vossa Excelência abusou da hospitalidade...

Está rindo com malícia... Vossa Excelência ainda esconde surpresas... Pode abrir seu jogo, estamos a sós, e se eu lhe... mas isso não faz sentido. Vossa Excelência não tem o escrevente à sua disposição? Talvez não conseguiu se levantar? Afinal, posso contar-lhe o que quis: enrolar com uma falsa confissão, só para ter direito de dormir; já estou fechando os olhos; uma falsa confissão, o que Vossa Excelência acharia disso? E depois, amanhã, revogar. Um bom advogado sabe trabalhar com uma situação dessas... Tópicos como: tortura psicológica, interrogatório demorado... interrogatório ilegalmente demorado, meu cliente não teve outra escolha, senão confessar...

Vossa Excelência já pensou no impacto disso na opinião pública? Hein? A justiça não tem boa reputação... Continue perguntando, estou seguro, estou inocente, nada me pode acontecer...

Vossa Excelência fica mudo um tempo... Não quero interromper sua meditação...

Mas Vossa Excelência não acha que já é tempo de ir recolher-se? Lá fora, em cima dos telhados, o dia já está aparecendo... Não há aquecimento no seu escritório?... Sinto frio... bom, também posso...

Noto um barulho de raspar nesse silêncio... já faz algum tempo que o notei, pensei que fossem ratos... ou outros roedores, mas o barulho é regular demais para

provir de animais... Deveria reconhecer esse raspar, esse coçar, esse aguçar... Um gravador! Evidente! E um auxiliar bem-intencionado troca as fitas, quando necessário... Vossa Excelência vê que nós, os incriminados, também podemos relacionar fatos, também sabemos raciocinar... Muito inteligente... Assim Vossa Excelência pode apresentar ao juiz a menor nuance da minha voz. Só, sua inteligência não vai servir...

Seu silêncio começa a ser constrangedor... Será que é uma astúcia para acabar comigo? Vamos ver... Luvas, luvas de camurça, estavam ao lado do morto... Era alguém elegante, o homem com o jornal, culto, ao menos parecia, pois estava lendo o *Temps*. Luvas de camurça...

Existem coincidências incríveis. Uma semana atrás, minha mulher me pediu para comprar um par de luvas para o aniversário de seu pai; ela tem confiança no meu gosto nesses assuntos. Acompanhei-a, compramos um par de luvas, luvas de camurça... Que coincidência. As luvas do morto eram igualmente novas...

E o silêncio que continua. Posso reexaminar o pedaço de papel?... Talvez seja ela, Irene; mas não me lembro de tê-la visto com um sorriso tão feliz... É. A mulher de quem Vossa Excelência tem apenas o retrato do rosto, usava também um vestido na fotografia, e esse me lembrava um vestido de verão de Irene...

Nem uma semiconfissão faz com que Vossa Excelência saia de sua reserva... Pois é, devo ter visto a fotografia para poder falar do vestido, é o que Vossa Excelência está pensando. Evidentemente, vi. Estava ao lado do morto e rasguei-a; não queria que... e joguei os restos pela janela; pensei que, com o vento, tudo fosse desaparecer; e o vento zombou de mim, soprou um pedaço para o compartimento, justamente o pedaço com o rosto...

Estou observando Vossa Excelência já há um tempo; está esperando algo... Vossa Excelência também não consegue dominar-se cem por cento, Vossa Excelência ouviu passos lá fora; alguém está trazendo algo... Não dá mais para me surpreender, sei o que ele vai trazer; o homem que está chegando... Mas vou manter a postura... Vossa Excelência permite que eu fume?... Tenho dois ou três cigarros de uma marca mais forte... Não, obrigado; vou acendê-la apenas quando a surpresa chegar...

A bolsa de couro... inteiramente molhada... Pode sair, meu jovem, fez bem seu trabalho... Parece que o rio não era profundo o suficiente, visto que a bolsa já foi encontrada... Como já disse, fez bem seu trabalho, meu jovem... pode retirar-se... O que tenho a dizer é sério, um jovem só poderia rir... Afinal, Senhor Promotor, Senhor Forcade, definitivamente memorizei seu nome, não faço mais confusão com força; quero me confessar a Vossa Excelência, apenas para agradecer sua gentileza...

Não abra a bolsa... primeiro deixe-me falar... Vossa Excelência tem razão; antes vou acender o cigarro... ah, mastiguei-o como um chiclete, vamos jogá-lo fora... Afinal, pode abrir a bolsa... Há cartas dentro dela. No meio tempo, já me acalmei... Vossa Excelência entende?... Os fósforos não valem nada, sempre quebram.

Bom, então... Cartas de amor, cartas de amor de minha mulher... Obrigado, gostarei de tomar ainda um pouquinho de vinho, tenho uma sensação desagradável na boca...

A única coisa que posso acrescentar em favor da minha defesa é o seguinte: agi em legítima defesa. Mas veja só, não posso provar. Por favor, desligue o gravador, não é mais necessário. Amanhã vou confessar formalmente tudo com a maior vontade... se ainda for necessário... Obrigado, Senhor Forcade. Legítima defesa. Há três dias descobri uma carta na correspondência que recebi. Era um erro; uma carta de minha mulher, já com selo e endereço, foi colocada com minha correspondência. Talvez Irene tivesse entregue essa carta à empregada que, por distração, colocou-a na minha caixa de correio. De vez em quando as mulheres esquecem a prudência. Basta. Abri a carta, o endereço era uma caixa postal. Não havia nome. O conteúdo? Em resumo mais ou menos isso: minha mulher confirmava para um certo Claude que eu deveria fazer uma viagem de dois dias na Itália. Ela informava sobre o trem e todos os detalhes da viagem. Seria uma boa ocasião, escreveu, e que ele, Claude, não deveria perdê-la. Busquei um novo envelope, escrevi o endereço a máquina e o expedi.

A ocasião... A carta era terna... Sempre acontecem acidentes na ferrovia que não são notadas; umas poucas linhas no jornal, um necrológio no jornal local: o conhecido empresário... verdadeiro patriota... lembranças indeléveis... o coral, sob a direção de... interpretou... nos funerais. Agradeço muito.

Escondi o jogo... Não adianta buscar, Senhor Forcade, queimei a carta, havia vários postscripta e já consultei as outras. O que Vossa Excelência ainda pode encontrar é sem valor; pode ser interpretado de tal ou qual maneira. Não dá para incriminar Irene. Um culpado é suficiente. Vossa Excelência não vai ter seu escândalo, pode crer. Que calor neste escritório; e minha perna está me incomodando. Deve ser a falta de sono. Vou continuar depressa, assim Vossa Excelência vai deixar-me em paz.

O melhor em toda essa estória é o seguinte: Claude era um vigarista... Como o reconheci? Atrás do seu *Temps*? Já lhe disse: dávamos uns passos pelo corredor; ao lado da porta do homem com o jornal, Irene teve uma ligeira reação, um palpitar...

Estou falando desordenadamente... O melhor da estória: Claude ofereceu-me as cartas por um bom preço; não queria um acidente, não queria matar-me... Chantagem é mais fácil, menos arriscada que um assassinato... Mas, eu escolhi o assassinato. Assassinato? Tinha muitas escolhas. Sem esse pedaço de papel, eu não sabia que iria procurar a bolsa, senão... Agora Vossa Excelência sabe de tudo...

Mas não notou um detalhe... Vossa Excelência foi zelosa demais, queria ler as cartas muito rapidamente. O cigarro, sim, sim, o cigarro mastigado. Ah, Vossa Excelência começa a entender.

Sim, no cigarro mastigado havia algo... para situações excepcionais... Já o tenho há anos. Um presente de um dos meus amigos, um médico, já falecido...

Uma preparação agradável e forte; apenas uma pressão leve em volta do coração, mas vai passar... Sim, as luvas de camurça... elas me permitiram reconhecê-lo, isto é, mesmo sem a palpitação de Irene, eu o teria reconhecido... Essas luvas de camurça.

As mulheres sabem mentir... Mas somos todos mentirosos, mais ou menos... E Vossa Excelência me dá pena: cada dia obrigado a buscar uma verdade, uma verdade que não existe... A verdade não tem nada a ver com palavras... Vossa Excelência não está acreditando no que estou dizendo?...

Então, minhas desculpas, Senhor Forcade; que pena, pelas fitas do gravador... a justiça trabalha de maneira irracional, sempre... Vossa Excelência deve lembrar-se

disso... Ah, não se incomode, o médico não chegará mais a tempo... Quero dormir; boa noite, Senhor Forcade, Senhor Promotor... ou melhor, bom dia, está clareando.

CRIMINOLOGIA

A presente estória é imoral, mas como os fatos relatados aconteceram num tempo distante em que certos métodos foram aplicados pela primeira vez na criminalística, relatá-la não deve mais causar danos.

Um jovem promotor foi nomeado para uma pequena cidade, sede de um tribunal do júri. Não se cometiam muitos crimes naquela cidade, mas o jurista decidiu implantar metodologias inventadas e desenvolvidas por Loccard em Lyon e por Reiss em Lausanne. Aliás, esse promotor, hoje ministro bem-humorado, foi quem me narrou os fatos. Tratava-se de exames químicos e microscópicos de amostras de terra ou poeira, de fotografias com raios ultravioletas e de outras coisas bonitas que, hoje em dia, mesmo as crianças conhecem. Na época, tudo isso era novidade. Dentro dos limites dos orçamentos reduzidos, foi instalado um laboratório, com um bom microscópio e uma boa câmara fotográfica. O promotor pensava impressionar os jurados de um hipotético processo com fotografias excelentes que deveriam ser projetadas na sala de audiência. Como chefe do laboratório foi nomeada uma jovem química diplomada de vinte e seis anos, chamada Hilde.

A jovem não era linda, mas bastante decidida. Não tolerava a presença de ninguém no seu laboratório, atitude dispensável, já que o trabalho dificilmente ocupava seus dias. Uma vez houve um caso de uma data adulterada num testamento, em outro caso tratava-se de um assassinato. Caso delicado, esse último. O acusado quase foi condenado por causa de manchas de sangue em sua roupa. Os exames mostraram que o sangue era de galinha e o verdadeiro culpado fora um vagabundo. Em ambos os casos, o laboratório, ou, com mais precisão, a química, forneceu as provas decisivas. Nos dois casos o promotor ficou radiante e foi elogiado por seu superior. Ele não ambicionava mais. A senhora Hilde se instalara num pequeno apartamento de dois quartos na periferia. Vivia isolada. O promotor a visitava de vez em quando, mas tendo o cuidado de ir acompanhado por sua irmã, evitando insinuações maldosas. Especulações sobre um casamento próximo apareceram. Em casa, a senhorita Hilde se vestia geralmente com um roupão de seda violeta que lhe caía muito bem.

Um dia, aconteceu um caso notável. Um rico comerciante foi assaltado num beco às dez horas da noite. Um soco de um punho vigoroso o jogou no chão e sua carteira foi roubada. O comerciante voltou a si pouco depois e foi, com passos inseguros, depor na delegacia. Tinham-lhe roubado perto de cinquenta mil francos. O sobretudo estava rasgado e faltavam botões no paletó. Parecia um assalto bastante violento. A polícia perguntou se podia indicar os números das cédulas roubadas. Impossível, pois ele visitara vários fazendeiros para receber uns pagamentos; eles tampouco deveriam saber, porque o dinheiro já estava em casa havia tempo, ou fora recebido de várias vendas de gado. Em resumo, não havia pistas.

No dia seguinte, o promotor convocou a senhorita Hilde e a assediou com teorias.

– Se conseguirmos um suspeito, disse, deve ser fácil comprovar a culpa. Pense só na violência com que o sobretudo foi rasgado. Deve haver partes das fibras do tecido debaixo das unhas do culpado. Apenas pó, mas convincente! Convincente! E se ele mentir - slides! Slides que a senhora vai fazer! Apenas um suspeito! Precisamos o bom suspeito!

As informações de uma dona de pensão ajudaram a deter um certo Niemayer na noite do mesmo dia. Um moço bonito, loiro, de vinte e oito anos aproximadamente, empregado do comerciante assaltado. Segundo a dona da pensão, Niemayer passara a noite inteira fora da casa. O delegado telefonou ao policial que fizera a detenção e o surpreendeu com uma pergunta.

– Ele lavou as mãos?

– Vou verificar, respondeu o policial.

Foi para a cela inspecionar as mãos do prisioneiro e voltou ao telefone.

– Não, as mãos estão sujas.

– Cuide para que fiquem assim!

O promotor foi para a prisão do distrito, acompanhado da senhorita Hilde. Niemayer estava sentado em sua cela e foi intimado a estender as mãos. A senhorita Hilde usou um palito para retirar resíduos debaixo das unhas. O Niemayer observou:

– Agora fazem manicura nos prisioneiros?

– Sim, uma manicura que vai custar-lhe anos e anos.

O promotor saiu para buscar papel e uma caneta. Os resíduos foram embalados e a senhorita Hilde teve de assinar sobre cada pacote. Uma vez fora, o procurador disse ainda:

– Você sabe que está sob juramento, senhorita Hilde?

– Sim, afirmou a jovem.

No dia seguinte, Niemayer negou as acusações. Teria sido uma forte enxaqueca que o obrigara a um longo passeio noturno. A desculpa clássica. O promotor riu. Providenciou uma amostra do sobretudo do comerciante, a fim de compará-la com os resíduos das unhas de Niemayer. Se os dois fossem idênticos, o Niemayer teria de pagar. O comerciante mencionou que nunca fora ao trabalho com o sobretudo.

No fim do dia, o promotor foi ao laboratório.

– Então, qual é o resultado?

– Negativo, respondeu a senhorita Hilde friamente.

O promotor ficou fora de si. A senhorita Hilde calou-se e ligou o projetor. Na tela branca apareceu um círculo com uma grande quantidade de vermes entrelaçados, de cor violeta brilhante.

– Eis a amostra do Niemayer, disse a senhorita Hilde, e esta é a amostra do sobretudo.

Um círculo novo apareceu, traços pretos, sem brilho. Não havia semelhança alguma entre as duas.

– Se não acreditar em mim, disse a senhorita Hilde, pode mandar fazer uma outra análise. Eis os pacotes.

Estendeu os dois saquinhos de papel para o promotor. Ele os recusou e voltou para casa. O caso foi arquivado, já que não havia testemunhas. Passou-se pouco tempo e Niemayer deixou a cidade. Seis meses depois, a senhorita Hilde demitiu-se. O procurador continuava solteiro. O seguro arcou com o prejuízo do comerciante.

Dez anos mais tarde, o promotor, já promovido a juiz, fez uma viagem de carro na Provença em companhia de um amigo. Foi-lhe recomendado um hotel numa cidadezinha da região. Instalaram-se nele. O promotor e agora juiz pensou conhecer o dono do hotel, um homem loiro e corpulento. Devido ao grande número de rostos já vistos, não se intrigou com o fato. Mas, no final do jantar, quando a mulher do dono do hotel apareceu, ele ficou com o queixo caído e quase assustado. Ela lhe sorriu, aproximou-se e, decidida, cochichou-lhe ao ouvido:

– Monsieur le Promoteur, venha visitar-me no nosso apartamento, meu marido também vai-se alegrar.

No apartamento do casal, o juiz bebeu dois copos de vinho de Bordeaux, o que o tornou mais conciliador. A senhorita Hilde, agora senhora Niemayer, não ficou mais linda, mas continuava decidida.

– Houve prescrição do caso, não adianta reabri-lo. Sou feliz, tenho dois filhos. O marido é conveniente, não posso me queixar.

Tremeram levemente os ombros do senhor Niemayer.

– Vossa Excelência quer saber o que aconteceu de verdade, não é?

O juiz disse que sim.

– Vossa Excelência se lembra de ter saído da cela de Niemayer para buscar papel e uma caneta. Aqueles poucos minutos de ausência me bastaram. Disse ao réu: “Posso livrá-lo da cadeia, mas você deve casar comigo, não quero terminar minha vida como empregada. Vamos montar um negócio com o dinheiro. E você vai se comportar.

Entendeu? Você está nas minhas mãos. O dinheiro está num esconderijo seguro?” Ele disse que sim. E por que fiz assim com ele? Porque o achei bonito. Como medida de segurança fiz dois slides das amostras de suas unhas e do sobretudo. Os verdadeiros eram parecidos como dois ovos. Esses, eu guardei, até ver como ele se comportaria... também para que ele nunca me deixasse. Não foi necessário, começamos a nos amar.

– Mas, a amostra violeta que você projetou para mim? perguntou o juiz.

– Bom, disse a antiga senhorita Hilde pacientemente, foi por prever dificuldades. E se ele tivesse necessidade de um álibi? Teria passado aquela noite comigo. Não é?

– Então, a amostra violeta vinha do...

– Meu Deus, raspei meu roupão violeta, disse Hilde com um gesto indulgente.

OS AMANTES DESUNIDOS

O dia de verão começou a escurecer. Já fazendo horas suplementares, dois trabalhadores da companhia telefônica estavam consertando uma linha entre Baden e Turgi quando viram um corpo boiando rio abaixo. Passaram a vau e conseguiram retirar uma jovem mulher inanimada. Os cabelos curtos e castanhos grudavam na cabeça, o rosto guardava uma expressão estranha. Os dois trabalhadores tentaram reanimar o corpo, fazendo respiração boca a boca, porém quinze minutos mais tarde resignaram-se a constatar a inutilidade dos esforços. Levaram o corpo para a fazenda mais perto do rio. O fazendeiro indicou-lhes um quarto que servia de depósito onde guardaram o cadáver sobre velhos sacos de lã. Depois telefonaram para Baden, primeiro para um médico, em seguida para a polícia.

O médico, que chegou meia hora mais tarde, apenas pôde constatar a morte da jovem, pois o cadáver ficara na água cerca de duas horas e meia. Também constatou arranhaduras na altura dos pulsos. Dois policiais chegaram de bicicleta dez minutos depois do médico. Buscaram inutilmente a carteira de identidade da vítima. Em umas peças do vestido notaram bordados dois “E” entrelaçados.

– Portanto, o assassinato foi cometido entre seis e meia e sete horas e perto daqui, talvez ainda antes de Baden, disse o investigador.

Um dos dois policiais era cabo e se considerava instruído em assuntos de criminalística. As arranhaduras o fizeram concluir que houvera assassinato. O médico, por não querer algo mais concreto, encolheu os ombros e entrou no seu carro.

O investigador dirigiu-se ao fazendeiro, que estava fumando perto da porta do pequeno quarto:

– Já é tarde demais para levar o cadáver. É melhor deixá-lo aqui, se o Senhor não fizer objeção.

Ele concordou. Os dois trabalhadores e os policiais pegaram suas bicicletas e voltaram para Baden.

Antes de se separarem, os quatro pararam num boteco para tomar uma cerveja. Havia poucos clientes. Num canto quase escuro estava sentado um jovem louro de aproximadamente vinte e três anos. Acontece que os quatro falavam bastante alto sobre o cadáver encontrado, e um dos trabalhadores, que era da companhia telefônica, contou uma estória de seu cantão. Uns anos atrás, retiraram da água uma moça e o médico achou que ela já estava morta. O pai dela não se conformou e tentou reanimá-la: deitou-se sobre ela para aquecer-lhe o corpo, além de fazer respiração boca a boca. Na manhã seguinte, a moça estava viva e o médico desacreditado.

– Não assisti à estória pessoalmente, disse o trabalhador, mas era verdadeira.

O jovem no canto ouviu com atenção, pediu dois conhaques que engoliu, deu um gemido tão estranho que os investigadores olharam em sua direção. Isso o assustou e ele deixou o boteco apressadamente. Na manhã seguinte, apareceu na delegacia uma senhora Egger, para notificar o desaparecimento de sua filha de vinte anos.

– Não voltou desde ontem à tarde.

Ela conseguiu dar uma descrição bastante precisa da desaparecida e queixou-se de que a moça sempre causara preocupações: namorava um funcionário dos Correios que não tinha o emprego garantido, nem dinheiro; e queriam casar.

– Mas não vamos permitir! A Emma já teve oportunidade de fazer um bom casamento com o proprietário de...

O delegado, pequeno e gordo, interrompeu-a, olhou-a com olhos desamparados e perguntou se sua filha usava roupas bordados com dois “E” entrelaçados. A senhora Egger afirmou com a cabeça.

Neste caso seria melhor que a senhora acompanhasse o delegado. Ontem foi encontrado um cadáver no rio Limmat, perto de Turgi. É possível que se trate de sua filha. A senhora suspirou fundo prometendo ser corajosa.

– Mas deve ficar esclarecido que foi esse patife, esse Schütz que tem a morte de minha filha na consciência, opinou.

– Então o empregado dos Correios se chama Schütze, disse o delegado Studer. Vamos nos preocupar com ele mais tarde.

Às nove horas, chegaram dois carros à fazenda. O segundo era uma ambulância. O investigador, orgulhoso de seu papel, quis levar o delegado ao quarto, mas o fazendeiro cortou-lhe o caminho.

– O cadáver desapareceu durante a noite, informou secamente.

A senhora Egger, que se aproximou devagar, começou a xingar a polícia e os médicos. Calou-se de repente quando o pequeno Studer a encarou com seus olhos tristes.

– Talvez voltou à vida e foi pra casa, disse, passando um lenço vermelho nos lábios. Como a família Egger tinha telefone, ligaram. Emma não aparecera.

– Então temos com o funcionário dos Correios, o Schütz, disse Studer. Acho melhor a Senhora esperar aqui, até que tenhamos notícias.

Fez um sinal ao investigador e os dois voltaram para Baden.

O delegado não gostava de grandes batidas, foi simplesmente com seu assistente à agência dos Correios e pediu para ver Schütze. Um jovem se levantou e disse que era o Schütze que buscavam.

– Queremos que o Senhor nos acompanhe, disse Studer polidamente.

O empregado respondeu que não era possível, porque estava de serviço.

– Então o Senhor pode informar onde estava ontem no final de tarde? Perguntou Studer, evitando olhá-lo.

Ele começou a gaguejar:

– Eu... não... não a matei...

– Ninguém falou em assassinato, disse Studer suavemente, mas já que o Senhor tocou no assunto, é melhor nos acompanhar para esclarecer essa estória.

Quando Schütz deixou seu posto de trabalho, o investigador cochichou para o delegado:

– Mas eu vi esse cidadão ontem num boteco, quando o trabalhador da companhia telefônica relatou a estória de uma afogada que voltou à vida.

– Claro que ele estava presente, falou Studer.

Os três entraram no carro. O Schütze insistiu em reafirmar sua inocência, a que o delegado respondeu com um silêncio pesado. Era um dia quente de verão. No caminho, Studer entrou por um beco que levava ao rio. Na margem, os três desceram. Não havia muito para ver, havia uma ponta de terra com uns arbustos que entrava pela água brilhante.

– Bonito lugar para um último encontro, disse Studer sem olhar para seu acompanhante, que ficara calado.

Voltaram para a fazenda. Dois policiais fizeram uma batida na região, mas nada encontraram. A senhora Egger sentiu-se mal e deitou-se na cama do fazendeiro. O empregado dos Correios, Schütz, respirou fundo ao ouvir isso. Mas uma pergunta de Studer o fez apoiar-se contra a parede de madeira.

– Então Senhor, não quer mostrar o lugar onde escondeu o cadáver?

– Mas eu não a matei.

O homem começou a chorar, as lágrimas desceram-lhe pelas faces.

– Claro, disse Studer, apenas foi covarde. Mas agora seja útil e vá com ele.

O investigador ao lado deles ficou de queixo caído e fez um sinal a um colega. Schütz andava tropeçando em direção a um bosque. Durante um bom tempo ouviu-se um choro quebrar o silêncio do ar.

– Que incompetência, Studer se dirigiu ao médico legista. Aquele, assassinar uma moça? Ainda prefiro um assassinato de verdade. Estória nojenta. Studer limpou os lábios e continuou:

– Uma moça romântica se autossugestionando. Ela deve ter dito “Você ou ninguém”, queixou-se provavelmente da crueldade dos pais. Um último encontro, um último abraço: “Vamos sair juntos da vida!” Ele concorda e a vê afogar-se. Mas não tem a coragem de segui-la, vai beber no boteco para esquecer. Lá ouviu a estória louca do trabalhador. Foi buscar o cadáver, arrasta-o para o bosque onde tentou... Mas não há provas disso. Talvez tivesse medo de que a moça despertasse. E aí? Como seria visto por ela? É um covarde. Olhe, doutor, francamente, prefiro lidar com verdadeiros assassinos. Que fazer com esse cidadão? Soltá-lo, para que possa causar a infelicidade de outra moça? Graças a Deus, casos assim são raros.

AZAR

A culpa é apenas das circunstâncias, Excelência, apenas das circunstâncias... Tive má sorte, tremendo azar. Não faço parte dos que infringem a lei com alegria, e mesmo assim... O que posso dizer é que, de vez em quando, a gente se encontra em situações, nas quais é fácil perder o controle, e depois... Mas devo me explicar com mais precisão; talvez Vossa Excelência até vá querer me agradecer por ter “liquidado” um caso sem esperança. Sei que o tribunal não gosta de casos que devem ser arquivados.

Sou funcionário da Companhia Ferroviária, Senhor Promotor, e minha função é vigiar a passagem de nível ao chegar um trem. Sempre estou em frente da casinha com a bandeirinha vermelha na mão, até ele passar; já tenho vinte anos de serviço. Esta casinha é isolada à beira da estrada onde vejo passar os rápidos, os trens de carga... Minha mulher tem quarenta anos, nossa filha já é adulta, ela se chama Ana. Ela tem um noivo...

Há três semanas vi o homem pela primeira vez; era uma quinta-feira. Vestia um simples terno cinzento, ficava em pé à beira da floresta e olhava na direção da casinha. Vi como tirava e recolocava os óculos repetidamente. Depois, colocava a mão contra a testa, para proteger os olhos do sol. Perguntei-me o que ele fazia ali. Naquele momento ainda não tivera conhecimento do crime. Os jornais sempre chegam com atraso. Fiz assinatura de um jornal que apenas aparece duas vezes por semana; a casa fica isolada do mundo. Já lhe disse: era uma quinta-feira quando o homem apareceu pela primeira vez e mesmo assim eu soube o que ele queria... Como assim, sou impreciso? Para mim, falar é difícil, sabe? Em outros tempos, sim, sabia falar, quando era presidente do coral e tinha de fazer discursos de recepção. Mas isso já faz um tempão. E discursos de recepção não são tão difíceis como fazer descrições...

Ao meio dia, passa o rápido de Paris. E naquela quinta-feira caiu uma carteira perto de mim. Olhei para o trem, num vagão de primeira classe havia uma janela aberta e um homem de óculos olhou para fora. Mas tudo aconteceu tão rápido que não deu para ver mais. Porém vi com precisão os óculos, essa é a razão porque não me surpreendi quando vi o homem com os óculos no fim da tarde. Tirava e recolocava os óculos repetidamente, colocando a mão contra a testa para proteger os olhos do sol e olhando

na direção da casinha... “Está procurando a carteira, pensei, mas por que não se aproxima? Não tem a consciência tranquila? E por que razão? Afinal, é estranho que alguém jogue sua carteira cheia pela janela”... Creio que ainda não disse, mas havia muito dinheiro na carteira, eram... Mas Vossa Excelência sabe isso melhor do que eu, foi mencionado em todos os jornais quando o assunto era o assassinato do trem... o homem estrangulado, encontrado num compartimento de primeira classe...

Naquela quinta-feira, o homem de óculos não se aproximou de mim. Demorou uns quinze minutos perto da floresta antes de desaparecer. Não mostrei a carteira nem para a mulher, nem para minha filha. As mulheres se alarmam demais quando acontece algo que foge à rotina. Escondi-a num velho baú onde guardo meus documentos, lembranças e cartas. A chave fica sempre comigo... No dia seguinte, no mesmo horário, o homem estava de volta à beira da floresta.

Era sexta-feira. Ele se aproximou. “Boa tarde, como vai o Senhor?”. Parecia um estrangeiro, devido à maneira de falar e de se vestir. Pensei que tivesse dormido na floresta. Afinal, estamos no verão e as noites são agradáveis. Mas, por que teve de dormir na floresta? Não parecia ser um vagabundo... “Boa noite”, respondi. O homem ajustou os óculos e perguntou:” O Senhor, por acaso encontrou um objeto?”. Teria sido possível tranquilizá-lo, mas apenas perguntei: “Encontrei?” e me calei. O homem me olhava através dos óculos e seus olhos eram tristes. No fundo, tive pena dele. O rosto era de alguém que sempre teve má sorte... Além disso, nada aconteceu naquele fim de tarde. Minha mulher foi dormir às dez e a filha saiu com o noivo, voltou apenas a uma hora da madrugada.

Ao esperá-la, contei o dinheiro... Muito dinheiro, Senhor Procurador, cédulas de vários valores, fáceis de colocar em circulação. Seria possível eu comprar uma casa própria, sair daquela Companhia...

No dia seguinte, chegou o jornal. “Assassinato no rápido de Paris... O criminoso fugiu... Suspeita-se de um jovem sobrinho do morto, que também roubou a carteira contendo uma grande soma de dinheiro... Informações que podem... e assim por diante...” Vossa Excelência conhece o estilo...

É verdade, Senhor Procurador, eu tinha obrigação de me manifestar. Mas quem sempre faz o que deve? Estava com pena do homem, que parecia realmente triste, como alguém que nunca teve uma chance. Talvez não fosse sua intenção matar o tio... Quem sabe? Disputas em família sempre acontecem, não é?... E afinal, ele nem tirou a carteira, caiu da janela...

No início da noite, ele estava de volta. “Você deve se esconder, eu lhe disse, a polícia está atrás de você; mais tarde, deve deixar o país. Se quiser, posso escondê-lo, conheço uma cabana isolada na floresta; vamos lá? Vou trazer comida também...”. Tudo isso jorrou da minha boca em um instante. Sabe, Senhor, sei o que é ser alguém que nunca teve uma chance... Houve um tempo em que eu também acreditei que poderia conseguir algo na vida, frequentava o segundo grau, mas meu pai faleceu e fui trabalhar na Companhia Ferroviária. Agora já esqueci tudo... O homem de óculos não parecia contente. “Me entregue o dinheiro!” disse. “Paciência”, respondi, e comecei a sentir raiva; esse assassino ainda se permite atitudes assim? Será que pensa que quero roubá-lo, o que está pensando que eu sou? Mas disse calmamente: “Se eu entregar o dinheiro, você vai tentar fugir e cairá numa armadilha. A polícia o procura e o dinheiro está seguro comigo. Vamos falar sobre isso mais tarde. Venha comigo, senão minha mulher vai vê-lo, ela gosta de bater papo, minha mulher...” Vi como ele se rendeu. “Bom”, disse e se deixou levar para a cabana na floresta. Há um grande carvalho por perto, a luz do sol passa por sua folhagem densa... Sim, o dinheiro e a casa! Senhor Procurador, sempre sonhei em criar cachorros com pedigree... Vossa Excelência sabe como um sonho pode ser persistente? Não creio que Vossa Excelência saiba... Durante quinze dias, levei comida para o homem de óculos. Disse que fora roubado pelo tio, o morto era irmão de seu pai, era seu tutor... Começou uma disputa entre os dois, não queria matá-lo, não queria ser assassino, o homem de óculos, o desgraçado... No último momento, o tio conseguiu jogar a carteira pela janela. Anteontem, meu protegido teve um acesso de raiva, queria o dinheiro. Achava que já era possível fugir... Certa noite, minha mulher já na cama, recomecei a contar o dinheiro... Muito dinheiro, Senhor Procurador... Tive de me defender, foi legítima defesa. Ele me saltou à garganta, o desgraçado. Mas tenho mais força do que ele. Era sua vez. Agora, está pendurado num ramo do carvalho, aquele grande carvalho de folhagem densa, por onde passa a luz... Eis a carteira em questão...

O que posso ainda dizer, Excelência? deu azar, o pior dos azares...

REI AÇÚCAR²

Desde sua chegada ao local do crime, o delegado Kreibig achava que se tratava de um caso desolador. Ambiente de contrabandistas. O morto estava deitado no chão, com uma ferida de arma branca que o fizera sangrar até o fim; chamava-se Jakob Kussmaul e era originário de Riga, segundo o passaporte. Mas talvez o verdadeiro nome não fosse Jakob Kussmaul e fosse originário de Bucareste. Impossível ter certeza nesse meio... O delegado Kreibig suspirou. A grande Guerra acabou há quatro anos; Viena estava esfomeada e todos se envolviam em contrabando. Com um suspiro, Kreibig pensou que agora seria Conselheiro Áulico, se a velha monarquia tivesse sobrevivido, mas assim... Agora o delegado se encontrava na presença desse Jakob Kussmaul, que talvez nem se chamasse assim. Estava deitado no chão, a camisa de seda rosa rasgada na altura do coração e uma grande mancha de sangue tingia de marrom o tecido delicado.

O morto estava ao lado de uma mesa redonda, sobre a qual havia um tabuleiro com peças de xadrez. Uma partida fora iniciada. Ao lado do tabuleiro, duas xícaras quase vazias de café preto; ao lado delas (luxo!) dois açucareiros rasos de prata. Num havia um pequeno pacote quadrangular que continha três pedaços do chamado açúcar em cubos, o outro estava vazio.

No chão estava deitado o Jakob Kussmaul; ele segurava na mão direita o rei preto do jogo de xadrez e na esquerda um pacotinho de açúcar em cubos. Aparentemente era o pacotinho do açucareiro vazio que estava sobre a mesa.

– Quanto tempo durou a agonia? perguntou o delegado Kreibig ao médico legista.

– Êh, acredito uns dois, três minutos.

– Estava consciente?

– Sim, acredito que sim. Esses cidadãos apegam-se à vida, pode crer, Senhor Conselheiro Áulico.

² Em alemão *König* (rei) *Zucker* (açúcar).

– E o Doutor acredita que tem um significado o que está segurando na mão?

– É bem possível... Mas o que? Um rei preto e três cubos de açúcar?... O que pode significar isso?... O Conselheiro Áulico entende o enigma?

– Talvez, disse o delegado, lisonjeado com o “Conselheiro Áulico” do médico. Talvez a vítima quisesse indicar algo, Doutor, indicar-nos como encontrar o assassino. Porque o açúcar deve significar algo...

– E a peça de xadrez, ousou acrescentar com modéstia o policial Hochroitzpointner, que tinha bigodes ruivos e rugas na testa.

– Sim, disse o delegado, o rei preto... Conheço um rei Haber, conheço um rei Lear e todos os outros reis de Shakespeare, como se chamam? Henrique e Ricardo, e conheço igualmente um rei Ottokar - mas um rei Açúcar?

– Rei Açúcar, repetiu, sacudindo a cabeça.

Passou o olhar pelo quarto. Um quarto de hotel como muitos outros. Carpete usado no chão e papel pintado nas paredes, que perdera a cor original, salvo num retângulo acima da cama, onde havia certamente o retrato do Imperador até o início da República. A janela dava para um pequeno pátio, por onde entrava apenas uma luz turva; chovera e a noite estava para chegar.

O legista se despediu; o delegado Kreibig estudou por um tempo a partida iniciada, sacudindo de vez em quando a cabeça; o policial sem farda Hochroitzpointner, calou-se e depois murmurou:

– Devo chamar o garçom?

Kreibig concordou com um gesto. Encarou o morto. Considerou sua aparência inteiramente antipática. Triplo queixo, a pele malsã, testa baixa e os lábios grossos. Não havia traço algum da famosa “majestade do morto”.

Kreibig desviou-se do morto para se aproximar de uma mesa retangular ao lado da janela. Havia papéis sobre ela: contas, borderôs, cartas comerciais: “Anexamos à presente cópia do pedido...” Uma carteira gasta, demasiadamente cheia. Kreibig abriu-a;

libras turcas, francos suíços, dólares, libras inglesas, dois cheques. Mecanicamente, Kreibig retirou o dinheiro para contá-lo; suspirou, ao pensar que seu salário não estava protegido contra a inflação reinante. Ao colocar o dinheiro de volta na carteira, notou, no fundo dela, um pequeno papel já amassado. Retirou-o. Atrás dele, Hochroitzpointner anda devagarinho com suas solas de borracha através do quarto.

O papel era o recorte de um jornal francês. De um lado, havia a propaganda de um astrólogo, mas o anúncio não estava completo, parecia cortado no meio, faltava a segunda metade. Do outro lado, havia um artigo, marcado com uns traços vermelhos:

« Le traitement rationnel du diabète par le professeur Durand. »

O artigo apresentava um livro dedicado ao tratamento da melitúria. Os olhos de Kreibig andavam do artigo para a mesa. Melitúria?... Diabetes açucarado... Açúcar?

Dois jogaram uma partida de xadrez; os dois beberam café, mas os dois beberam café com açúcar... Um, talvez o assassino, deixou os cubos no açucareiro de prata, mas Kussmaul os pegou rapidamente com a mão esquerda antes de cair no chão, enquanto com a direita..., mas isso aconteceu mais tarde. Então, a esquerda pegou o açúcar; o assassino levantou-se e saiu calmamente pela porta; depois, Kussmaul caiu no chão onde morreu numa posição estranha. Os dois antebraços apontavam para cima. A mão esquerda segurava um pacotinho de açúcar, a direita, o rei preto...

O garçom Pospischil Ottokar, casado, domiciliado na Mariahilferstrasse 45, não mostrou uma simpatia exagerada pelo falecido Kussmaul. Em seu depoimento, afirmou que a vítima bebia durante noites, e jogava também, com “amigões” e mulheres..., mas disso o Pospischil não queria falar. Kussmaul era doente, diabetes açucarado, tinha de seguir um regime rígido. Consultou um especialista, que o visitara um dia. Era um homem refinado, usava chapéu alto e polainas brancas, tinha uma barba branca muito bonita, mas Pospischil não se lembrava de seu nome.

– Ah, Senhor Conselheiro Áulico, disse o garçom com um ar esfomeado, melhor não meter o nariz nesse assunto. O homem conhecia gente importante, um coronel da delegação americana o visitou um dia, falavam em inglês. Aliás, as visitas nunca

paravam de chegar, turcos, russos e argentinos, e gente da ralé também. Se quiser minha opinião, Excelência, esse homem levava uma vida obscura, secreta...

O delegado Kreibig passou a mão nos cabelos brancos que brilhavam e disse:

– Sim, sim, meu caro Pospischil. Suspeito a mesma coisa, desde o início, não é, Hochroitzpointner? Desde o início disse que é o melhor exemplo possível de um caso desolador.

Hochroitzpointner inclinou a cabeça sem falar.

– Pode sair, Pospischil... ou não. Espere ainda um pouco. O açúcar está explicado, Hochroitzpointner, olhe esse artigo, “O tratamento da melitúria” de um professor francês, de nome Durand. Agora sabe-se que os diabéticos sempre têm vontade de comer coisas doces, justamente porque o açúcar lhes é proibido. Kussmaul, ao sentir a morte chegar, pega os cubos de açúcar para, digamos, satisfazer sua última vontade. Não é? O que acha disso, Hochroitzpointner?

Hochroitzpointner não respondeu; mantinha as mãos na altura dos ombros, o que lhe dava certa semelhança com um cachorro pedindo comida. O delegado Kreibig odiava essa atitude.

– Mas responda quando lhe faço perguntas, latiu.

O policial Hochroitzpointner não respondeu; fez uma pergunta, uma pergunta ao garçom Pospischil:

– Habitualmente, ele jogava xadrez com quem?

– De preferência com o Swift, um inglês. O homem... êh... o morto disse que Swift era o único que sabia jogar bem. Os outros eram diletantes...

– E o Swift esteve presente hoje de tarde?

– Sim, chegou às três e meia. Kussmaul... êh... o falecido pediu dois cafés com leite...

– Com leite? Não vejo leite na mesa.

– Está em falta, é por isso que trouxe dois cafés pretos... Kussmaul me xingou porque trouxe açúcar, eu deveria saber que ele não pode tomar açúcar, o Swift tampouco. É também diabético...

– Interessante, disse o policial Hochroitzpointner, e logo desapareceu.

– Pode sair, disse o delegado; não, espere, você viu o Swift sair?

– Vi, Senhor Conselheiro Áulico; eu o chamei às quinze para quatro. Telefonaram para ele.

– E nesse momento Kussmaul ainda estava com vida?

– Não sei. Vossa Excelência deve acreditar em mim, realmente, não sei. Bati na porta e disse: “telefone para o Senhor Swift”. Uma voz respondeu: “Yes” e a porta se abriu com vigor. Recuei porque, o Senhor Conselheiro Áulico sabe, Kussmaul não gostava quando eu entrava no quarto. Uma vez, ele me...

– Não me interessa, Pospischil.

– Ele me lançou uma garrafa vazia na cabeça... Então o Swift me acompanhou até ao telefone. Falava em inglês, não entendi nada, depois saiu. Ele me mandou informar a Kussmaul que não podia terminar a partida começada... Eu me atrasei, porque outros hóspedes me chamaram para uns trabalhos. O Conselheiro Áulico não sabe como é difícil a função de garçom. Correr o dia inteiro, para receber poucas gorjetas, são avarentos, os contrabandistas.

– Está bom, Pospischil; e a que horas voltou ao quarto?

– Por volta das quatro e meia, Senhor Conselheiro Áulico, e Kussmaul estava... êh... o morto, afinal, ninguém sabe se esse é seu verdadeiro nome, pois uma vez alguém o chamou de um nome inteiramente diferente... estava deitado no chão e chamei a polícia...

– Seu primeiro nome é Ottokar?

– Às ordens, Senhor Conselheiro Áulico, sim, como meu avô.

– Felicidade e fim do rei Ottokar³... murmurou o delegado Kreibig.

– O Conselheiro Áulico disse...

– Nada, Pospischil, é o nome de uma peça de Grillparzer, mas vejo que não o conhece...

– É, Senhor Conselheiro Áulico, nunca tivemos um hóspede com esse nome.

– E você tem uma faca, Pospischil?

... O rei preto... rei Ottokar..., mas, nesse caso é o açúcar que destoa... Swift é diabético, Hochroitzpointner tem razão; mas Swift, Swift... não escreveu dramas sobre reis, apenas aquela estória do gigante... Gulliver? Sim, Gulliver... As ideias se sucediam desordenadamente na cabeça de Kreibig.

– Você tem uma faca, Pospischil? repetiu o delegado, porque o garçom se calara.

– Êh, apenas um canivete. Pospischil fez um sorriso tímido com a boca desdentada.

– Mostre!

– Bom, aqui.

Pospischil retirou da calça preta um canivete do tamanho do polegar. Kreibig o examinou, abriu a lâmina que estava gasta e enferrujada. O delegado fez um movimento com o ombro.

– Pode sair, Pospischil.

– Às suas ordens, Senhor Conselheiro Áulico.

Pospischil desapareceu tão silenciosamente como antes desaparecera o policial Hochroitzpointner.

³ *König Ottokars Glück und Ende* é o título de um drama do autor austríaco Grillparzer (1791-1872) (N. d. T.)

Kreibig pegou uma cadeira, colocou-a ao lado da mesa onde havia a partida de xadrez iniciada, sentou-se e apoiou o queixo nas mãos. Avaliou a posição das figuras.

Swift jogou com os brancos. Parecia gostar das aberturas do passado que já comprovaram sua força. Kreibig conhecia as teorias de xadrez. Os brancos começaram com o gambito de rei, os pretos o aceitaram. Quantas vezes cada um jogou? Dez, no máximo. Os brancos sacrificaram um cavalo, portanto tentaram jogar o velho gambito de Kieseritzky. Mas parece que os pretos conheceram a resposta. Quem já descobriu a resposta a esse tipo de ataque que, outrora, foi considerada boa? Era um moço, como se chamava? Süsskind? Não. Schokoladentorte⁴? Besteira! Um mestre conhecido, um mestre de xadrez do século passado. Quem são esses enxadristas? Anderssen? Não. Morphy? Não. Pilger? Esse último não era um teórico...

Kreibig desistiu... Fixou o morto. Numa mão, o rei preto, na outra, o açúcar... O que era mais importante, o açúcar ou o rei? Hochroitzpointner estaria com razão ao ir buscar o inglês Swift para detê-lo? Swift, que era igualmente diabético? O delegado Kreibig que, com certeza, na monarquia teria atingido o título de Conselheiro Áulico e que, na República, mantinha tal aparência, (cita-se como prova que muitos interlocutores empregavam esse título ao falar com ele), pensava: “Kussmaul, sua morte é um caso desgraçado, sem consolo, mas parece que você ainda teve a vontade de deixar um quebra-cabeça. Deveríamos agradecer-lhe por isso, já que muitas vezes a vida é chata. Será que vale a pena buscar seu assassino? Ninguém vai sentir sua falta, nem seus “amigões”, como disse Pospischil. Está escrito no seu rosto, você não fez muitas vezes o bem na sua vida; você era vigarista; seduziu mulheres, aposto que você era igualmente chantagista, era um abutre. E, mesmo assim, Kussmaul, devo procurar seu assassino. Quer dizer, o dever é o dever e estou acostumado a ele. Se eu não conseguir seu quebra-cabeça do “rei Açúcar”, você rirá de mim, no além onde está errando, como errou neste mundo...”

A noite estava caindo. Kreibig se levantou, acendeu a luz. O morto continuava apontando para o teto com seus punhos meio fechados.

– Quem encontrou a resposta ao gambito de Kieseritzky?...

⁴ Tradução literal: bolo de chocolate.

Kreibig curvou-se ainda uma vez sobre o morto, abriu a camisa que o legista fechara. A ferida era pequena, limpa, com bordas nítidas, sem franjas...

– Como se fosse feita com um bisturi, pensou Kreibig; fechou a porta pelo lado de fora e desceu a escada.

– Pode descrever-me o senhor Swift? perguntou ao zelador.

– O senhor Swift? É um pequeno velho que treme das mãos e das pernas...

Kreibig apenas respondeu “Êh, é” e vestiu as luvas já bastante gastas.

Uma vez no escritório, mandou buscar uma lista com os nomes de todos os especialistas em diabetes. Consultou a lista. De repente, ao chegar quase no fim, sobressaltou-se e bateu contra a testa com as mãos abertas.

– Claro, disse. Evidente! O jogo dos reis! O rei do jogo! O mestre! O mestre de xadrez! O Zuckermeister!

Continuava a bater a testa. Até que, finalmente, Hochroitzpointner abriu a porta com delicadeza para olhar o que estava acontecendo e disse:

– Pensei que o Senhor Conselheiro Áulico estivesse com seu filho e que o estivesse punindo.

– E Swift, caro Hochroitzpointner? Perguntou Kreibig.

– Swift é uma espécie de correspondente da delegação inglesa. Partiu. De carro. Queria perguntar se devemos alertar a alfândega...

– Não é necessário, não é necessário. Mas sirva-se, tome um cigarro, caro Hochroitzpointner...

Era um gesto nobre, porque, naquela época, o maço de uma marca ordinária custava...

– O professor está? perguntou Kreibig.

– Creio... respondeu o criado.

– O assunto é grave, anunciou o delegado Kreibig.

O professor vestia um colete branco, mas sua barba era mais branca que o colete. O professor estava nervoso. Disse o que sempre se diz em situações parecidas:

– A que devo o prazer?

– Professor, disse o delegado Kreibig, por que esfaqueou a canalha?

– Canalha? Esfaquear? Perguntou o professor.

– Não tenha medo, disse Kreibig com calma, nada vai lhe acontecer. Ainda há mais gente que está contente porque Kussmaul foi para um mundo melhor. É mais um assunto particular, quero guardar meu triunfo em segredo. O morto me fez um quebra-cabeça. Consegui decifrá-lo. Indicou nitidamente o nome do assassino.

– Êh? Como assim?

– Cubos de açúcar numa mão, um rei de xadrez na outra.

– E daí?

– E os pretos jogaram a resposta ao gambito de Kieseritzky.

– Com licença, senhor delegado, não tenho tempo a perder.

– O senhor é o professor Zuckertort⁵, especialista em diabete...

– Sim, e daí?...

– No século passado, o senhor teve um homônimo; era um jogador de xadrez famoso, que também se chamava Zuckertort. E o senhor deve reconhecer que Kussmaul,

⁵ Zuckertort significa bolo de açúcar (N. d. T.).

que Deus tenha sua alma, se ele tiver uma, não podia encontrar um modo mais astucioso para apontar seu nome. O rei, o mestre, cujo nome se inicia com açúcar, Zucker. E agora me diga, por que o matou? Não tenho mandato de prisão, tenho a convicção de que o senhor estava certo. A estória será arquivada. Mas me conceda um triunfo secreto!

– Por que sangrei aquele porco? Por que?

O rosto, acima da barba, tornou-se vermelho.

– Porque aquele canalha me entregou água em vez de insulina. E assim quase perdi dois pacientes.

– Êh, êh. Água em vez de insulina, disse o delegado e despediu-se.

Ao sair do prédio, Kreibig parou ainda um instante ao lado da placa do médico e leu; estava escrito:

Pr. Dr. Regis Zuckertort

Metabologista

– É demais, pensou, ainda *Regis*, o genitivo de *rex*, me lembro do ginásio; aprendi que *rex* significa rei.

O delegado Kreibig sacudiu a cabeça, vestiu as luvas gastas, saiu para a rua e abriu o guarda-chuva por causa de uma chuva fina. Desapareceu na agitação da rua. Ao mesmo tempo, no primeiro andar do prédio, atrás das janelas, havia um homem de barba branca que, talvez pela primeira vez na sua longa carreira de médico, achava necessário refletir sobre problemas psicológicos.

CANTO FÚNEBRE

Já se passaram cinco minutos e ninguém chegou. Portanto, ninguém na casa ouviu o tiro. Assim, posso ainda ficar meia hora e conversar com você. Embora você não me ouça mais, e isso é bom. Venha cá, vou fechar os botões do pijama azul, para não mais ver o pequeno buraco escuro em seu peito. Quase não sangrou. Vou deixar em sua mão o Browning, que se parece com uma arma de brinquedo. Como você ainda conseguiu retirar a arma de minha mão? É verdade, você sempre foi hábil.

Amanhã vão encontrar você e já estarei longe. Fui prudente, ninguém me viu chegar e ninguém vai me ver sair do prédio. Amanhã... amanhã vou casar. Com um bom moço que me ama. Vou ter um lar e crianças, e esquecer os seis anos que perdi com você. Você sabe que seis anos são muito tempo para uma mulher? Olhe, já tenho vinte e nove anos, e viver com você foi difícil. Realmente, você não é alguém com quem se pode construir castelos, você não é o tipo de homem de quem uma mulher possa sentir orgulho. Pode parar com seu sorriso pérfido. Afinal, você queimou minhas cartas? Com a desordem em seu apartamento...

É, você sempre foi honesto..., mas, o que é isso? Essa carta foi escrita hoje? Será que você soube...? “Estou cansado. Vou acabar comigo. Inútil fazer um testamento, já que não tenho bens.” E sua assinatura. Breve e conciso, mas houve uma certa falta de gosto. Por que não acrescentar umas palavras tristes? Teria sido tão bom para os jornais. Nessas condições, apenas vamos ler, em pequenas letras, na seção “Crimes e acidentes”: “Ontem suicidou-se um certo N. N. em seu apartamento. Há indícios de que esse triste ato foi motivado pela situação econômica do defunto.” Ponto final. E, em “Gente”, vão publicar algo assim: “A conhecida violinista X. Y. casou-se hoje com o empresário Fulano. A cerimônia foi, etc., etc.” É, as coisas vão se passar assim. Hoje em dia, tudo é publicado nos jornais. Mas ninguém vai saber que estivemos juntos durante seis anos, porque ninguém conhece você e eu sempre fui prudente. Fui eu quem alugou esta kitchenette, você viveu do meu dinheiro durante seis anos. Não inteiramente. No início, você trabalhou um pouco, ajudando quando eu estava na pior. Mas depois... Devo ser justa e dizer que sempre ajudei de livre e espontânea vontade, você nunca me pediu nada. Mas era preguiçoso! Meu Deus! Você sempre queria dormir, e quando dormia era

proibido acordá-lo. Para que servem homens como você? Por que existem? Depravados, existências inúteis, é assim que vocês são vistos pela boa sociedade, a sociedade que você sempre considerou burguesa. O que você conseguiu criar na vida? Uns poemas sem valor, umas críticas imaturas, iguais a você... Bem feito para você...e não acredite que vou sentir sua falta... sua... você... aproveitador...

Os homens que estão no centro da vida, os verdadeiros homens, sempre o ignoraram. E você os evitava. Evidentemente, tinha medo deles. Você era covarde. Apenas sentia-se bem na companhia de animais, crianças e mulheres velhas. Há seis anos, lembra? Tive um cachorro. Era muito fiel, me seguia em todo lugar; mas, com você em casa, só queria ficar ao seu lado. Você o enfeitiçou? Com as suas mãos? Suas mãos estranhas, sempre calorosas e secas. Eu gostava de suas mãos. Agora estão frias, nunca mais vão dar carinho a alguém, nunca mais vão tocar no lombo de um cavalo. Lembra? O cavalo do leiteiro conhecia você, sempre olhava quando você passava perto dele... E você, retirava as mãos dos bolsos, passava a mão na crina e lhe falava, melhor do que aos homens. Você nunca soube falar com os seres humanos, exceto comigo. Afinal, você às vezes falava com inteligência. Tinha conhecimentos de música, sim, devo confessá-lo. Sem suas explicações, eu nunca teria sido capaz de interpretar tão bem o concerto para violino de Mozart, você me entregou a chave. Você dizia que era uma dança fúnebre: “você deve interpretá-lo como uma dança fúnebre alegre. A morte é alegre, não sabia?” Me esforcei, e os críticos falaram de uma interpretação intimista. Burros.

Sim, era assim que rotulava os críticos nesse tempo. E você, o que pensava? Sempre dizia: “Ah, são apenas pobres coitados. Não vale a pena zangar-se por causa dessa gente.” Para você, todos eram coitados. É um meio fácil de sentir-se superior. Por que você tinha uma boa opinião de você mesmo? Por nada. Você era um zero... Um zero? Não inteiramente, pois você tinha uma boa cultura geral. Lembra? No início, eu o chamava de “enciclopédia com pernas”. Foram os livros que o corromperam. Será que você conhecia a vida? Você evitava qualquer discórdia, qualquer disputa. Realmente, nunca, nós nunca disputamos. Até hoje à noite, e foi você quem começou a disputa, tornando-se odioso. Até que peguei a pistola... um tiro disparou e você caiu na cama. Quando me curvei sobre você, você retirou a arma com um sorriso e com doçura. O sorriso continua no seu rosto. Será que foi tudo uma armação? Será que foi seu presente

de casamento? Sua morte? Para que possa ficar sossegada? Responda! Não se cale com tanta obstinação. Eu quero fechar os seus olhos.

Você tinha pés agradáveis. Sempre disse que seus pés eram agradáveis. Verdadeiros pés de criança, na sua expressão. Acho que pés nus podem ter uma expressão. E tinha belas costas que eu gostava de acariciar. Sempre havia um clima “caloroso” com você. Era eu que sentia frio; você era um bom forno...

Agora, quase me deu vontade de rir; no fundo, é triste ver você deitado e rígido. Seus pés não são mais como antes, são agora rígidos e severos... Desperte... Queremos... Sim, o que queremos? Recomeçar a vida? Seis anos representam muito tempo na vida de uma mulher... Quero ter filhos, ter um marido, um lar... Você pode me ofertar tudo isso? Não. Meu papel sempre foi ajudar. Quando você tinha dinheiro, ia beber. Não! Devemos acabar, pois não tenho mais paciência. Você entende?... Nada mais faz sentido.

Paciência? Será que tive realmente paciência com você? Ou será que, às vezes, fui insuportável? Você nunca se queixou, na verdade, quase sempre ficava silencioso. Demasiadamente silencioso. Teria sido melhor falar mais, visitar gente. Você tinha o dom. Mas fazia sempre de conta que não interessava. No fundo, havia algo que interessasse?

Sim, acredito que você me amava. Você inventava tantos apelidos estranhos para mim. Não me lembro de todos. A maioria eram nomes de animais. Bom, é comum que amantes se chamem de “pombinha”. Por que você me chamava de “bambi das nuvens”? Não faz sentido. Soou bonito, quando você falou, mas é infantil. Juntos, sempre éramos infantis. Alguma vez falamos sério? Creio que sim. Mas esqueci. O “bambi das nuvens”... Eu parecia com bambi? Sou uma mulher robusta, que sabe o que quer: que quer subir na vida, e não vegetar em baixo. Essa é a razão porque vou casar com o senhor Diretor, um Homem, você está ouvindo? O senhor Diretor me chama Chiquinha e vai continuar me chamar assim; mais tarde, talvez me chame “mãe” ou “mamãe”, quando tivermos filhos. Mas nunca vai ter a ideia de me chamar “bambi das nuvens” ...

Ele vai ser gentil comigo, o senhor Diretor, vai sentir uma paixão calma. É um homem maduro, mas vou ter de me cuidar para não chorar na presença dele. Já me

avisou que detesta mulheres histéricas. Vou guardar a lição. Com você, era possível; como chorei quando você me passou a mão no cabelo, recitando Morgenstern⁶:

«Ich bin so dumm, du bist so dumm

Wir wollen sterben gehen, kumm...»

E foi você quem foi embora. A bambi das nuvens está igualmente morta. Sabe, quando eu estava contente e a chuva batia contra o telhado de vidro de nossa kitchenette, eu cantava, deitada a seu lado, de modo quase inaudível, eu cantava para você. Você perguntou:

– Será que a bambi das nuvens também sabe cantar?

Eu continuei a cantar. Assim como uma criança quando está contente. Era um tempo estranho. Lembra? Até nossas escritas começaram a ficar parecidas. Ninguém tentou imitar ninguém. As duas escritas se aproximaram, como nós, na época. Dançávamos juntos, sozinhos no estúdio. Meu velho gramofone ainda existe. Você continua a gostar dos discos de música havaiana? Eu as achava melosas, mas você gostava, eram boas para dançar. Você nunca aceitou que cozinhasse, nem que lavasse os pratos.

– Vai acabar com os dedos, você dizia.

Você sabia cozinhar. Sobretudo risoto, lembra? Também limpava o chão. No fundo, você era um moço bom...

Você está tão calado. Está despenteado, como de costume. Venha, vou penteá-lo, para que não fique com a aparência desleixada quando forem encontrá-lo amanhã. O que vão fazer com você? Uma autópsia, depois vão enterrá-lo. Duvido que haja alguém no enterro. E seus pés agradáveis...

Vamos pensar em outro assunto. Será que você lembra daquele verão, daquele lago? Olhe, você me mostrou seu lado mentiroso. Disse que sabia nadar como um peixe,

⁶ Christian Morgenstern (1871-1914), autor alemão conhecido por seus poemas satíricos e humorísticos. Os versos citados podem ser traduzidos por:
«Sou tão burro, és tão burro, / Vamos ao túmulo, venha...» (N.d.T.)

e, depois, nem entrou na água! Era assim sua natureza. Eu gostei de nadar naquela água morna e você instalou-se na praia, fez uma fogueira para espantar as muriçocas. Brincava com o cachorro. Eu tinha ciúme do animal e me desfiz dele... Você ficava sentado na praia, tossia quando a fumaça entrava em seu nariz. Além disso, não parava de fumar. Sempre essa marca forte de cigarros franceses. Quase me contagiou com seu vício. Lembra que durante um tempo eu fumei muito? Foi você quem me ensinou. Depois parei.

Naquela época, eu estava no último ano do Conservatório e me faltava dinheiro. Você decidiu trabalhar na construção, como servente. Éramos muito econômicos. Depois veio minha herança. Devo confessar que você me ajudou quando foi necessário. Afinal, será que o dinheiro era tão importante? Sei que não foi fácil para você recomeçar um trabalho manual. Mas você recomeçou, no fundo, apenas para me ajudar.

Agora você tem uma aparência estranha, deitado assim com o sorriso congelado. O mesmo sorriso que tinha ao dormir. Sim. Eu não o aguentava por suspeitar que você estava rindo de mim. Você era um cara estranho. Você lembra daquele tempo? Tive problemas de saúde e me apaixonei por aquele idiota de médico. Quando lhe contei, você apenas riu. Sua reação me irritou tanto que o enganei com ele. Contei isso também. Você não chorou, mas não parei de me lamuriar, pensando ter destruído algo de bonito. Porque aquele homem, o médico, era impossível, desajeitado, pretensioso. Depois, não aguentei mais vê-lo. Você teve de me consolar. Lembra o que falou? Você disse:

– Parece meu destino. Primeiro, as mulheres tentam me enganar, como se diz, e depois, sou eu que devo consolá-las.

Você ainda acrescentou que nada seria destruído, ao contrário, estaríamos mais perto um do outro. Foi isso mesmo. Depois chegou o bom tempo. Durou muito? Um ano? Eu fazia sucesso. Você nunca me acompanhou a um concerto. Mas sempre me corrigia em casa. E Deus sabe que você entendia bem do assunto. Homens como você, qual é seu papel no mundo? Olhe, você deve me perdoar. Ainda sou muito burguesa. Teria gostado de casar com você. Mas você nunca quis. Achava complicado demais. Demasiadamente burguês.

Sim, aquele ano. Era estranho. Não apenas nossas escritas seriam parecidas, empregávamos também uma linguagem parecida. Uma linguagem silenciosa. Era esquisito; bastavam nossos olhares para que nós nos entendêssemos. Lembra ainda a visita daquele empresário? Era em Paris. Ele pensava em organizar um concerto para mim, mas ele acabou fugindo de nossa companhia, porque nosso silêncio lhe pareceu estranho. Não falávamos e ele deve ter tido a impressão de estar diante de fantasmas. Mas os fantasmas eram apenas um bambi das nuvens e um irmãozinho.

Naquela época sempre chamava você de irmãozinho. Creio por causa da canção:

«Brüderlein fein, musst nicht böse sein...»

Você sempre soube explicar tudo; agora me diga, por que estou ficando sentimental? Ou estou fazendo confusões de novo? Não sou sentimental, ou “cheia de sentimentos”, como você costumava dizer. Apenas vejo imagens, em todas as imagens você está em movimento, irmãozinho. Hoje de noite, posso chorar pela última vez em sua casa. Amanhã me tornarei uma dama, aparecerei “pelo braço” de meu esposo. Você teria zombado ao ouvir a palavra esposo; ele, ao contrário, nunca vai rir dizendo: “Você entende, minha esposa, apenas depende do ponto de vista...”

Irmãozinho, o senhor Diretor não tem gramofone, apenas um rádio. Espero que nunca venham a difundir música havaiana, do contrário, eu nada posso garantir... Faria de conta que estava resfriada... Porque não poderia me impedir de chorar. E nunca mais vou ler Morgenstern.

Para você já acabou, pequeno jovem, meu pequeno jovem. Lembra? Eu sempre o chamei assim quando você sentia medo. Frequentemente você tinha medo. Não era minha obrigação proteger você? Como a mãe faz com a criança? Agora, é bem possível que vá ter crianças pequenas, crianças novinhas, como você costumava dizer. Você sempre tinha medo de uma gravidez minha. Pequeno jovem estúpido. A meia hora acabou. Nem chorei. Você continua silencioso. Saiu de fininho, de maneira original. Você me transformou numa assassina. Assassina? Não me sinto culpada. Qual teria sido seu futuro sem mim? Você adivinhou que eu não teria mais ajudado na minha nova posição. Você teria sido honesto demais para me chantagear. Qual teria sido o seu futuro? Teriam internado você. Assim é melhor. Olhe, irmãozinho, realmente você não

deve zangar comigo. Duas vezes você chorou na minha presença, lembra? A primeira, de felicidade. Depois, há uma semana, ao saber que vou casar. Você ficou feio chorando, como uma criança pequena. Não consegui consolá-lo. Você deve entender que precisei ficar inflexível. Preciso sair da lama; com você teria me afogado ainda mais, por causa de sua preguiça, de seu comodismo, de sua indiferença. Quero viver, entende?

Não, você não está zangado, pois está rindo. Você tem a capacidade de entender tudo. É um cara bom. Desculpe, não foi justo chamá-lo de aproveitador. No fundo, você não é. Uma vez eu o chamei de estropiado de alma. Desculpe também essas palavras feias. Você não era nada disso. Era um cara legal, com quem aprendi muito. Está contente? O que aprendi? Talvez a não me considerar tão importante. Meu violino... Bom, enfim, a senhora Diretora vai tocar às vezes para os convidados. Vão aplaudir discretamente e cochichar: “Que pena, é um talento desperdiçado...” Irmãozinho, diga, você perdoa?

Ouçó você dizer:

– Bambi das nuvens, era um trabalho mútuo. Você me poupou a pena de me matar, livreí você de uma carga. Pode acreditar, bambi das nuvens, vamos nos rever.

Você nunca foi religioso. Uma vez me falou do além. Ali será diferente daqui, irmãozinho, menos ordinário... Você odiou quando soprei em sua orelha. Agora, nunca mais vou fazê-lo. Bom dia, o bambi das nuvens está partindo.

Bom dia irmãozinho, meu pequeno jovem, minha criança...

OS SAPATOS QUE RANGEM

Nesse ano de mil novecentos e dezenove, Jakob Studer, delegado da polícia municipal de Berna há um ano e meio, estava na obrigação de mudar-se. A casa na qual alugava um apartamento de três quartos com cozinha estava destinada à demolição. Fazer uma mudança já é um assunto desagradável, mas procurar um apartamento é ainda pior, sobretudo quando não se dispõe de quase nenhum tempo livre durante o dia. Nesse contexto, a culpada pela data da mudança, outubro, em pleno outono, era a senhora Hedwig Studer. Para o delegado, isso significou uma angina de peito. Arrastaram-se móveis pela escada, dispuseram-se os móveis, primeiro contra uma parede, depois contra outra; o delegado transpirava e não se cuidou com a chuva. Quando chegou finalmente a hora para descansar no novo apartamento, começaram as tosse e as dores; o rosto ficou vermelho e gotas de suor se formaram na testa. A mulher disse: “Jakob, será que você está com febre?” e foi procurar o termômetro perdido por causa da mudança. Trinta e oito, nove. Chega o médico, o que é chato, porque até o momento o delegado Studer não sabia o que significava estar doente. Deve mostrar o peito nu, deixar examinar o dorso, engolir remédios que ardiam no estômago. E a esposa, Hedwig, que telefona para o trabalho para informar que o marido está seriamente doente e que não pode trabalhar durante um tempo. Deitado na cama, ele ouviu a conversa que o irritava, mas o papel de parede o irritava ainda mais. Não estava conforme o seu gosto, e mais, feria o seu gosto. Além disso, a casa é barulhenta. Em cima, no terceiro andar, há uma criança fazendo escalas; depois interpretando um estudo, depois uma sonata e afinal uma valsa. Ao mesmo tempo, alguém está colocando um prego na parede de um apartamento da casa vizinha. Parece que houve erro; o prego foi retirado e a martelada recomeça quase no mesmo lugar.

Deus seja louvado; o telefonema acabou. Mas o piano continua tocando, o martelo continua trovejando. A mulher entra no quarto, anda suavemente nas pontas dos pés, mas não consegue fechar a porta do quarto sem barulho. Fora, zune o vento nas ruas; há uma corrente de ar no apartamento e a porta bate. O doente, na cama, pergunta à sua mulher se é impossível ser mais cuidadosa. Hedwig Studer muda de fisionomia, zangada, porque *foi* cuidadosa. Será que é culpa dela se há corrente no novo apartamento? Ela não pode fazer nada, explica, deixa-se cair sentada numa cadeira de

balanço e começa a ler. Ela gosta de ler, a mulher do delegado da polícia municipal, romances com capas ilustradas. As disputas que nascem esporadicamente entre o casal são provocadas por esses livros que nem eram encadernados.

– Oi, estou com sede! Diz, com a voz rouca, o doente na cama.

Suspiro. A mulher se levanta, deixa o quarto (esta vez a porta não bate) e volta dez minutos mais tarde com um chá de ervas. “Brigaaado”, diz o homem; toma a xícara com o líquido fervente, adiciona uma colher de açúcar e começa a beber. “Não beba assim!” opina a mulher e o marido resmunga. São três horas da tarde e a filha ainda está na escola. No prédio do lado, a martelada parou; em cima, no terceiro andar, o piano calou-se. O delegado da polícia municipal gostaria de ler algo, mas está sem vontade de pedir qualquer coisa para a mulher. E assim, está deitado na cama, com as mãos dobradas debaixo da cabeça, o nariz entupido e a garganta doendo.

Não é necessário precisar em que rua Jakob Studer alugou um apartamento nessa época. É suficiente mencionar que era uma rua estranha, as janelas não davam para outros prédios por causa da proximidade da estação. Cinco vias férreas estavam situadas paralelamente à rua. Bem perto, estava erguida uma caixa de sinalização, uma casinha, ou, mais precisamente um casebre de vidro, iluminado de noite. A estrutura metálica fazia com que não parecesse tocar no chão. Studer, ao levantar-se atrasado após uma noite sem sono, podia ver o homem que levantava ou abaixava alavancas de agulha e depois esperava a passagem dos trens que entravam na estação com barulho. Nessas noites, quando já estava se recuperando, ele se lembrava das noites perturbadas pela febre. Sua cabeça era como uma caixa de ressonância na qual o trovejar dos trens provocava dor, mais forte, mais leve, segundo a distância do trem. O silêncio repentino era uma tortura suplementar: quando as rodas já estavam imobilizadas na estação, o chiar dos freios parecia continuar ainda um tempo. Durante a doença, a febre parecia bater na cabeça e as rodas continuavam suas lamentações barulhentas numa língua desconhecida. E não dava para saber se era uma canção ou uma estória que as rodas recitavam.

Desde o início, o delegado municipal de Berna odiou aquele apartamento, que ele devera alugar por causa da demolição da casa, considerada velha demais, onde

vivera antes durante anos. Fez um esforço para não passar um sabão na mulher que alugava aquele apartamento, separado de cinco ferrovias apenas por uma rua, e no qual, dia e noite, ouviam-se chegar e partir trens. Chegaram os sonhos à cabeça febril. Eram os destinos ou as origens dos trens: o sul, o mar, montanhas, ilhas do norte, minas da Inglaterra, Nápoles, o canal de Suez. Eram imagens cada vez mais distantes que torturavam o corpo com suor e frio nórdico... Mas havia duas coisas que tornavam o apartamento ainda mais odiado.

A primeira era o papel de parede do quarto. Um decorador deve ter pensado em pérgulas com rosas como trepadeiras. Foram pintados fios de ferro, nos quais eram suspensos ramalhetes, botões e flores. O papel de parede obrigava o doente a pensar no verão, num parque com flores cheirosas.

A segunda era um barulho ainda mais repugnante que o matraquear dos trens. A cabeceira da cama estava colocada contra uma parede, atrás da qual deviam situar-se as escadas. Sempre e sempre à mesma hora, percebiam-se passos: primeiro subindo, depois descendo. E como se estava na cama, doente, não havia outro jeito, devia-se pensar em quem poderia ser aquele homem que sempre subia a escada e descia mais tarde. Um homem... Com certeza um homem... Passos de mulher seriam mais leves, mesmo se fosse uma gorda; nesse caso, ter-se-ia ouvido bater os saltos, e passos de uma jovem seriam mais leves. Portanto, um homem... Mas qual seria a fisionomia do homem?... As solas rangiam, talvez porque o sapateiro não tivesse feito bem o seu trabalho; mas por que o homem não calçava sapatos com solas de borracha? Havia ainda algo estranho: o horário dos passos. Qual seria a profissão do homem? Às dez horas descia devagar e voltava ao meio-dia. De tarde, parecia ficar em casa. Mas às sete e meia da noite, as solas rangiam de novo, quando ele descia as escadas. À meia-noite ou a uma hora ao mais tardar, os passos voltavam a subir a escada, mas não paravam no terceiro andar, onde uma criança tinha o costume de tocar piano às tardes. Os passos subiam ainda mais... O prédio tinha três andares e mais a mansarda. Então... então o homem dos sapatos que rangiam devia morar ali em cima, na mansarda.

O delegado da polícia municipal também tinha direito a um quarto na mansarda, mas, até agora, não se preocupara com esse direito. O quarto estava cheio, mobiliado, isto é, sua mulher colocou nesse quarto móveis velhos e todas as coisas inúteis de que as

mulheres não conseguem separar-se. Studer cogitava, após a doença, em alugar o quarto mobiliado. Não seria um negócio ruim e permitiria diminuir um pouco o preço elevado do aluguel. Com certeza, outro inquilino já tivera o mesmo plano e alugara um quarto na mansarda. Alugado para quem? Tomado de volta de quem? No térreo, havia o escritório de uma distribuidora de óleos industriais. Não devia ser o dono da empresa. No primeiro andar morava um professor universitário que podia pagar uma empregada doméstica⁷. Essa moça deveria viver no quarto do professor, com certeza. Mas quem habitava no terceiro andar?

Oito dias mais tarde o delegado estava livre da febre nas horas da manhã e da tarde. Os trabalhos domésticos terminados, a senhora Hedwig Studer instalava-se na cadeira de balanço e lia. O marido decidiu-se a perguntar: “Êh, Hedwig, você sabe quem mora no terceiro andar?” A resposta começou com um “He” e um gesto indicando que a senhora Studer estava lendo algo de interessante. O delegado repetiu a pergunta com paciência. Foi inútil, por causa de um trem trovejando em direção à estação e Studer repetiu a pergunta pela terceira vez.

– Quem vive no terceiro? repetiu ela.

– E por que o marido queria sabê-lo?

– É só uma pergunta.

Seria um certo Sobel, proprietário de uma tabacaria situada não se sabia onde na cidade. Alugou o quarto da mansarda para um músico. E já que o delegado estava interessado, havia fofocas de que o violonista teria uma estória de cama com a mulher.

– Hedwig! Uma estória de cama! Não fale assim!

Como sempre em situações parecidas, a mulher não reagiu bem. Achava que o delegado se mostrava demasiadamente moralista... Queria saber se todos os tiras eram tão delicados.

O delegado evitou responder.

⁷ A tradução está certa. O autor deixa claramente entender que, na Suíça, um professor universitário tem um salário invejável (N. d. T.).

Então, na mansarda morava um violonista; mas onde será que ele toca? Num café? No teatro municipal? E esse músico servia-se da ausência do proprietário da tabacaria para namorar com a mulher... Eh ... Era o que a senhora Studer queria dizer, mas poderia tratar-se apenas de fofoca, existem mulheres que sempre gostam de preocupar-se com assuntos alheios.

Violonista!... O homem exercitava-se das dez às doze. De noite trabalhava... No escritório seria fácil descobrir seu nome, mas em casa, na cama? Melhor era esperar. Já fazia dez dias que estava na cama e o médico achava que uma angina não duraria mais que quinze dias. Seria melhor ficar na cama ainda uma semana, além dos quinze dias, porque haveria risco de complicações renais... Afinal... Afinal, não deveria ser demasiadamente difícil ter ainda doze dias de paciência...

E Jakob Studer, delegado da polícia municipal de Berna, não precisou de tanta paciência. Quatro dias mais tarde, um domingo, estava livre da febre e, assim, não se interessou mais pelas prescrições do médico desconhecido. Como sua mulher, acompanhada da filha, estava de visita em casa de uma tia, e como a garganta não lhe doía mais, sentiu-se suficientemente restabelecido para deixar a solidão do apartamento. Vestiu-se com roupas de inverno, apesar do vento quente das montanhas, e saiu do apartamento por volta das quinze horas. Ao dar a volta à chave na fechadura, ouviu o ranger de sapatos escada acima. Sorriu debaixo do bigode crescido durante a doença e esperou. O rangido chegou ao terceiro andar e fez-se um silêncio. Depois, uma porta se abriu e uma voz feminina disse: “Oi, Alfred.” A resposta foi murmurada. Depois, a mulher continuava a falar, a Agathe já não tocava mais e ela lhe perguntou se ele queria dar uma saidinha com ela... Silêncio. De novo, a resposta foi apenas murmurada e a voz feminina disse que ia preparar a menina, já que o casaco estava no outro andar e se o Alfred quisesse esperar um momento... Dessa vez a resposta foi audível, curta e dura: “Sim, com prazer.”

Nessas condições, o delegado Studer estava encantado com o fato de que a fechadura da porta era difícil de manejar. Sentia-se um pouco fraco porque quinze dias de cama não passam sem sequelas, os músculos não se comportavam como de costume. Pouco depois, quando Studer finalmente acabou de fechar a porta, ouviu o ranger das solas nas escadas que levavam do terceiro andar ao segundo. O delegado continuou no

lugar, apoiando-se contra a parede. Finalmente, começou a ver os saltos de um par de sapatos estranhos. E durante o tempo em que as solas de couro continuaram seu caminho com barulho, a porta do andar de cima se fechou.

As solas que rangiam faziam parte de um par de sapatos de pala, de sapatos velhos. O homem que os calçava tinha um chapéu duro e redondo na cabeça quase careca e vestia uma gabardina pelintra e amarrotada. Segurava também uma bengala na mão direita, sobre a qual apoiava-se regularmente, sem que houvesse um tic-tac por causa da ponta de borracha.

“Boa tarde”, disse Studer, gentilmente, e levantou seu chapéu de aba larga. O senhor calvo também levantou seu chapéu duro e a menina que segurava a mão esquerda do velho inclinou a cabeça. Ela tinha uns doze anos e seus cabelos loiros estavam trançados. A curiosidade do delegado foi antes de tudo atraída por uma caixa que o homem de meia idade segurava debaixo do braço direito, sem ser impedido de se servir da bengala. Não era de um violino, ainda menos de um violoncelo. Talvez um instrumento de sopro, mas Studer ignorava qual. Será um oboé, uma flauta ou uma trompa?

– Sou seu novo vizinho, disse Studer com polidez.

Não houve resposta. Mas a menina disse:

– O Senhor deve desculpar meu pai, ele quase não ouve.

– Êh, desculpe, desculpe, senhorita!

Os dois continuaram seu caminho pela escada e Studer seguiu o par estranho, porém andando mais devagar. Ao sair da casa, os dois já não foram mais vistos nos arredores. Passava um trem e o funcionário de plantão na casinha de vidro desceu uma alavanca. Devagar, Studer continuou seu caminho pela calçada; a rua lhe pareceu estranha, afinal ele a tinha visto apenas na ocasião da mudança. Seus passos ainda não eram firmes; segurava as mãos atrás das costas porque não queria calçar as luvas. O céu de novembro estava azul; soprava um vento pesado que continuou ao longo da rua e levantava poeira, obrigando os transeuntes a andarem de olhos quase fechados. De novo, um trem dominical matraqueou em direção à estação, homens olhavam através das

janelas e fumavam, mulheres olhavam em espelhos de bolsa para consertar a maquilagem. Studer parou um momento; o trovejar das rodas na sua cabeça incomodou-o de tal jeito que dirigiu seus passos em direção a um botequim. Abriu a porta, entrou e instalou-se na única mesa livre. Pediu um chope e um charuto, duas coisas não particularmente indicadas, em virtude de seu estado de saúde, mas o delegado não ligou; queria esquecer, durante uns instantes, as duas semanas passadas, sua dor de garganta, sua febre e as noites sem sono. Não demorou muito e ele notou que estava errado; sentiu dor de cabeça e os olhos ardiavam. Ao começar a tossir, gritou “quanto devo?” e deixou o local descontente porque não dava para ficar e assistir na mesa vizinha a um jogo de cartas interessante...

Entrou numa viela lateral para ficar livre da tortura dos trens matraqueadores. Studer começou a pensar no par que encontrou na escada; havia várias explicações. A pirralha com tranças devia ser a filha do homem que calçava sapatos com solas que rangem. Como se chamava a menina que toca piano todo dia durante uma hora, fazendo escalas, interpretando sonatas e valsas? E onde trabalhava o surdo, cujas solas rangem, cuja bengala era silenciosa? Não deveria ganhar muito, já que não dava nem para alugar um apartamento e ele devia contentar-se com uma mansarda...

Mas onde vivia a filha de tranças? Sem dúvida, o escritório do térreo tinha também direito a um quarto na mansarda e a criança devia viver nele. A família do terceiro andar talvez não tivesse filhos e a mulher cuidava da menina, para passar o tempo e ter uma ocupação. Em vez do sobrenome mais formal, ela chamava o músico “Alfred”, o que fez com que as outras mulheres suspeitassem erradamente de um caso entre os dois. Nada comprovava essa suposição besta. Seria mais provável que o velho careca fosse viúvo, e devia pagar para estar como numa pensão e ter as refeições. Solução cômoda para todos. O gerente de uma tabacaria não deveria ganhar muito e o aluguel do terceiro deveria ser elevado; assim era interessante ter um inquilino para o quarto da mansarda e aceitar dois pensionistas.

Hum... Studer passou a mão no queixo e notou que esquecera de fazer a barba. Não gostou e, por isso, voltou para casa. A esposa ainda não voltara, eram apenas quatro e meia. Studer instalou-se na cadeira de balanço perto da janela, na qual Hedwig fazia seu serviço de enfermeira; pegou uma daquelas revistas odiadas e folheou-a, mas

desistiu da leitura em poucos instantes. Bocejou demoradamente e irritou-se porque era domingo, dia em que não era possível cortar cabelo e bigodes. Todas as barbearias estavam fechadas... Passou o polegar e o indicador sobre os olhos doloridos, bocejou ainda uma vez - e, de repente, sobressaltou-se.

Aconteceu algo fora de comum no andar de cima.

Um barulho irritou o delegado: um grito dorido e não dava para saber se foi uma voz de homem ou de menina que gritou... Depois uma queda. Pés andavam para lá e para cá, uma porta bateu, sem dúvida por causa do vento que entrou pela janela aberta... Depois, silêncio. O delegado estava sentado na cadeira de balanço da mulher, com as mãos apertando os braços do móvel e escutava, escutava... Era estranho, não ouviu passos nas escadas.

Studer estava sentado na cadeira de balanço, sem fazer nenhum movimento. Fora, havia o barulho de um trem que passava. O delegado devia pensar no homem da casinha de vidros que deveria baixar uma alavanca. Depois, reinou o silêncio; silêncio no novo apartamento que ele acabara de alugar; nenhum barulho no primeiro andar, nem no terceiro. Podia-se imaginar que o prédio estivesse vazio. Um carro passou devagar na rua, depois duas vozes brigando, mas não dava para entender as palavras.

Afinal ouviu fechar-se a porta de entrada do prédio, passos subindo as escadas, chegando ao andar de Studer, continuando a subir, chaves batendo na porta do apartamento.

E então um grito agudo, o grito de uma mulher.

O delegado sobressaltou-se, enrolou um cachecol de lã em volta do pescoço, abriu a porta do apartamento com força, subiu as escadas até o terceiro andar, dois degraus a cada passo; a porta do apartamento estava aberta e alguém chorava. Studer entrou. Os cabides estavam vazios, a cozinha e dois quartos na escuridão, mas havia luz numa sala.

Studer estava com dor de cabeça e sentiu tonturas. Mesmo assim, entrou na sala iluminada, ao menos chegou até à porta.

A moça de longas tranças louras estava deitada no chão e uma mulher desconhecida estava ajoelhada ao seu lado.

– O que aconteceu?

A mulher levantou o olhar, lágrimas desenhavam linhas brilhantes no rosto, a maquilagem estava desfeita.

– Quem é o senhor? Perguntou, e Studer apresentou-se.

– Então é da polícia? Perguntou ainda.

Studer concordou.

– Deus seja louvado!

– Por quê?

– Olhe, a menina parece morta... Provavelmente estrangulada... por um desconhecido!...

O delegado da polícia municipal odiava exageros, empurrou a mulher gorda, cuja maquilagem o irritou, para ver a jovem mais de perto.

Estrangulada!... Não havia marcas no pescoço... Mas a moça bateu com o occipital ao cair, isso era evidente por causa de um inchaço, e a cabeça estava numa posição que permitia imaginar a nuca quebrada.

– Não posso fazer nada, disse Studer. O melhor é telefonar para a polícia e mandar vir um médico. A gorda, esposa do dono da tabacaria, estava de luvas e um jaquetão cinzento. Studer apreciou, pensando que seria vantajoso por causa das impressões digitais.

– Qual é seu nome?

– Mas, Senhor Studer, como vizinha o senhor deveria conhecer-me!

O delegado municipal levantou seus ombros maciços:

– Estava doente... Assim ainda não conheço ninguém do prédio...

– Ah, sim, é verdade. O Senhor teve uma inflamação das vias respiratórias!...
Nessas condições não foi imprudente subir ao nosso apartamento?

Dois coisas irritaram Studer. Primeiro, a gorda, que afinal se levantou, tentava falar alemão em vez do dialeto corriqueiro. Segundo, ela era pretensiosa, orgulhosa de ser vizinha do delegado da polícia municipal. E, a primeira pergunta sobre o que ele era foi teatro. Não dava para levar a sério tal pergunta. Como a mulher decidira falar alemão erudito com sotaque de Berna, Studer decidiu parodiá-la ao perguntar:

– A Senhora não tem o telefone, Senhora... Senhora...?

– Staub! O delegado deve conhecer meu nome. Não?

– Não... Infelizmente, não!

A mulher mostrou que estava ofendida, deixou a sala, acendeu uma luz no quarto ao lado e depois disse:

– O Senhor quer telefonar daqui...?

– Sim...’brigaaado...

A esposa de Studer e seu substituto na polícia chegaram no mesmo instante. Uns minutos mais tarde, chegou o dono da tabacaria; ouviu-se falar na entrada do apartamento de uma partida de xadrez que ganhara essa tarde no clube. Mas quando ouviu falar da morte de Agathe, calou-se e seu rosto gordo de muitas veias assumiu uma expressão cansada. Durante uma meia hora, a língua da senhora Staub não parou. Seu discurso tratava, antes de tudo, de sua bondade com os vizinhos; citou o músico do teatro municipal, Arnold Walter, que lhe devia o quarto da mansarda. O marido não queria alugar; e o outro quarto onde vivia Agathe, Arnold o devia igualmente a ela. Durante três horas discutira numa manhã com o senhor Eichenberger, que é gerente do escritório no térreo e conseguiu convencê-lo a cobrar apenas dez francos de aluguel por mês. Certo, o quarto não era mobiliado, mas ela conseguiu retirar de sua reserva uma cama, duas cadeiras e uma mesa, para que a moça pudesse viver decentemente. E o

quarto do pai, que ficou surdo após uma grave doença, já foi alugado com o mobiliário. Os dois, pai e filha, tomavam as refeições na casa dela, que nunca cobrava mais que duzentos e vinte francos por mês pelos dois quartos e a pensão. Se isso não for um presente! Ainda mais quando se pensava que o senhor Arnold Walter, que era clarinetista, ganhava apenas trezentos francos por mês. Era quase de graça, não?... Studer deu de ombros para não responder e fez os cálculos: o velho tinha apenas oitenta francos para as outras despesas, como roupas, lavanderia; e com certeza gostava também de fumar, e às vezes teria de ir ao cabeleireiro. O delegado suspirou... Achava difícil viver neste mundo...

Nesse momento o investigador Reinhard, que substituiu o delegado Studer, entrou no apartamento. Imediatamente depois, entrou a senhora Studer com a filha e repreendeu o marido; previu uma recaída, pegou sua filha pela mão e deixou o apartamento onde havia um morto. Quando ela desapareceu, apareceu o senhor Staub, o dono da tabacaria; já na entrada, começou a relatar sua partida de xadrez. Studer estava de pé na sala, ao lado da moça; apoiava-se contra a parede e sentiu dor de cabeça. Uma pergunta não parava de torturá-lo: onde estava o clarinetista? Por que o pai não se preocupava com a filha acidentada?

Finalmente chegou o médico legista, que tinha uma expressão má no rosto. Esse homem não estava acostumado a ser incomodado aos domingos de tarde. Ele se ajoelhou, tocou o cadáver da jovem, antes de tudo a nuca, fez um gesto de surpresa ao ver que os olhos estavam fechados... perguntou: “Foi você, Studer?” O delegado fez um gesto negativo. A dor de cabeça aumentou e ele se perguntou o que, afinal, estava fazendo ali. Não era seu dever dirigir as investigações. Em voz baixa, perguntou onde estava naquele momento o clarinetista, que se chamava Arnold, parece. Havia uma matinê que durava até às quatro e já deveria estar de volta.

Estar de volta... As palavras ainda ressoavam na cabeça de Studer. Como seu charuto estava apagado, acendeu-o de novo. Segurava o fósforo aceso na mão e, de repente, deixou-o cair. Vindo do andar de cima, uma melodia de flauta se espalhou. Flauta?... Ou era uma clarineta? Era uma melodia muito triste, lembrando uma sonata que a moça interpretava cada tarde.

Essa canção leve e distante provocou uma impressão estranha. A boca do médico ajoelhado abriu-se, o investigador Reinhard passou o dedo mínimo na orelha, como se quisesse ouvir melhor. A senhora Staub limpou a bochecha, tirou um pequeno espelho da bolsa, de tal jeito que parecia com uma das mulheres que passavam nas janelas do trem dominical. O senhor Staub, o proprietário da tabacaria, desistiu de acender um charuto que retirou do maço...

Mas no chão estava deitada a moça com a nuca quebrada e as pálpebras eram brancas como cera de velas.

– Quem... quem... está tocando? Perguntou o substituto de Studer.

– O pai, suponho. Opinou o delegado da polícia municipal, imóvel.

De repente, entendeu porque, depois da queda, não houve barulho nas escadas.

– Procure-o, Reinhard! Ordenou Studer.

Obediente, o substituto concordou com a cabeça. Antes de sair, voltou a cabeça ainda uma vez e perguntou: “Já está melhor, Studer?” O delegado afirmou distraidamente.

Durante a ausência do investigador Reinhard, a senhora Staub chorou; o marido estava sentado, embaraçado, num sofá perto da janela, com as pernas cruzadas. Às vezes, sacudia a cabeça gorda, segurava o charuto não aceso entre o polegar e o indicador da mão direita e deixava-o rolar entre os dedos.

– Na décima jogada, Marta, Nägeli fez um erro. Fez uma armadilha; ele queria sacrificar um cavalo, mas senti o que queria fazer e não aceitei o gambito. Movimentei minha dama de h3 a e6, o que desapontou Nägeli, que assim perdeu a partida. Jogamos durante duas horas e ao chegar à trigésima jogada ele desistiu. Sabe, não teve mais nenhuma iniciativa.

– Cale-se, ordenou a senhora Staub e retirou finalmente as luvas e o jaquetão.

Ela voltou ao salão, não sem primeiro desligar a luz no corredor, e fechou a porta. Em cima, continuava a canção; parou e logo ouviram-se passos na escada, mas

não os passos dos sapatos que rangiam. Na verdade, eram apenas os passos do investigador Reinhard; seu acompanhante devia calçar chinelos.

De novo, Studer estava obcecado pelos passos que ouvia quando estava no seu apartamento. Eram estranhamente silenciosos, apenas houve o barulho de uma porta fechada.

A campainha soou e a senhora Staub foi abrir.

O senhor Arnold usava um colarinho sem paletó e um tipo de roupão de banho. Mancava levemente porque não usava a bengala. Primeiro, parou na porta, e Studer observou que usava chinelas de feltro. Depois, aproximou-se em pequenos passos do cadáver de sua filha. O investigador Reinhard fez perguntas que ficaram sem respostas.

– Estás... morta, Agathe? Perguntou o músico.

Studer notou que o sangue estava subindo à cabeça do homem, a pele do crânio calvo tornou-se azul avermelhado.

– Está morta, agora?

O velho homem estava em pé, sem se agitar, as mãos nos bolsos do roupão marrom.

– Se você falar, disse o músico apenas de modo audível, vou entender. Me diga quem... Os outros movem os lábios de tal maneira que não entendo o que falam. Mas você... você... Sempre entendi.

O velho homem falava um alemão estranho. Afinal, estranho somente para os presentes que estavam acostumados apenas com o dialeto de Berna. O falar do músico soava estranho; Studer achava que era o alemão falado por um eslavo. Mas Arnold era um nome alemão, com certeza.

– Agathe, disse o velho homem.

Seus poucos cabelos na nuca se ouriçaram e o crânio estava coberto de pequenas gotas de suor.

E de repente, uma clarineta caiu no chão com barulho; o velho ajoelhou-se e pegou a mão direita da morta. Tremeu e disse:

– Como sua mão está fria!

Depois, usou a esquerda e pousou-a sobre a testa da filha.

– Quem fez... quem fez... Agathe!

Silêncio. Depois:

– Talvez você queira que ninguém saiba?

Pareceu uma pergunta. Studer continuava a apoiar-se contra a parede; na boca o charuto apagado.

– O que devo fazer, Studer? Perguntou o investigador Reinhard.

Era um homem pequeno e o rosto lembrava um rato, mas usava um colarinho alto, talvez porque fosse o substituto do delegado da polícia municipal.

– Fazer? Repetiu Studer, que sentiu cansaço.

Com certeza, a febre recomeçara a incomodá-lo, ele devia esperar uma recaída. Que chatice, as chamadas investigações.

–Me dê fósforos, Reinhard! Ordenou.

Assim que acendeu o charuto, ele se afastou da parede, avançou na direção do jogador de xadrez, que continuava brincando com seu charuto apagado.

– Porque fez isto, senhor Staub? Perguntou o delegado doente.

– O que a moça lhe fez?

Na sala reinava o silêncio. A senhora Staub arregalou os olhos:

– Você, Alfred? É mentira! Você saiu para jogar xadrez, não é?

O homem no sofá sucumbiu e disse em voz baixa.

– É uma fatalidade... fatalidade. Quando cheguei em casa, ela estava tocando; eu a empurrei um pouco, pegando nas tranças... Nada mais... E ela caiu. Simplesmente, caiu... Mas era justo! Está ouvindo? Era justo que ela morresse; por que um homem, um músico que não ganha nada, surdo, e tem que ter um filho, enquanto nós dois sempre estamos sós! Não faz muito tempo que esperamos um filho? Êh? Diga! Diga a verdade!

A mulher se calou. Na maquilagem retocada apareceram traços.

O delegado da polícia municipal levantou os ombros largos. Andou devagar em direção à porta, e seus passos eram inseguros. Disse em alemão, e não em dialeto:

– Afinal, você é meu substituto, Reinhard. Tire esse assunto... esse assunto... se quiser... a limpo. Sabe, estou cansado. É a febre.

O delegado tossiu. O charuto estava apagado de novo. Ele o segurava entre o polegar e o indicador, como o dono da tabacaria. Disse com voz desfeita:

– Boa noite... Boa noite... para todos...

Na sala reinava um silêncio que permitia a todos ouvirem os passos do homem pesado fora, no corredor, o fechamento da porta, passos que desceram a escada, cada vez mais silenciosos. A campainha do apartamento de baixo soou estridente; a porta rangeu, fechou-se. A voz de Hedwig Studer soou forte e aguda.

UM CREPÚSCULO

1.

Extrato do relatório confidencial do escrivão Paul Montandon, encaminhado ao Dr. Hans Fehlbaum, presidente da junta administrativa do Tribunal Regional Superior. (15 de setembro de 1931)

... e gostaria que Vossa Excelência me permitisse tratar brevemente do referido assunto, porque a liquidação do caso está estreitamente ligada à queixa contra meu superior que o senhor Procurador Schönthal se sentiu na obrigação de apresentar.

Brand foi preso e internado na prisão distrital no dia quatro de agosto, pelo policial Kohli, sob a acusação de ter cometido um furto na residência do fazendeiro Gäumann. Na ocasião do interrogatório, realizado o dia seguinte pelo meu superior, o juiz de instrução Max Jutzeler, o acusado confessou o crime, mas insistiu em mencionar que o motivo dos seus atos era a miséria e que roubou apenas uma salsicha e um grande pão. O crime foi cometido na noite de primeiro para dois de agosto. Durante o interrogatório, Brand comportou-se bastante bem, mas relatou os fatos com um humor estranho e seco, como se o assunto fosse uma façanha de um estudante. Após o depoimento, Brand começou a chorar. Perguntado sobre os motivos das lágrimas, ele começou a contar sua vida. Como o senhor Juiz de Instrução e eu decidimos não anexar o protocolo desse depoimento às atas que foram encaminhadas à Procuradoria, solicito a Vossa Excelência tratar o presente relatório com o devido sigilo. No entretanto, os fatos já são conhecidos das autoridades, por causa do comportamento de Brand. O acusado relatou que escapou do asilo de mendicidade na companhia de uma outra internada, Pulfer Margareth, e que ganhou dificilmente, durante dois meses, subsistência pela produção e venda de cestas. No dia quinze de maio de mil novecentos e trinta e um, a polícia municipal de Bienna deteve a companheira de Brand e a internou por um ano no asilo de trabalho de Hindelbank, baseando-se no decreto governamental de 16/07/1931 e na lei de 11 de maio de 1884, artigo 4, parágrafo 2. A partir desse momento, o acusado vagueou pela região e, segundo suas confissões, introduziu-se em

várias fazendas para apropriar-se de comida, até que foi finalmente detido pelo policial Kohli, num montão de feno onde passava a noite. Além desses fatos, Brand relatou ainda que, desde seus dezessete anos, quase sempre viveu internado, primeiro na casa de correção Trachselwald, depois em Witzwil, de onde escapou e, finalmente, em Thorberg. Como havia dúvidas em relação à sua sanidade mental, foi solicitado um parecer ao hospital psiquiátrico Waldau, que concluiu tratar-se de um doente mental. Baseado nesse parecer, Brand foi internado naquele hospital por tempo indeterminado, mas conseguiu fugir e foi preso após ter cometido vários furtos. Como foi considerado um perigo para a sociedade, ele voltou para Thorberg, onde foi encarcerado por cinco anos. Aproveitou o tempo para formar-se como eletricitista de aparelhos de rádio num curso à distância; conseguiu a melhor nota possível na prova final (Brand mostrou o documento comprobatório a pedido do juiz de instrução). O diretor da prisão depôs a favor de Brand, manifestou-se a favor de sua libertação e internação provisória no asilo de mendicidade de Breitiwyl, até que a assistência aos ex-detentos lhe encontrasse um trabalho correspondente às suas qualificações. No entanto, Brand fugiu do asilo apenas quatorze dias mais tarde, tudo indica que sob a incitação da já mencionada Pulfer. Aliás, a referida pessoa manca, e parece que a compaixão era o motivo da fuga. Não se conseguiram obter maiores explicações quanto ao ódio ao asilo de mendicidade como apareceu no depoimento, apesar das discussões dirigidas.

Prezado Senhor Doutor, antes de tratar mais pormenorizadamente do despacho dado sobre o caso Brand pelo Juiz de Instrução Jutzeler, gostaria de expor brevemente minha situação em relação ao meu superior. O doutor Max Jutzeler não é muito querido na nossa cidade. Sua maneira de conduzir as investigações apenas lhe valeu a simpatia dos acusados. Há dois anos, quando foi nomeado para esse cargo, teve de superar várias dificuldades. A maior era, sem dúvida, o fato de que sua esposa é estrangeira. Mais tarde, em conversações confidenciais, o doutor Jutzeler me disse que vivera dois anos na Dinamarca para completar seus estudos de direito e que se casou naquele país. A senhora Jutzeler-Jürgensen domina muito bem o alemão, mas demonstra dificuldades ao falar nosso dialeto vernáculo. Aliás, ela leva uma vida bastante reclusa. Até agora, o casamento não foi abençoado com crianças. As atitudes reservadas do casal com os habitantes da cidade foram interpretadas como soberba. Fico muito orgulhoso porque meu superior me tratou, desde o início, como colaborador, de igual para igual. Além

disso, testemunhou seu caráter amável ao convidar-me frequentemente para sua casa. Em casos mais delicados, o doutor Jutzeler nunca deixou de pedir minha opinião, visto que vivo há mais tempo aqui e, assim, estou mais familiarizado com a mentalidade local. A nossa cidade é sede do Tribunal do Júri e a circunscrição é povoada essencialmente por camponeses, enquanto o senhor Doutor Jutzeler é um cidadão do mundo, o que explica as dificuldades eventuais no início. Queria salientar, antes de tudo, o comportamento do senhor procurador Schönthal. Desde o início, ele causou sistematicamente problemas a meu superior, criticando sempre os resultados de suas investigações. Como Vossa Excelência me pediu um relatório confidencial, tenho a certeza de que as presentes alusões não serão empregadas a meu desfavor. O senhor procurador Schönthal é exatamente o contrário do meu superior: politicamente muito ativo, membro de várias associações e, além disso, é nativo de nossa cidade, assim como sua mulher. Esse fato faz com que ele tenha laços de parentesco com muitas famílias e isso o torna popular. Quando há eventos sociais, o que não falta aqui, ele sempre está presente, acompanhado da mulher. Meu superior, ao contrário, é bastante reservado e prefere ficar em casa. Ele gosta de música e deve-se salientar que é um excelente violonista; aliás, sua mulher o acompanha muito bem ao piano. Sabendo que eu mesmo gosto muito de música, mas sem tocar nenhum instrumento, Vossa Excelência deve imaginar que empresto muito valor às noitadas que podia passar naquele círculo familiar. Na medida do possível, sempre me esforcei para poupar o senhor doutor Jutzeler das contrariedades e consegui, até mesmo no caso Brand. Gostaria de apresentar brevemente o desfecho do referido caso, mesmo supondo que Vossa Excelência já esteja a par, por meio de outras fontes. Depois do interrogatório ao acusado, o juiz de instrução opinou que o Brand ainda deve merecer uma chance. Conhecíamos seus antecedentes e sua vida infeliz, apenas através do depoimento. Oficialmente, não sabíamos. Permiti-me pedir ao juiz de instrução para providenciar um suplemento de informações, indagando qual seria o seu dever. Ele discordou e tive de inclinar-me aos argumentos altamente éticos. Eram significativamente éticos, porque baseados em reflexões do filósofo Schopenhauer que, num trabalho memorável, apontava a compaixão como raiz de toda ética. No entanto, meu superior cometeu uma incorreção formal ao decidir não anexar às atas transmitidas ao procurador o depoimento de Brand sobre seu passado. O doutor Jutzeler explicou, nas suas conclusões, que se tratava de furto sem violência, motivado pela fome, com prejuízo inferior a vinte francos. Após o visto das atas, o procurador

Schönthal concordou com os termos e o Tribunal condenou Brand a uma pena de uma semana de reclusão. No dia onze de agosto, ele foi posto em liberdade e visitou ainda o juiz de instrução que o ajudou com uma pequena soma. Na noite desse mesmo dia, Brand incendiou o celeiro e o curral do asilo de mendicidade de Breitiwyl. O prejuízo, coberto pelo seguro, devia chegar a 15 000 francos. Brand foi pego em flagrante e encarcerado na delegacia do distrito. Como o crime foi cometido numa outra circunscrição de Tribunal do júri, não devemos ser solicitados nesse caso. No entanto, o senhor Procurador não deixou de fazer queixas ao meu superior sobre a maneira irresponsável com que a investigação foi conduzida. Ameaçou-o igualmente com uma queixa à Junta administrativa, ameaça realizada, como pude notar ao ler sua correspondência do dia treze.

Na esperança de que Vossa Excelência saiba apreciar as motivações humanitárias e éticas do meu superior, peço que...

2.

Extrato de uma carta da senhora doutora Lilly Jutzeler-Jürgensen para sua irmã, Inge Jürgensen, professora de escola primária, Copenhague. (Sem data)

... devo queixar-me de que Max me causa cada dia mais preocupações e de que não tenho nenhuma amiga nesta cidadezinha terrível. Na época em que Max frequentava nossa casa, você já notara algumas de suas estranhezas. Você me contou que ele lavava as mãos no mínimo vinte vezes por dia. Igualmente você me disse que ele, o jurista, tinha uma visão bem particular do que é a justiça. Devo confessar que essas estranhezas não me causaram preocupações e, durante os primeiros anos do nosso casamento, quase nem se manifestaram. A nossa relação nunca foi marcada pela paixão e parece-me que ele via em mim a mãe. Isso mudou pouco. Fiquei contente que ele sempre buscou consolo e refúgio na minha presença. Sempre gostei de ofertar-lhe essas duas coisas tão importantes para ele, já que seu ofício exige a exibição de autoridade, o que está muito distante de seu caráter. Mas agora notei, já faz quatorze dias, que algo não está batendo

muito bem com Max. Vou dar-lhe um exemplo. Frequentemente recebemos em nossa casa o escrivão de meu marido, que se chama Montandon. É um senhor engraçado, gordo, calvo, com o rosto vermelho brilhante, cuja boca está escondida atrás de bigodes hirsutos. Ele é solteiro e gosta de visitar-nos porque, disse, está cansado de frequentar botecos e os pequenos notáveis. Prefere a presença de seres humanos simpáticos. Parece também apreciar que ambos gostamos de música, mostra particularmente uma fraqueza por uma sonata de Mozart que interpretamos bastante bem, Max ao violino e eu ao piano. Inventou uma vez que ela soava como se um homem estivesse obrigado a assistir a uma dança fúnebre e cantasse para dissipar o horror. Da parte de um escrivão é um julgamento original. Faz agora quatorze dias que Max não toca mais o violino e, quando me sento ao piano para tocar, ele me xinga. Também, na maioria das vezes, deixa-me agora a sós com o senhor Montandon que, nessas ocasiões, passa a mão sobre os bigodes espessos para disfarçar o incômodo; ainda mais, tenta explicar-me no seu alemão dialetal o que está acontecendo com meu marido. O estranho nessa estória é justamente que as mudanças do meu marido estão ligadas a um caso de justiça. No dizer do senhor Montandon, tratava-se de um vagabundo que meu marido achava simpático. Apesar de ter merecido uma pena pesada, meu marido ainda lhe entregou um dinheiro ao libertá-lo. Esse vagabundo incendiou uma granja e agora Max sente-se culpado. Quase não dorme mais, durante horas passeia no seu escritório e, quando finalmente vai deitar-se, mantém a cabeça contra a parede, de tal jeito que pergunto com medo: “Max, está ouvindo algo?” Como resposta, faz um signo negativo com a cabeça e me fixa com os olhos vazios. Nessas ocasiões, tenho a impressão de falar apenas com uma metade de um homem, enquanto a outra cresce num outro mundo, onde espera para introduzir-se no nosso. Estou me exprimindo com dificuldades, justamente por causa dessa situação.

Além disso, Max tem bastantes atritos com seu superior direto, o Procurador Schönthal. Vi esse senhor apenas uma vez e achei-o antipático. Imagino um rosto plano, cuja cor lembra gordura vegetal, e onde se abre uma grande fenda como boca de lábios quase inexistentes; há uma semelhança quase desesperadora com um sapo. Ele gosta de se dar importância e, frequentemente, assedia meu marido no seu escritório com pedidos de vista de processos em andamento. Ele deve querer pegar meu marido fazendo um erro. Max, que é muito responsável no trabalho, tem dificuldades de aguentar essa desconfiança permanente. Como a insônia acaba com sua saúde, decidimos consultar

um neurologista. Acompanhei-o. Não gostei do médico. É bastante surdo e deve considerar-se muito importante. Perguntou sobre nossa relação, sobre as coisas mais esquisitas e falava muito de complexos e repressão. Afinal, aconselhou Max a deixar a música e tentar o desenho para formar as imagens que nascem no inconsciente. Com isso ele deveria sentir uma certa libertação. No que diz respeito à insônia, aconselhou banhos quentes para os pés e um remédio. Não ajudou nada, apesar de Max ter comprado uma caixa de bastões de tinta pastel e ter desenhado muito, às vezes durante noites inteiras. Suas imagens poderiam provocar imenso ciúme nos expressionistas. O que ele desenha são seres horríveis, metade humanos, metade animais, que não têm nada em comum com os centauros dóceis de um Böcklin. Não, esses seres parecem-se mais com monstros góticos de uma demonologia. Minha querida irmã, estou só aqui, sinto a hostilidade da gente e sinto isso nitidamente quando ando nas ruas. Ainda mais, a aparência da cidadezinha nem revela que é tão ruim no seu foro íntimo. Talvez nem seja tão ruim e sou apenas eu que a sinto assim. Ela se situa à beira de um lago, no horizonte veem-se montanhas brancas; no centro, existem apenas casas antigas e as calçadas são bastante elevadas, de tal jeito que se deve descer uns degraus para atingir o nível das ruas. O escritório do meu marido fica num velho castelo sobre uma colina que domina a cidade. De lá, tem-se uma linda visão panorâmica. Veem-se as montanhas bastante perto, o lago e o rio que, quando há sol, ondula no vale, parecido com uma serpente brilhante e metálica. Mas agora em novembro, tudo está encoberto pela neblina úmida que despeja sempre suas gotas d'água; um breve passeio é suficiente para ficar molhado. Essa umidade parece ter contaminado os habitantes da cidade, eles são escorregadios. Apenas Max e o cômico e gordo senhor Montandon não parecem ter a mentalidade local. Ambos me parecem torrados, como se o vento do mar tivesse secado suas almas. Eles destoam entre esses pães de açúcar que, no horizonte, fingem ter importância quando há o famoso arrebol alpestre. Como já disse, os outros estão no lugar certo, talvez até sejam bondosos, mas como não falo sua língua, tratam-me de renegada. Não posso frequentar a sociedade, já que falam muito. O mar nunca lhes ensinou a calar; eles têm o pequeno lago, a pequena política que imita o lago. Às vezes, tem a aparência de querer tornar-se perigoso. Mas não há nada mais do que a aparência. O vapor navega nele em segurança. É chato, minha irmã, e agora o medo que se acrescenta...

3.

Extrato do relatório da Procuradoria da circunscrição, destinado ao Presidente da Junta administrativa do Tribunal regional (6 de fevereiro de 1932).

... gostaria ainda de submeter a Vossa Excelência os casos seguintes que dariam ainda mais força a minha queixa contra o juiz de instrução Jutzeler que, naquele tempo foi denegada. O tamanho de incorreções e violações para com a lei cometidas pelo já citado senhor, fazem com que deva insistir num tratamento exemplar do assunto, já que não tenho mais a possibilidade de cobrir com minha autoridade a ridicularização sem precedente da nossa justiça. Portanto, insisto em que seja criada uma comissão com poder de sanção, para examinar os seguintes acontecimentos submetidos a Vossa Excelência:

Primeiro caso. No dia 25 de janeiro de 1932 foi encontrado no cemitério de Steffigen o cadáver de um velho homem bem vestido. A comissão judicial, composta do juiz de instrução Jutzeler, de seu escrivão Montandon e do investigador Studer, providenciou a transferência do corpo para o necrotério. Dois clínicos gerais presentes recusaram-se a proceder a autópsia, alegando que esse ato os impediria de ajudar em partos durante um prazo de vinte e quatro horas. Foi então chamado o doutor Sieber, da nossa cidade, que realizou a autópsia. Como causa da morte foi determinado um tiro no coração. O juiz de instrução Jutzeler teria insistido na tese de suicídio manifesto, apesar das observações do doutor Sieber, mostrando o contrário: não apenas todas as roupas estavam intactas, ainda mais, camisa, colete, paletó e impermeável tiveram os botões fechados por uma mão estranha, uma vez que é inadmissível que alguém com um tiro no coração ainda arrumar o vestuário. O juiz de instrução Jutzeler implicou com o médico, dizendo que ele devia limitar-se a ditar o laudo da autópsia e que as conclusões criminalísticas dependeriam unicamente da comissão judicial. Pouco depois disso, o doutor Sieber informou-me da atitude irregular do meu subordinado. Mas já era tarde demais. As investigações no local foram realizadas de maneira relapsa, traços eventuais de passos foram apagados. Estou partilhando a opinião do doutor Sieber de que, no caso presente, trata-se de assassinato. Até agora, o morto nem foi identificado. O juiz de instrução insiste até o dia presente que se trataria de suicídio. À objeção de que tal

conclusão era impossível, o senhor Juiz de instrução explicou-me que estaria de posse de elementos conclusivos, que seria ele quem dirigiria a investigação e que não toleraria, de jeito nenhum, a intromissão de terceiros.

Segundo caso. Blum Christian, servente, sem antecedentes, foi preso por causa de um furto ocasional de uma soma de dez francos, cometido em estado de embriaguez. Apesar de a condenação máxima em casos parecidos não ultrapassar dez dias de prisão, e provavelmente com sursis, o acusado está em detenção preventiva há dois meses e há sete semanas que não foi mais chamado para um interrogatório. O homem em questão é casado, pai de dois filhos, e a população está revoltada porque Blum é querido na sua vizinhança. Comentários sobre o presente caso são inteiramente dispensáveis, antes de tudo quando se pensa no comportamento do senhor Juiz de instrução no caso Brand. Esperando uma solução em breve...

4.

(Sem data)

Prezado Senhor Montandon;

Por favor, venha à minha casa para ajudar-me. Ontem, ao meio dia, meu marido encerrou-se no seu escritório; desde então não come nada, não responde e não me foi possível entrar no quarto. Já os dias precedentes foram horríveis. Por que não apareceu em nossa casa? Conheço apenas o Senhor para pedir ajuda. Por favor, venha tão rápido quanto possível.

Sua Lilly Jutzeler.

5.

Extrato do relatório confidencial do escrevente Montandon ao Presidente da Junta administrativa etc. (14 de fevereiro de 1932)

... interpreto como um sinal de grande confiança da parte de Vossa Excelência o pedido de informações sobre a desgraça que aconteceu a meu estimado superior, o doutor Max Jutzeler.

Após recebimento, no dia 12 de fevereiro, da carta sem data da senhora Jutzeler-Jürgensen, certas extravagâncias no comportamento do senhor Juiz de instrução, que eu não podia ignorar, começaram a fazer sentido para mim. Aliás, queria igualmente informar da minha surpresa quanto ao fato de o senhor Procurador Schönthal não ter notado essas mesmas anomalias. É muito difícil para um subalterno, num caso como o presente, tomar as iniciativas corretas, uma vez que doenças mentais, ainda hoje em dia, são estigmatizadas pela sociedade – nesse contexto, um subalterno está impedido de tomar as medidas necessárias. A carta da senhora Jutzeler me foi entregue por um mensageiro em meu escritório no tribunal, onde meu superior não aparecia há dois dias. Apenas deu um breve telefonema para informar-me que se sentia mal e que devia ficar em repouso. Agora devo confessar que associei as extravagâncias do doutor Jutzeler com esse mal-estar (a meu ver, certas doenças infecciosas podem provocar, no seu início, alterações na personalidade do paciente). A carta da senhora Jutzeler permitiu-me supor uma outra possibilidade; assim telefonei primeiramente para um médico do hospital psiquiátrico. Providenciei sua ida para examinar um caso urgente e solicitei que se apresentasse com dois enfermeiros, prevendo dificuldades eventuais. Depois, fui para a casa do senhor Juiz de instrução. Sua esposa me recebeu na entrada. Ela soube esconder o medo que aparecia na sua carta. Solicitou-me agir com discrição e convencer seu marido a deixar seu escritório. Ela passara a noite diante da porta fechada, batendo, pedindo para entrar; em vão. Também não ouvira nenhum barulho no quarto. Fui até a porta e chamei o senhor Juiz de instrução várias vezes, mas sem sucesso. Aproximei meu olho da fechadura, mas havia uma chave do lado interior. Desisti de chamar um chaveiro, com medo que sua vinda causasse um escândalo prejudicial à saúde da senhora Juíza de instrução. Em virtude do meu físico (se Vossa Excelência estiver interessado na informação, peso perto de cem quilos), pelo aspecto pouco sólido da porta, decidi forçá-la e a porta se abriu. A madeira da porta sofreu apenas danos

menores. Vossa Excelência deve desculpar o humor forçado das frases precedentes; é extremamente desagradável passar à descrição do que vi atrás da porta.

Primeiramente, atraiu minha atenção uma imensa imagem afixada com alfinetes sobre a parede do lado da escrivaninha (ao olhar de mais perto, notei que o tamanho não ultrapassava as dimensões normais de papel para desenho, 65 por 50 cm). A imagem representava uma horrível salamandra branca das cavernas, de aparência humana e com braços humanos. Ela segurava firmemente, com os braços, infelizes figuras humanas. Apesar do tamanho reduzido dos rostos, era possível identificá-los. Na primeira linha, havia esse Brand, de que já falei no meu primeiro relatório dirigido a Vossa Excelência. Depois, havia ainda o senhor bem vestido do cemitério, cuja morte foi assunto de uma queixa da parte da Procuradoria. Dava ainda para identificar o Christian Blum. O rosto da salamandra branca das cavernas parecia uma cópia autêntica do nosso procurador Schönthal. Durante um bom tempo não consegui desviar meu olhar daquela imagem estranha que, apesar das cores gritantes (o segundo plano fora pintado num verde desarmonioso com traços de azul, enquanto os homenzinhos eram todos vestidos de gabardina vermelho sangue) dava uma impressão de inércia, de morte. Depois, ouvi um grito surdo. Foi a senhora Jutzeler quem o dera. O senhor Juiz de instrução estava em pé, apoiando-se contra a parede situada em frente àquela da imagem. Ao dizer que ele estava apoiando-se, não me estou exprimindo com precisão. Estava com os pés descalços, os calcanhares distantes dez centímetros da parede e apenas a parte traseira da cabeça tocava a parede, de tal jeito que o corpo estava numa posição estranha, inclinado e rígido, mais ou menos como uma tábua disposta contra uma parede. O doutor Jutzeler devia ter mantido essa posição durante horas. Foi ao menos o que me pareceu. Aliás, suas mãos estavam abertas e contra o peito. Foi com dificuldade que consegui tirar o corpo daquela posição; levei-o para uma espreguiçadeira que estava perto e informei a senhora Jutzeler que tomara a liberdade de pedir a ajuda de um psiquiatra. Ela tomou ciência dessa informação com a melhor atitude...

Extrato do parecer do hospital psiquiátrico... dirigido ao Presidenta da Junta administrativa etc.

Primeiro de março de 1932

... o estado latente pode estender-se durante um período prolongado; no entanto, os pródromos são de fácil percepção pelo especialista. No caso preciso havia, desde o início, suspeitas de uma esquizofrenia latente, cujo diagnóstico teria sido possível a um clínico geral ao examinar a anamnésia com cuidado. Os antecedentes de instabilidade do paciente, seu isolamento social, sua tendência de refletir exageradamente sobre problemas de filosofia, sua tendência de exaltar-se ao contato com ideais de justiça inteiramente desvinculadas da realidade quotidiana, tudo isso permite concluir, desde o início, que se trata de um caso de esquizofrenia. O diagnóstico confirma as anotações do paciente que ilustram a perda do sentido de realidade, tal como descrita por Bleuler. A astenia aparente explica-se com base nas teorias de Kretschmer que permitem classificar o paciente na categoria do tipo com tendência à esquizofrenia. Anexo ainda alguns extratos do diário do meu paciente que devem permitir a Vossa Excelência notar a preexistência de longa data dos sintomas de esquizofrenia.

«5 de agosto. Caso Brand. Parece-me que esse homem foi acuado, de maneira sistemática, até o desespero. Sei que não agi corretamente em nível jurídico, mas não me importo. O que é maior, o direito ou a humanidade? A humanidade, que tem compaixão com um ser perseguido desde jovem me parece mais valiosa e, ao mesmo tempo, um dever.» (Nota do perito: observa-se que o tom exageradamente elevado desta explanação é igualmente um sintoma a não ser subestimado.) «No fundo, extraviei documentos: fiz com que desaparecesse o protocolo sobre os antecedentes do homem. Vou dar-lhe um dinheiro. Se tivesse fé, iria rezar por ele e, tenho certeza, conseguiria curar as feridas que o torturam. Sei que o sofrimento pode levar alguém ao crime.

12 de agosto. Brand incendiou a granja. Queria vingar-se, a culpa é minha. Por que não consegui fazer com que ele me relatasse o que devia aguentar naquele asilo? Sem dúvida, fizeram-lhe menos do que à mulher que foi embora com ele. E mesmo assim, seu motivo foi compaixão. Imagino toda a estória assim: ele deve ter falado com ela, uma vez, duas vezes, e o pessoal começou a bisbilhotar. Um dia, os dois fizeram um passeio e foram vistos. A moça voltou envergonhada. E ele a acompanhou. No fundo, é

um moço corajoso. Encerram os homens durante anos, sem que possam ver uma mulher e, ainda menos, falar com ela. No fundo, será que sabemos o que está acontecendo no interior desses seres? Sempre aparecemos como representantes do Poder, nunca como iguais. Nessas condições, como podemos exigir que nos contem a verdade? Damos a bronca, aplicamos as punições e eles, o que estão vendo em nós? Nunca o camarada. Sei que a compaixão é barata, mas como ajudar? Como se pode encontrar o caminho que leva a eles? Conclusão: no final, a culpa do incêndio é minha. Terei de expiar.

Primeiro de setembro. Sofro de uma dor de cabeça estranha. Anda para cá e para lá. E parece querer projetar-se sobre os olhos. Os homens se parecem com sombras, as casas são irreais. Apenas meu escrivão, o velho Montandon, me parece ainda viver; os outros são todos fantasmas, transeuntes mortos sem sabê-lo. Devo definir minha punição.

10 de dezembro. Não gosto mais de tocar meu violino, ele me parece vivo, como se estivesse falando. E o piano também fala. E o que falam é incrivelmente pérfido. Nem quero anotar essas perfídias. Lilly está distante, com certeza faz parte de meus inimigos e quer seduzir-me com a linguagem da música e me acuar na loucura. Um neurologista aconselhou-me a desenhar. É o que faço. É uma imensa tortura, porque a dor de cabeça aumenta nessas tentativas. Mas depois, chega um alívio que me permite dormir uma, duas horas. É como se os monstros, uma vez no papel, fossem vencidos; ao menos não são mais invisíveis em mim, nas paredes onde sussurram coisas que nem posso escrever.

6 de novembro. Montandon sempre foi leal. Agora ele também intriga contra mim. com boatos. Sentado atrás de sua máquina para escrever, sinto que esconde um aparelho para me eletrocutar com que me dará descargas pérfidas.

6 de dezembro. Só serei salvo no dia em que conseguir desenhar meu maior inimigo, o Adversário. Tem rosto de sapo e corpo de salamandra e esmaga tudo que vem perto dele. Sempre está espiando no meu escritório, porque quer encontrar a fonte, a fonte que me dá poder sobre ele. E ignora que está muito perto: os lápis. Hoje me foi apresentado um preso, um servente que se chama Blum. Parece que roubou apenas dez francos, mas é um grande criminoso. Vou conseguir desmascará-lo. No mínimo, é um assassino. E é um inimigo, um delegado do poder apodrecedor que não conhece

piedade. Dizem que ele bate na mulher e nas crianças. Durante um tempão, vai ficar no buque, como dizem na gíria. E o inimigo mortal não saberá encontrá-lo.

25 de janeiro de 1932. Sofro de insônia e, de madrugada, quando devo ir para o trabalho, as ruas me parecem ser bastidores de um teatro. E Lilly, ainda na cama, quando estou de saída, é como um cadáver. Ela não sabe que já está morta, porque minha mãe também já é morta. Mas não quero falar de minha mãe. É que... é que...

Encontraram um cadáver no cemitério. O médico que fez a necropsia me fez entender que se tratava de um homicídio. Evidentemente que foi um homicídio. Mas o que adianta se eu encontrar o assassino e o entregar à máquina grande com a boca de sapo e corpo de salamandra? Ela vai colocá-lo na cadeia, durante anos, e o que se ganha com isso? Nada. Minha é a vingança, diz o Senhor. O Adversário quis me converter à teoria do homicídio. Ri dele. “Suicídio”, disse, assim o assunto está arquivado.

12 de fevereiro. Agora vi o Adversário. E quero desenhá-lo tal como me apareceu, com todas as suas vítimas. E depois, vou lutar contra ele com meu olhar. Durante dois dias, em jejum. E não posso frequentar Lilly, ela me impediria.»

Após da leitura das citações acima, suponho que Vossa Excelência possa entender com maior facilidade meu relatório. Minha conclusão é que...

7.

A junta administrativa etc., após audição das explanações do Senhor doutor etc., após instrução da queixa depositada por etc., resolve:

Baseado no parecer etc., suspender de suas funções, por motivo de saúde, Jutzeler Max, filho de Alfred Jutzeler e de Marie Hoffma, nascido no dia 06 de junho de 1893 em etc., casado com etc., juiz de instrução. No final do prazo estipulado, dever-se-á lavrar um segundo parecer psiquiátrico para decisões posteriores etc...

8.

Do Presidente da Junta administrativa do Tribunal Regional Superior à Procuradoria do Tribunal do júri da circunscrição.

10 de março de 1932

... estamos descontentes por causa das repetidas queixas contra o juiz de instrução Jutzeler, atualmente internado no hospital psiquiátrico de R., ainda mais, porque o estado da saúde mental do referido senhor foi notado por seu escrivão, que teria sido indicado para consultas de sua parte. Hoje em dia, exigem-se de responsáveis pela justiça certos conhecimentos, ainda que elementares, em questões psiquiátricas. Neste contexto, em concordância com a opinião do perito psiquiátrico, deve-se considerar inqualificável o comportamento de Vossa Excelência no caso preciso. Portanto, recomendamos a Vossa Excelência, doravante, abster-se de exprimir suspeitas sobre a administração, caso contrário...

9.

Tribunal Regional Superior de Berna

11 de março de 1932

Prezada Senhora Jutzeler:

Foi com imensa pena que recebi notícias sobre a desgraça que atingiu seu marido, o Senhor Doutor Max Jutzeler. Solicito à Senhora acreditar na minha admiração por sua postura corajosa no meio de uma população hostil, ainda mais pensando que é estrangeira. Gostaria de receber a Senhora na minha casa no dia em que tiver superado as preocupações relativas à doença de seu marido. Tenho ainda boas lembranças do senhor Doutor Jutzeler que, na sua juventude, alegrou-me muito com suas excelentes atuações de violonista. A Senhora deve lembrar-se que cada um tem de assumir seu

destino, e o destino de seu marido revelou-se inevitável; ao menos, é o que as últimas pesquisas indicam. A senhora deve resignar-se ante a indelicadeza da parte de certas pessoas que não quero mencionar aqui; tal indelicadeza apenas precipitou a manifestação da doença. Infelizmente é um fato que nem todos sabem esquecer o egoísmo e existem certos antagonismos tão violentos que, geralmente, acabam em catástrofe para uma das partes.

Para finalizar esta carta, gostaria de assegurar minha admiração à Senhora. Espero igualmente, que estas poucas palavras sejam um consolo para a Senhora. Quando minha agenda sobrecarregada permitir, visitarei seu marido e tenho a firme convicção de encontrá-lo no caminho do restabelecimento. Nunca esqueça que a Senhora é um apoio inestimável para seu marido.

Com elevados protestos de solidariedade, subscrevo-me, atenciosamente.

(*ass.*) Dr. H. Fehlbaum.

10.

Segundo extrato de uma carta da senhora Lilly Jutzeler à senhorita Inge Jürgensen, Copenhague.

... parece-me que o pior já passou. Na ocasião da minha última visita, Max me reconheceu, comeu umas das uvas que lhe levei, deu-me um sorriso tímido e disse: «Sempre acreditei que quisesse envenenar-me». O médico nos deixou a sós numa sala de visitas; havia apenas um enfermeiro diante da porta, caso Max tivesse um acesso de exaltação. Eu estava sentada ao lado dele. De repente, deitou sua cabeça no meu colo e chorou. Fiz carinhos nos seus cabelos. Depois, falei com um médico de branco e com um sorriso estranho, mas simpático, ele me disse algo fora do comum: acontecimentos da infância seriam, às vezes, muito fortes, sobretudo quando ligados à mãe... Mas tudo é tão difícil de contar. Aliás, falou de um prognóstico favorável. Por que essa gente não sabe falar sem seu jargão? Parece que ficam felizes apenas ao empregar palavras e

palavras greco-latinas. Fora isso, são bem humanos. Acredito realmente que o estado de Max está melhorando com rapidez. Mas um *restitutio ad integrum*, como dizem aqui (felizmente não esqueci todo meu latim, eles querem dizer cura total com essa expressão), não posso esperar. Durante um tempo, Max deverá viver no campo. Isso será o melhor. Graças às intercessões do doutor Fehlbaum, não vai haver problemas; ele conseguiu que o salário do meu marido não seja suspenso. Mas, sabe, continuo com a seguinte imagem na minha cabeça: Max, no seu escritório, ante o desenho colorido e horrível. A ciência é uma boa coisa, mas...

O CABO VIDENTE

O padre Matthias era alsaciano e vivia há três anos em Géryville⁸, pequena cidade longe de tudo. Bouktoub, a estação de trens mais perto, estava a 140 quilômetros. Mas o padre estava contente com essa solidão. Era um homenzinho magro e doentio que cobria seu esqueleto seco com um casaco largo e branco como se fosse um cavalete. Um barrete vermelho de zuavo em forma de um cone achatado repousava sobre uma cabeça de ave, dando-lhe dimensões grotescas.

Géryville situa-se num planalto no interior da Argélia, mil e quinhentos metros acima do nível do mar Mediterrâneo, como testemunha a inscrição de uma coluna de pedra situada no grande pátio da caserna. A caserna foi construída num estilo mourisco inventado pelos franceses. Havia muitos arcos em ferradura, dos quais não se nota a razão de ser, e um terraço de que ninguém se servia, o que se entende. No inverno, sopram tempestades de neve tão fortes como nos Alpes, no verão, o sol brilha com tanta força que nenhum oficial sobe para bronzear-se, sabendo a insolação muito provável. Nas nossas latitudes europeias existem estações entre inverno e verão, primavera e outono; em Géryville não há nada comparável. O clima é extremo e já impôs seu ritmo aos habitantes. Os habitantes fazem parte de uma raça pouco parecida com os outros povos da Argélia. Continuam estranhamente puros e sem mestiçagem. Casos de miscigenação são raros e o tipo de mestiço, frequente na planície baixa, não existe aqui. Os traços faciais dos nativos são nobres e refinados, a cor da pele parece de um amarelo de marfim translúcido, que, ao sol, se mostra branco. Se o padre Matthias fosse mais jovem, estaria decepcionado com a inutilidade de suas atividades. Mas seu assistente, um jovem bretão de ombros largos e com uma cabeça que parecia ser feita de madeira de lei, não escondeu sua decepção. Os habitantes da cidadezinha enviavam suas crianças à missão, uma construção de tijolos de barro seco sobre uma fundação de pedras, por causa dos casacos novos que os padres distribuía. Mas nenhum dos pequenos pensava em abraçar a única fé salvadora da igreja católica. Ao saírem da adolescência, não querem mais saber nada dos guias espirituais, com medo dos pais e das famílias. Não se conhece nenhum caso de renegação em Géryville.

⁸ A cidade se chama hoje El Bayadh (N.d.T.).

O padre Matthias construiu uma filosofia sobre esse fato e explicou ao padre Markus:

– Todos os que vêm a nós são criaturas de Deus. O nosso dever é ajudá-los. Se, apesar de nossos esforços, eles recusam aceder à beatitude, é menos um sinal de orgulho, o que seria um pecado mortal, do que capacidade de persistir, então uma lei da natureza e como tal, implantada por Deus. Contrariar essa lei seria um milagre e seríamos culpados do pecado do orgulho se exigíssemos de Deus tal contravenção. Convém a nós a humildade e a modéstia, como o semeador que, depois de ter semeado, depois de ter feito tudo o que é possível para garantir o crescimento da semente, se entrega ao Senhor.

O padre Markus ouviu esse discurso boquiaberto. Ele não tinha o dom da palavra e admirava seu colega mais velho por saber tão bem enfiar palavras “como pérolas numa corda”. Markus gostava muito dessa expressão; era, sem dúvida, um vestígio de sua formação de seminarista. Sempre ria muito quando, cada vez que ouvia a oração, o padre Matthias respondia em latim: “Nec margaritas ante porcos”.

Mas mesmo assim aconteceu, às vezes, que uma alma entrou na rede do padre. Havia sempre um batalhão da legião estrangeira estacionado na caserna. Matthias instalou uma pequena biblioteca na sua casinha e acontecia com frequência que legionários iam a esse local. Eram dos melhores, em geral: os que ainda preferiam um jornal ou um livro a vinho ou a prostitutas. No inverno, o local era aquecido e, no verão, molhava-se com frequência o chão para garantir uma certa frescura. Além disso, o padre Matthias gostava muito de fumar e os legionários sabiam que sempre haveria papel e fumo. Nunca, nenhum dos dois missionários impôs sua presença aos visitantes. Era sobretudo o padre Matthias que sabia esclarecer aos novos visitantes que sempre estariam prontos para uma discussão séria. Explicava que era seu dever ajudar, caso fosse necessário, e desaparecia no quarto ao lado, cuja porta ficava sempre aberta, até que um visitante tivesse vontade de confessar-se. Nesse caso, ouvia em silêncio, adotava um sorriso estranho quando o interlocutor abusava com as mentiras. Sabia, pela experiência, que os visitantes só se tornavam sinceros depois de um certo tempo. Primeiro, havia o período em que se tentava impressionar o ouvinte, uns, com golpes do destino inventados, outros, com vícios exagerados. Mesmo em caso de mentiras

monstruosas devia-se manter a calma; era muito fácil destruir a confiança nascente de uma alma. Ao contrário, devia-se manter viva essa necessidade de falar, as mentiras caíam como um castelo de cartas. Depois, havia dias em que o visitante se calava, ou falava do tempo e de acontecimentos banais. Nesse caso, também devia-se adaptar e manter o mesmo tom de conversa, esconder-se, até que o outro esquecesse a presença do padre. Nesse período, não era nocivo fazer com que eles o acompanhassem à missa silenciosa, realizada aos domingos num quarto transformado em capela. Padre Markus tocava bastante bem o harmônio e um velho francês inválido fazia o papel do acólito. O Padre Markus explicava a seu assistente:

– O culto é como um analgésico, quem o experimentou recorre a ele em crises de dor. ‘Ópio do povo’ diziam e com ódio. E sem o ópio, a medicina nem podia existir. E sem religião a alma nem iria para o diabo, mas para a dor, o receio e o medo. Não vamos deixar roubar nosso ópio.

Depois desse período de estupidez, como o padre Matthias chamava esse segundo período, chegava o momento em que o paciente se esquecia do padre. Isso era a vitória do padre Matthias; um grande desespero buscando seu caminho no interlocutor, o homem sempre chorava e suspirava, maldizia sua vida, sua vida errada, invocava a morte. Os discretos eram, nessas ocasiões, os mais desconfiados, enquanto os fanfarrões e os faladores tentavam esconder o desespero atrás de poses. Nesse estágio, o padre Matthias não tinha mais paciência, escarnecia do infeliz, expulsava-o da casa. Às vezes, a cura brutal ajudava e o pecador voltava, humilde. Caso contrário, o padre Matthias apenas fazia um gesto de indiferença.

Foi também o padre Matthias quem descobriu os dons estranhos do cabo Collani. E se ele tivesse seguido seu guia espiritual, teria poupado muita dor a vários camaradas e habitantes. Mas a necessidade de glória prevaleceu, o cabo julgava que seria o justo salário pelo seu dom. No final, se o velho padre não tivesse conseguido, à sua maneira, libertá-lo das garras do diabo, teria acabado na sarjeta ou perante a corte marcial.

O cabo Collani foi designado a ajudar os sargentos no escritório da companhia de atiradores. Já era velho e fraco demais para fazer outro serviço. Assim, o capitão

Pécould, antigo garçom que, durante a guerra, conseguiu subir na hierarquia, indicou-o para essa tarefa. Porém, baixinho, sem músculos, corpo e rosto feios, Collani sofreu bastante sob a autoridade do primeiro-sargento Dutreuil (antigo inspetor da Companhia Ferroviária Paris-Lyon-Marselha) e do segundo-sargento Levithan, judeu alemão de pernas tortas que pretendia ter sido, na vida civil, o secretário particular do industrial Stinnes, mas seus inimigos diziam que trabalhava na sinagoga de Estrasburgo. Na sala dos suboficiais, eles gozavam com sua calvície, derramavam pimenta de reino no vinho ou cinzas de seus cigarros na comida. O capitão protegeu-o um pouco, porque Collani já servira treze anos e se alistara na legião para completar três anos que faltavam para poder aposentar-se. Já era velho demais para as tropas regulares. Sem os verdugos, sua vida teria sido feliz porque, graças aos anos de serviço, seu saldo não era modesto. Entre os soldados era bem visto, porque não era avaro. Gostava de convidar os jovens para tomar vinho e distribuía cigarros com liberalidade.

Demorou para frequentar o padre Matthias e nem gostava de ir à sua casa. Com o tempo, o padre conseguiu saber que Collani frequentara o seminário e que até recebera a ordenação de subdiácono. Depois, seguiu o mau caminho, ganhara a vida como professor particular, até que um caso o fez entrar em conflito com a polícia. Passou dois anos na cadeia. Depois, sob um nome falso, alistou-se na legião estrangeira, na qual se distinguiu e tornou-se adjunto de um coronel. Graças à proteção dele, foi integrado nas tropas regulares. Ganhou várias condecorações. A guerra acabada, alistou-se de novo na legião.

Em geral, Collani se confessava de maneira mais calma que os outros legionários. Porém havia algo de estranho nessa calma. Rígido, Collani sentava-se na cadeira com as mãos magras abertas apoiadas sobre as coxas e as veias pareciam cordas azuis. Mantinha bem abertos os olhos amarelos, as íris eram apenas um pouco mais amarelas que as córneas, como se ele fosse um pássaro noturno, fixando um ponto distante. Talvez as paredes fossem realmente transparentes para os olhos de Collani; no final da confissão continuava a falar com a mesma entonação.

– Por que Mamadou retirou o lençol da cama e o escondeu debaixo de seu casaco? Ah, quer vendê-lo na cidadezinha, o ordinário. E eu sou responsável pelo material. Agora desce as escadas e atravessa o pátio até as grades. Claro, não ousa sair

na presença dos guardas. Do outro lado das grades espera Bielle que pega o lençol e vai embora. Ele vai para onde, pra onde vai?

Essas últimas palavras foram pronunciadas em tom lastimoso, de tal maneira que o jovem padre Markus passou a cabeça pela porta, entrou e parou diante do cabo. Porém Collani nem percebeu o padre e continuou a falar com a voz monótona, como um papagaio. Padre Matthias, contente por não estar mais a sós com o hóspede estranho, levantou-se e pegou o confessado no ombro, sacudiu-o e disse:

– Desperte, meu filho, desperte. Você está possuído, resista, lute! É o mal tentador que o manipula. Lute, meu filho, lute!

As incitações eram em vão e o padre Markus teve que reprimir um sorriso ao ver os dois. Pareciam duas aves depenadas, duas aves pré-históricas: o hábito do padre fazia pregas que evocavam a forma de asas e o hábito verde de Collani evocava uma ave que começava um voo. O pequeno cabo levantou-se, endireitou-se e ameaçou um inimigo invisível.

– Então, quer vender a coberta na tenda do judeu? Você não perde por esperar, vou pegar você. Amanhã vai conhecer o Collani. Ofertei-lhe cigarros e pensou que isso o autorizava a dilapidar o bem do exército? Vou lhe dar uma lição!

Cólera aparecia na voz do pequeno homem e gotas de suor formavam-se acima das sobrancelhas.

O padre Matthias intrigou-se com os resultados estranhos da confissão. Dirigiu-se a Markus.

– O que significa isso? Realmente, isso ultrapassa minha compreensão! Qual é o poder secreto que tomou posse dessa alma? É o poder de Deus, ou do diabo? Está vendo através das paredes ou, ao menos, ele acredita que pode. Antes de tudo, devemos verificar se ele falou a verdade, ou se era vítima de alucinações.

Collani sentou-se de novo. Tinha um olhar vazio e parecia ter esquecido tudo que acontecera, inclusive suas últimas palavras. O jovem padre surpreendeu-se mais com as perguntas de seu velho amigo do que com os acontecimentos estranhos, de que

ainda não entendia a extensão. «Talvez fez só teatro», opinou com desprezo, mas o velho padre, intrigado, discordou.

– Não, não. Era uma visão de verdade, pode acreditar. E amanhã vamos ter a confirmação.

Collani levantou-se com dificuldade e, de repente, pareceu notar que a noite já estava bem adiantada, ou seria o som distante de um clarim que o tirou do torpor? Ao sair, seu rosto parecia cansado e descomposto. A voz trêmula do padre o reteve:

– O que aconteceu com você? Você ainda se lembra da visão?

Collani respondeu com a voz rouca:

– Visão? Que visão? Apenas sei que o Bielle vendeu uma coberta na tenda do judeu da travessa. Amanhã vou informar o capitão.

Deu ainda um “boa noite” mal-humorado e pouco depois nem se ouviam mais seus sapatos de bicos na calçada.

Naquela noite fresca de abril, ao voltar para a caserna, Collani estava de mau humor. Estava irritado de ter-se levado até a confessar. Quem o obrigou a ocupar-se com coisas velhas? Será que os acontecimentos de sua juventude tinham ainda tanta força para, anos e anos depois, reaparecerem na mente para o obrigarem a ter remorsos? Achava que já tinha pago tudo. Será que ainda precisaria de atitudes, ações e palavras redentoras? Ele estava sonhando dessa maneira pelo seu caminho, mas na medida em que essas perguntas agitavam sua cabeça, algo o preocupava. Será que estava esquecendo algo de muito importante, algo que não estava ligado ao passado, algo ligado ao presente imediato? Mas não conseguia entender o que era esse presente. Com certeza, Collani se lembrou do roubo da coberta, mas não conseguiu estabelecer uma ligação entre ele e o roubo. Sem sucesso, tentou lembrar-se quem o informou do roubo, julgou que deveria ser uma testemunha idônea, senão seria impossível que toda essa estória ficasse ancorada na sua memória.

Ao atravessar o pátio da caserna, estava tão absorvido pelos pensamentos que nem notou quando alguém o chamou. Chegou finalmente no seu escritório, um quarto

quase vazio, no qual, perto da porta, estava sua cama. Na janela, por causa da noite clara, aparecia um monte de papéis e documentos. Havia no ar um odor de papel empoeirado e de petróleo. Um tinir de vidro atravessou o silêncio e Collani acendeu a lâmpada. Depois, o solitário levou um susto ao ouvir uma leve batida contra a janela. Apareceu na abertura um rosto magro e uma mão dava sinais. Collani abriu a janela. Reconheceu Stahl, um alemão, e suas lembranças voltaram. Stahl dividia a mesma sala com Mamadou, o negro, e o chefe da sala era Bielle, o cabo Bielle, de bigodes ruivos, que foi para a cidade com a coberta. Absorvido pelos pensamentos, Collani não ouviu o que Stahl cochichou com pressa:

– Agora sei porque o Bielle sempre tem dinheiro. Hoje de noite eu o vigiei. Foi para a cidade com uma coberta. Foi o Mamadou que lhe passou a coberta pela cerca. Prefiro falar primeiro com você, porque sempre me deu cigarros. Mas amanhã vou falar com o capitão, ele prometeu recompensa para quem denunciasse roubos, não é?

– O que foi que você disse?

Collani ficou imobilizado na janela com o corpo curvado. Seus olhos de pássaro não se movimentavam na cavidade do rosto.

– Mas, quem lhe contou hoje essa estória? Perguntou em voz baixa.

– Já sei de tudo.

Era uma surpresa para Stahl, e ele se precipitou ao murmurar:

– Então, alguém foi mais rápido que eu! Mas é impossível. Desde que Mamadou foi em direção à cerca estou esperando aqui, perto da janela, para ser o primeiro a relatar esses acontecimentos. Ou será que alguém lhe falou no caminho? Fale! Alguém o esperou no caminho? Mas quem? Quando Despiaux recebeu dinheiro da família, todos os outros colegas da sala estavam com ele. Apenas eu estava fora. E você estava na casa dos padres, não é?

– Tá bom, tá bom. Não fale tanto. Pegue.

A mão de Collani desapareceu na gaveta da mesa, de onde retirou um maço de cigarros para Stahl.

– Vá dormir agora. Tudo vai ser esclarecido. Amanhã pode pedir uma audiência com o capitão e lhe contar a estória. Estou cansado.

Collani fechou a janela e pegou a lâmpada de petróleo, que colocou sobre uma cadeira ao lado da cama. Colocou também ao lado da lâmpada um livro com uma capa de cores gritantes e com um título sedutor: *Rocambole, o rei dos ladrões*. Depois, despiu-se, dobrando cuidadosamente cada peça antes de arrumá-las debaixo do colchão. Não tirou a camisa, nem as meias de lã e as ceroulas. Tremendo de frio, refugiou-se debaixo da coberta.

Começou a leitura. A estória era tão cativante que Collani começou a esquecer os acontecimentos da noite. Rocambole saqueou um castelo inteiro em circunstâncias misteriosas. A polícia estava inteiramente desorientada. Nenhum morador do castelo ouviu algo. Mesmo assim, de manhã, não só as joias e o dinheiro foram roubados; os quadros valiosos e os móveis, verdadeiras antiguidades, igualmente desapareceram. Mas, de repente, quando todos se resignaram com a perda dos bens valiosos, quando todos duvidavam que o ladrão fosse descoberto, aparece a velha ama do castelão. Ela é cega e, apesar disso, consegue descrever tudo. Descreve os ladrões, indica o caminho que eles tomaram, uma passagem secreta desconhecida de todos. Seu depoimento foi tão claro que a polícia conseguiu encontrar o lugar onde os bens roubados foram escondidos.

Nesse ponto, Collani parou a leitura e deixou cair o livro sobre a coberta. Com a voz baixa, começou a formar palavras e frases imprecisas.

– Vi, eu mesmo vi com os meus olhos. Sonhei? É, talvez apenas sonhei. Mas era a realidade. Stahl confirmou tudo. E sei com precisão que Bielle foi ao comércio do judeu.

O cabo calou-se porque seus pensamentos se agitaram. Era vidente; podia ver coisas distantes, como se estivessem diante de seus olhos. Que futuro! Com certeza era uma recompensa de Deus porque foi ver o padre. Por que não se confessou antes? Não

teria sido necessário entrar no exército. Teria tido uma renda garantida. O povo teria viajado muito para consultá-lo. Teria ganho muito dinheiro, nada de comparável com a pensão miserável. Agora, gostaria de sair da legião; ah, se fosse possível. Deveria ser possível dar um jeito. Collani era velho e doente. O preço devia ser apenas um exame médico com o major, umas insinuações sobre suas fantásticas capacidades, deixar entender que a gente não esquece de quem ajudou, uma vez a bolsa cheia. Se, há pouco, Collani tremia de frio, agora sentia seu corpo arder. Sentia calor debaixo da coberta, era como um velho animal cuja pele não envolve mais o corpo sem formar rugas. Collani apagou a lâmpada e continuou deitado ainda durante um tempo com os olhos abertos.

No dia seguinte, o batalhão viu muitos acontecimentos. Boatos estranhos saltavam de barraca em barraca, como se fossem centelhas. O prédio mourisco que servia de caserna zumbiu a manhã inteira. Às nove horas foram chamados Mamadou e o cabo Bielle para se apresentarem no escritório do capitão. Stahl já estava. A confrontação não durou muito tempo. Mamadou confessou primeiro, tremeu como uma galinha que está com frio, e seu francês era mais desajeitado que de costume. Stahl recebeu uma recompensa de cinco francos. Os dois pecadores, enquadrados por quatro guardas armados de fuzis e baioneta, foram transferidos para a prisão. O comerciante da cidade, que comprara a coberta roubada, juntou-se a eles uma hora mais tarde. Bielle não entregou o nome do comprador. A voz aguda do capitão Pouette não conseguiu impressioná-lo. Seus bigodes ruivos estremeceram com impertinência, como se tivesse algo para esconder atrás do sorriso desrespeitoso. Mamadou também não entregou o comerciante. Reinava um clima tenso na sala. Chegou o segundo-sargento Levithan, que acabou de fazer a investigação nos quartos dos acusados. Não faltava nenhuma coberta. Bielle foi o primeiro que ousou abrir a boca; disse que então não havia prova contundente contra ele. Stahl deveria ter visto Mamadou e Mamadou confessou. Mas, o que vale a depoimento de um alemão e a de um negro? Levithan quase perdeu o sangue frio. Não era bom gabar-se da origem germânica. Os acusadores se olharam desesperadamente quando uma voz aguda disse: «Eu sei onde mora o comerciante». Como assim? Será que o Collani estava com os ladrões? queria saber o capitão. Ele estava excitado e o bigode tremeu. Collani disse que ia explicar mais tarde. O principal agora é pegar o judeu. Os dois acusados foram levados para a cadeia no papel de culpados presumidos. Mamadou gemeu como uma fera presa e Bielle não mostrou

nenhuma emoção. Ao passar pela porta, ajustou com uma escovinha o bigode ruivo. Era a última vez por muito tempo, porque não podia guardar o instrumento na cadeia.

Dois guardas foram com o pequeno cabo Collani. Guardando uma certa distância, o capitão os seguiu na companhia do tenente Pécould. Ambos queriam ver o fim dessa estranha estória. Collani andava com passos firmes, apesar de sentir-se inseguro. Sentiu a necessidade de parar e de fechar os olhos para rever com mais clareza a visão da noite passada; já ontem, a imagem lhe pareceu imprecisa e agora ela se tornou ainda mais tênue. Foi impossível parar, Collani sentiu os dois oficiais atrás dele como batedores; assim escondeu sua insegurança atrás de uma máscara de cabo mal-humorado. Um dos dois guardas, um belga de bigode imenso e de rosto vermelho, tentou várias vezes começar uma conversação. Collani permaneceu calado.

Em Gêrville não há uma separação nítida entre o bairro europeu e o árabe, porque o número de brancos aí instalados é pequeno. A cidadezinha nem é sede de administrações subalternas e, assim, apenas alguns oficiais moram nela. As duas mercearias que merecem esse nome são de judeus espanhóis, que não se aceita considerar como franceses. Collani se dirigiu em direção à rua principal, que se esvaziava na medida em que o meio-dia se aproximava. Uns velhos vestidos com roupas tradicionais passaram com burros carregados de cestas. Às vezes os animais paravam para relinchar. No final da rua principal havia uma praça, atrás da qual situava-se a caserna. Duas companhias divididas em pequenos grupos estavam exercitando-se. Num canto, os músicos do batalhão repetiam uma marcha militar. Todos pararam para ver aquela comitiva. Durou pouco tempo, pois ao aparecerem os oficiais, os exercícios recomeçaram e as ordens dos sargentos cortaram o ar fresco e acre.

Num canto da praça havia uma pequena casa. Primeiro, Collani quis contorná-la e por isso parou no meio da praça. Mas uma força invisível o empurrou na direção dela. Sabia que era a casa dos padres; pensava que fosse a má consciência que o levava para o confessional. Será que ele estava começando uma traição para com o seu dom divino, ao visar recompensas terrestres com ele? Mas Collani reconfortou-se rapidamente. Era apenas a segurança que lhe fazia falta, porque ignorava o lugar preciso onde morava o judeu. De maneira obscura e imprecisa viu uma viela em frente, mas não sabia onde buscá-la. Ontem, durante uma fração de segundo, imediatamente depois da confissão,

viu com clareza o destino de Bielle. Mas agora era apagada a maior parte da visão, apenas existiam na sua cabeça a viela, a tenda do comerciante, o rosto do judeu, sua barba e suas roupas.

Apesar de sua resistência, Collani devia passar em frente da pequena casa com a porta vermelha. E exatamente ao passar em frente dela, a porta se abriu e o padre Matthias saiu da casa. Collani recuou porque o padre tinha a fisionomia alterada. A pele do rosto parecia cinzenta e as rugas mais profunda do que nunca. Silenciosamente, o padre abençoou seu confessado fazendo suavemente o sinal da cruz.

– Para onde você vai tão cedo, meu filho? E o que significa sua comitiva?

Collani gaguejou uma resposta ininteligível.

– Chegou bem em casa ontem?

Estranho, Collani notou: o padre havia perdido inteiramente sua maneira de ser preocupado. Parecia buscar palavras que não podia encontrar.

– Você vai me visitar hoje de noite? Sim? Posso contar com você? Temos um assunto muito sério para discutir. Mas até lá, reze, reze. Senão o mal vai ganhar influência sobre você. Ou será que ele já tem você no seu poder?

Os dois oficiais estavam se aproximando. O capitão Pouette deu bom dia ao padre. Seu bom dia era meio submisso, meio trocista. Distraído, Padre Matthias respondeu e nem pareceu notar a presença do tenente.

– Deveria rezar, pensou Collani. Ele tem razão. Talvez ajude.

E, continuando devagar o seu caminho, rezou nas suas contas. Para contar as Ave Marias, serviu-se de suas mãos escondidas nos bolsos da calça. Dobrou um dedo a cada oração. Não precisou rezar muito, quando as duas mãos formaram punhos, apareceu com nitidez a imagem da noite passada. Era tão forte, tão precisa que acreditou um momento ser Bielle. A cabeça inclinada, distanciou-se de sua comitiva. Uma pequena rua apareceu em frente dele; entrou nela e continuou a caminhada até chegar a uma viela. Era apenas uma passagem e a segunda casa à direita era um comércio. Collani empurrou a porta semiaberta. Atrás da caixa havia uma criatura corcunda, o

judeu que vira na sua visão. O velho comerciante levantou-se, fez uns gestos confusos com os braços e gritou umas palavras incompreensíveis. Mas a coberta retirada debaixo de uma mesa era propriedade do exército. Havia o sinal da legião estrangeira em vermelho brilhante.

– Bom trabalho, Collani!

O capitão Pouette apoiou sua mão enluvada no ombro do cabo e a deixou um instante antes de retirá-la. Depois disso, o capitão precisou da mão para arrumar a barba.

– Mas, como você soube?

Collani estava demasiadamente impaciente para dar uma resposta pausada, apenas soprou:

– Depois, depois vou explicar tudo.

– Bom, bom.

A mão enluvada pousou de novo no ombro de Collani para acalmá-lo dessa vez. Disse ao cabo: «o principal agora é a detenção do judeu», e ao velho: «Toi hemschi prison». Em resposta, começou um gemer barulhento. Um rio de lamentações saiu de sua boca, enquanto as mãos magras faziam gestos imploradores. Mas os dois guardas o seguraram pelos cotovelos e assim o grupo saiu pela porta, seguido de uma melodia de lástimas.

Collani tinha o direito de voltar para a caserna na companhia dos oficiais. Sentiu-se orgulhoso! Parecia realizar-se a primeira parte de seus planos para o futuro. A visão de ontem estava certa. Na embriaguez do sucesso, não pensou como uma tal estória poderia se repetir. Contentou-se com o sucesso do momento. Ainda esfalfado, começou a contar aos oficiais de suas visões. Collani ainda estava tão absorvido pelo triunfo que nem notou o sorriso zombeteiro que apareceu no rosto do capitão e que se refletiu no do tenente.

– E você quer que acreditemos nessa estória, Collani? Pode dizer com franqueza que foi informado antes de nós, por causa de suas boas relações com a tropa. Isso também seria honroso. Basta!

O capitão cortou as explanações de Collani com um movimento de mão que viu uma vez empregado por Lyautey⁹ e de que ele se apropriou.

A maneira de uma novidade espalhar-se numa comunidade de homens sempre vai ser um mistério: ela se deforma e se aproxima mais da verdade que os verdadeiros acontecimentos. Nessa época, a novidade saiu da cozinha e a equipe que devia levar o almoço para a tropa distribuiu a novidade em cada canto. Bielle ter-se-ia traído ele mesmo. Teria contado toda a estória a um homem (uns disseram que era a um músico, outros a uma ordenança) e que esse homem não soube calar-se e, assim, tudo foi revelado. As explicações do cabo Jorand da terceira seção da companhia de atiradores não serviu para quase nada; pretendia que seu amigo Bielle, que agora está no xadrez, lhe contou tudo sobre a expedição. Bielle teria retornado com frequência ao seu caminho e tinha a impressão de ter seguido uma sombra. Uma sombra que desapareceu ao olhar de mais perto. E sempre teve a impressão de que a sombra seria parecida com Collani.

O mais curioso é que nunca foi mencionado o nome do verdadeiro traidor, o nome de Stahl. O resultado sólido de toda essa estória foi o seguinte: Collani, por meio de uma intriga mágica e a ajuda dos «padres brancos», enviou sua sombra para seguir Bielle para onde ele fosse. Porém, Mamadou e Bielle eram vítimas de alguma ação diabólica, deveria ter piedade deles. A hostilidade contra Collani aumentava a cada hora. Aqueles que se consideravam a elite intelectual do batalhão pregavam ainda a calma e pediam que se guardasse a cabeça fria. Não adiantou muito. De tarde, na ocasião do treino com armas, o cabo Jorand disse que ia guardar uma bala para Collani.

Foi na hora do almoço, na sala dos suboficiais, que Collani sentiu com maior nitidez a mudança de clima. Todos o evitavam, a começar pelo primeiro-sargento Dutreil. Ninguém mais colocou pimenta na sua sopa e alguns dos sargentos mais velhos

⁹ Louis Hubert Gonzalve LYAUTEY (1854-1934), marechal francês que fez o essencial de sua carreira militar nas então colônias, particularmente na África do norte (N. d. T.).

fizeram gestos escondidos para proteger-se contra o mau olhado, cada um de seu jeito, na maneira de seu país de origem.

Na mesa dos oficiais também, o caso Collani absorveu toda a atenção. Quando o capitão Pouette contou os acontecimentos da manhã, o comandante Barsouin, um pacato gordo com bigode louro e de grossos lábios, começou a soprar na sopa como se fosse asmático. «Incrível!» disse e soprou na colher de sopa, com que se queimou, porque dava atenção apenas à estória do capitão.

– ‘videmment, você ri, Pouette. É sem dúvida sua postura adequada, já que é orgulhoso de seu ceticismo. Mas você não perde por esperar, quando você tiver minha idade não vai mais zombar. Se você tivesse vivido a metade do que eu aguentei durante a guerra, você falaria diferentemente. Bem, o mais importante nesse assunto é que eu fale pessoalmente com esse Collani. Depois, cabe ao doutor Cantacuzène examiná-lo, não é, Anatol? Já que você fez um ano de psiquiatria.

Anatol Cantacuzène, médico do batalhão, limpou desajeitadamente o nariz, pegou seu lugar na mesa e fingiu não ter ouvido a pergunta. Todos os olhos seguiram os caminhos da colher do médico, do prato à boca, da boca ao prato. A sopa terminada, o médico, distraído, perguntou:

– O que está acontecendo? Um simulador? Um paralítico? Uê?

Cada pergunta parecia cortante. Barsouin esqueceu-se do bife no seu prato. Com gestos enormes, contou a estória do «cabo vidente» Collani, do mesmo jeito que Pouette lhe contou, mas se permitiu umas fiorituras. Os jovens tenentes fingiram estar atentos. O médico não se deixou incomodar, levou os alimentos com a faca e o garfo à sua grande boca. Apenas por curtos instantes sua cabeça se levantava para dar uma olhada no comandante. Os olhares eram tão breves e cortantes quanto as perguntas.

Quando Barsouin finalmente parou de falar, o médico murmurou entre os dentes:

– Histérico. Sem dúvida nenhuma. Um caso de histeria masculina. E, por que não? Poderia realmente tratar-se de um caso de visão.

Ele empurrou o prato e acendeu sem jeito um cachimbo de porcelana. Um verdadeiro cachimbo de camponês com a imagem de Napoleão na chaminé. E depois continuou a discursar, às vezes chupando o cachimbo, às vezes passando um palito entre os dentes.

– Devemos investigar o caso. Estou propondo organizar reuniões espíritas.

Um «ahhh» percorreu a sala inteira. Com raiva, o médico soprou para distanciar a fumaça de si.

– Vocês acreditam que vou convidá-los? Estão enganados! Para esse assunto preciso de homens verdadeiros, não lactantes que mijam nas calças se, por acaso, testemunham uma materialização. Você pode servir, Bobby.

As últimas palavras dirigiram-se ao comandante que ficou radiante.

– E talvez ainda o Fonjallaz.

Respondendo aos protestos, acrescentou ainda:

– Mais alguém bebe, melhor é. Assim ele não vai se deixar influenciar. E depois, Bobby, você deve também providenciar que seu padre venha.

O rosto de Barsouin exprimiu dúvidas e o médico zangou-se.

– Você deve. Isso é indispensável. Diga-lhe que pode organizar o exorcismo se ele acredita que está possuído do diabo.

O médico baixou a voz e disse, como se fosse para si mesmo:

– Vai ser interessante para observar: a luta de duas forças antagônicas. Ha ha.

Assim, Collani não podia honrar o convite do padre Matthias. Por volta das quatro da tarde, recebeu ordem de apresentar-se ao médico. O exame durou duas horas. O doutor Cantacuzène investigou primordialmente a infância de seu paciente. Suas notícias não revelaram quase nada de novo. Collani perdeu os pais cedo e, com oito anos já estava internado num orfanato católico. O pai era alcoólatra e a mãe, muito piedosa, sofria de tuberculose. Collani não soube responder se observou em si tais

fenômenos psicológicos já na sua juventude. Não era por causa das palavras empregadas, ao contrário, Collani sentiu-se lisonjeado ao perceber que alguém falava num registro instruído com ele. Desde o início, a personalidade do doutor Cantacuzène o impressionou, apesar dos comentários dos padres que atribuíam ao médico um passado pecaminoso, teria até culpa no cartório. Anatole Cantacuzène sabia muito bem interpretar o papel de confidente, tal como aparece nas comédias populares: céptico, irônico, desculpando tudo. Não era surpreendente que Collani não se abriu bem mais que na noite passada. Mas, segundo previsões, por enquanto não houve visões no final da sessão.

O médico fez um traço enérgico no final das suas notas, passou as mãos no rosto e deu uma massagem nas faces e nos olhos. Depois, deu passos ao longo e ao largo do quarto. Collani estava confortavelmente instalado numa poltrona e fumava um cigarro. O médico começou a falar com uma voz monótona.

– Cabo, podemos resumir sua estória mais ou menos assim: você vem de uma família bastante problemática, não é? Recebeu uma educação muito religiosa e, aos quinze ou dezesseis anos viveu uma verdadeira crise, não é? sem que se manifestasse qualquer fenômeno de visão ou de ocultismo, não é?

Collani cortou seu monólogo.

– Agora me lembro de algo. Nessa época tive de consultar uma vez um franciscano, porque meus companheiros de quarto reclamavam que havia batidas na parede atrás da minha cama, enquanto eu dormia tranquilamente. Mas isso parou inteiramente.

A voz de Collani era quase inaudível e parecia cansado ao extremo. Havia muitas rugas em sua face.

O médico, em pé, fazia algumas anotações e continuava a falar com a voz monótona.

– Bom, bom, batidas na parede, isso é muito interessante, não é? Mas agora você deve estar cansado e quer repousar. Vou deixá-lo sair daqui a pouco, você vai poder descansar. Mas tenho ainda algumas perguntas. Pode fechar os olhos. Agora está

chegando o sono, não é? Não precisa resistir, não é? Um pouco de calma faz bem, pode dormir, pode sossegar. O silêncio faz bem, não é? Agora, você dorme? E o que está vendo?

Collani começou a falar, e sua voz sintonizou-se com a voz monótona do médico.

– A casa se encontra na cidade. Estão sentados juntos, árabes e legionários. Conheço apenas dois dos soldados, o Vonzugarten da terceira companhia e o Stahl da nossa. O Stahl está falando de mim. Está dizendo: ‘Cuidado com o Collani!’ – ‘Tá bom’ responde um árabe, o maior de todos, aquele que tem um turbante elegante. ‘Vamos apagar o Collani’ diz o árabe. ‘Quinta feira próxima é a companhia de atiradores que está de vigia. Temos de aproveitar desse dia. No total, vamos ser duzentos. Se vocês ainda fazem bem a cabeça dos alemães do batalhão, vamos ter jogo fácil para tomar a caserna. Para todos os que ajudarem, prometemos transferência em segurança para territórios não ocupados no Marrocos e, depois, volta para casa.

Começou a ficar desagradável no grande quarto. O frio do pôr de sol invadiu o ar. Collani parecia ser um aparelho sem vida, um rádio que transmite vozes distantes; não mostrava nenhum sentimento. O médico ajoelhou-se perto da chaminé e, com prudência, reanimou o fogo quase apagado. «E?» perguntou apenas. A voz monótona recomeçou:

– Agora o Stahl se levanta e fala: ‘O capitão tem muita confiança em mim, ele ignora que entreguei o Bielle apenas para estar livre dele. Agora, à noite, posso deslocar-me e falar com os outros sem ser importunado.’ Ele senta-se de novo. ‘Vocês devem voltar para a caserna’, diz o árabe, ‘senão, vão notar sua ausência.’ ‘Mas,’ diz Stahl, ‘precisamos de dinheiro. Entenda bem, devemos pagar umas rodadas e distribuir cigarros. Os outros apenas vão acreditar em nós quando descobrirem que temos dinheiro. Apenas com palavras, vão rir de nós.’ Agora o árabe tem uma carteira nas mãos; ela é vermelha, com bordas amarelas, de couro trançado. Ele entrega a Stahl duas, quatro, seis cédulas de vinte francos e Stahl as coloca na bolsa. Agora ele sai pela a porta e Vonzugarten o segue.

Depois de um suspiro Collani se calou. A escuridão chegou ao quarto. Fora, reinava um silêncio que até permitia ouvir a respiração dos soldados que dormiam. O médico andou às apalpadelas para a porta, saiu e trancou-a por fora. Desceu as escadas, correu através da noite fresca e chegou, quase sem fôlego, aos guardas da entrada da caserna. Mandou vir o sargento que comanda os guardas e deu uma ordem breve: Stahl, da companhia de atiradores, e Vonzugarten, da terceira companhia, devem ser detidos e revistados. Seria uma ordem do comandante, para o qual estava indo. As outras ordens chegariam daí a pouco. Como Cantacuzène tinha a patente de capitão e, o que era ainda mais importante, tinha a reputação de ser sempre correto com os simples soldados, o sargento Petroff respondeu apenas: «às ordens». O médico o cumprimentou amigavelmente, escondeu sua excitação e desapareceu na escuridão.

Quando ele voltou para seu quarto, Collani continuava dormindo, e não foi difícil despertá-lo. Chamou-o apenas a meia voz. Ao acender a lâmpada de petróleo, perguntou: «você se lembra de seus sonhos?» E, como nas noites precedentes, Collani apenas se lembrou de alguns pontos centrais de suas visões. Falava de conspiração e citou o nome de Stahl. Estariam também implicados uns árabes. «Venha comigo», disse Cantacuzène. Parecia ter mudado de ideia porque apagou a lâmpada, pegou a mão de Collani e buscou a saída na escuridão.

O dia do padre Matthias não foi calmo. Andou pela cidade, visitou duas crianças doentes e, depois, leu seu breviário distraidamente e jantou também distraído. Começou então a espera cansativa nos confessionários. Sem prestar atenção, começou a ler na *Revue psychologique* um artigo do professor Hyslops sobre experiências de telepatia. Sacudiu várias vezes sua cabeça cinzenta de ave. As experiências pareciam anódinas e não eram assustadoras. Mas agora se lembrava do rosto de Collani, como se tornou duro ontem à noite.

– Isso não pode ser sem perigo, não pode ser sem perigo. De qualquer jeito, não é divino. Deus não precisa de traidores para mostrar seu poder. Não precisa mesmo!

Parou com essas palavras. Detestava traições. Sentiu um arrepio. Sem sucesso, tentou acalmar-se: os detidos são apenas ladrões. Um sentimento muito forte protestou no seu interior contra a gabolice. Não era coisa santa. Judas igualmente era traidor. E

seu confessionário não fez nada diferente senão trair. Esses pensamentos não o deixaram em paz. Padre Markus estava sentado em frente do velho e esculpia uma colher num pedaço de madeira. De repente, padre Matthias disse ao jovem padre:

– É vil entregar um camarada, não é? E eu sei como eles tratam os prisioneiros.

O padre fez um gesto de punho fechado que apontou em direção da caserna e concluiu:

– Vou visitar o comandante para saber o que aconteceu.

O padre pegou um sobretudo cinzento, cobriu o hábito branco, entrou na noite fria e atravessou a praça em direção à casa do comandante, que ficava do outro lado da pequena cidade.

Ainda na rua, ele viu que atrás de todas as janelas havia luz. Padre Matthias estava acostumado com fumaça, mas a atmosfera no quarto em que ele entrou era sufocante mesmo para ele. Tossiu um bom momento e precisou secar as lágrimas para reconhecer as pessoas presentes. Numa extremidade de uma grande mesa estava sentada a figura do comandante, parecida com uma esponja impregnada de água. Anatol Cantacuzène estava em pé ao lado dele e os dois se pareciam com Dom Quixote e Sancho Pança. Os outros militares tinham uma aparência mais discreta. O capitão Pouette bocejava com frequência atrás da mão. O tenente Pecould tinha um papel branco em sua frente e sentia-se importante no papel de secretário. O acusador parecia imitar o cabo Collani ao curvar-se em direção ao auditório e lançou palavras odiosas.

A voz do padre Matthias era doce, mas havia uma nota de queixa, quando disse:

– Meu filho, por que você me deixou esperar tanto tempo hoje de noite?

Não esperou a resposta de quem ele perguntou. Dirigiu-se ao comandante, que ficou de pé para dar a mão ao padre. Os dois se cumprimentaram. Barsouin estava embaraçado. Ao apertar a mão do médico, o padre disse:

– Ah, o nosso homem da ciência e de descrença firme.

A piada não foi bem recebida e, para acabar com a atmosfera embaraçosa, o padre continuou a falar e dirigiu-se a cada um dos presentes. Explicou que queria esclarecimentos. Collani seria seu confessado, portanto, o padre teria uma certa responsabilidade por suas palavras e seus atos. Ontem de noite se produziu uma mudança no seu confessado, e parece que essa mudança provocou consequências. É sobre essas consequências que ele queria ter umas informações. Estava solicitando esclarecimentos, porque, para ele, seria impossível considerar tudo como apenas um assunto de ciência. Estavam em jogo a felicidade e infelicidade de várias pessoas, sem falar em vida e morte. Seriam confrontados com pessoas desprotegidas, expostas à graça ou desgraça de um poder estranho, e seu dever era ser advogado dos desprotegidos. O padre comparou a assembleia com um tribunal penoso, mesmo que o acusador fosse uma figura triste (um olhar aflito atingiu Collani que lhe resistiu orgulhosamente). Criticou ainda que foi debatido na ausência dos acusados e, ainda mais, na ausência dos defensores. Ele seria o representante da justiça aqui na terra, da justiça divina. Sentiu a última afirmação deslocada, mas a palavra já estava no ar. Afinal, podia-se deixar Deus fora do assunto por enquanto. Mas deviam informá-lo sobre os últimos acontecimentos.

Durante uns momentos reinou um silêncio. Afinal Barsouin disse: «acredito...» O médico afirmou com a cabeça e sentou-se: «Por favor, tenente Pécould, leia o protocolo.»

O tenente, pálido, consultou as notas e começou a ler: descoberta de uma conspiração; encarceramento dos suspeitos Stahl e Vonzugarten; presença de 120F nos pertences do primeiro suspeito, que recusa explicar a origem da importância. Depoimento do médico sobre um fenômeno de telepatia, observado na pessoa do cabo Collani, que contém todos os detalhes da já citada conspiração. Dando continuação ao pedido do comandante, o mesmo cabo Collani explicou estar pronto a repetir a experiência na presença do médico. Para facilitar as coisas, foi buscado na cadeia o acusado Vonzugarten. Na presença de dois guardas, do comandante Barsouin, do médico do batalhão, do capitão Pouette e do tenente Pécould, o cabo Collani pegou o cotovelo do acusado. Depois disso, Collani pediu que seus olhos fossem vendados com um lenço. Apesar da resistência manifesta do acusado Vonzugarten, Collani conseguiu, após algumas hesitações, encontrar a casa onde os conspiradores se reuniam. Ali ben Mochamed, comerciante de cavalos e Abdallah bem Yahihâ, xeque da tribo de Sidi

Medjahed, foram detidos na casa mesma e transferidos para a prisão. Depois da volta da expedição, Vonzugarten foi interrogado por Crache, ajudante do batalhão. Meia hora mais tarde, fez uma confissão completa que concordou em tudo com a visão sonâmbula de Collani. Dando continuação à confissão foram feitas ainda seis detenções que, felizmente, não provocaram revolta no Batalhão. O interrogatório coletivo dos seis novos prisioneiros confirmou a depoimento de Vonzugarten. Segundo ele, tratava-se do plano de atacar a caserna com a ajuda da tribo Sidi Medjahed. As armas, munições e fardas teriam sido destinadas aos insubmissos do Tafilalet. Um corpo composto de suíços, russos e belgas saiu, já faz quinze minutos, para surpreender os Sidi Medjahed.

Padre Matthias apoiava sua cabeça nas mãos e suspirou, exprimindo assim o sofrimento. Ao terminar, Pécould olhou com educação e surpresa na direção do padre. Não entendeu como se podia mostrar sofrimento ante essa situação. Afinal, descobrir e frustrar uma conspiração sem maiores problemas... deve-se estar feliz. Os outros também se calaram e olharam na direção do padre, como se esperassem sua intervenção. Foi então que Collani aproximou-se do padre para pedir:

– Por que o padre não está feliz de ver descartado um perigo? O senhor teria também sofrido com essa conspiração.

O padre levantou a cabeça com um movimento enérgico. Todos os presentes endireitaram-se, tensos, para ouvir o sermão que deveria chegar. Mas o padre os decepcionou. Dobrou as mãos, fechou os olhos e, o rosto dirigido para cima, disse forte e audível:

– Deus, perdoe porque eles não sabem do sofrimento que estão trazendo para Tuas criaturas. Não os puna com rigor e me deixe ficar com ele quando chegar o momento da punição, e deixe-me ajudá-los a fim de que eles aprendam a reconhecer Teu poder. Que seja assim.

Depois disso, levantou-se e dirigiu-se para a porta sem cumprimentar ninguém.

Nas semanas seguintes, a fama de Collani ainda aumentou, mas os oficiais e suboficiais que ajudaram a abortar a conspiração também não foram esquecidos. O general Laroumette, que comandava a divisão, visitou Géryville. Em sua honra, houve

música a noite inteira. A tribo de Sidi Medjahed participou com músicos e dançarinas. O xeque foi liberado depois de ter prometido o pagamento de 10 000 duros, ou sejam 50 000 francos. Vorzugarten e Stahl foram transferidos para Oran, onde o tribunal marcial condenou-os a cinco anos de trabalhos forçados. Bielle e Mamadou, os dois ladrões de cobertura apenas compareceram perante o tribunal do batalhão. Foram condenados a sessenta dias de prisão. O general concordou com a pena e lhes fez ainda um sermão. Bielle ouviu e escondeu um sorriso atrás dos bigodes desarrumados. Collani foi recompensado com 500 francos que vinham de um fundo secreto. Além disso, recebeu os elogios públicos do general quando ele revistou o batalhão.

O comandante Barsouin decidiu ofertar algo de extraordinário ao general à noite antes de sua partida. O médico convenceu Collani a dar uma «sessão espírita». Umassessões de preparação nas noites precedentes foram um sucesso. Numa pequena mesa de madeira fez barulho, ditou frases mais ou menos sensatas com batimentos de um dos pés e provocou, com todos os presentes, uma dança que atravessou a sala inteira, o que cansou o comandante, mas ele estava feliz e contente.

Para dar um ar romântico à sessão, foi decidido organizá-la no terraço da casa do comandante. Tudo isso foi preparado no maior segredo e Collani tinha a ordem expressa de não falar absolutamente nada sobre o assunto. O comandante lhe prometeu organizar a revisão de sua situação militar se tudo desse certo. E Cantacuzène acrescentou ainda:

– Não se trata de ser científico, mas deve acontecer algo para impressionar o general. Portanto, lembre-se que não vou vigiá-lo com rigor. Ao contrário, se você precisar de dar um jeitinho, vou fechar ambos os olhos.

Collani fez um gesto para dizer que entendeu. Deu ares de estar mal. Seus olhos estavam cansados e sem brilho e as córneas pareciam inflamadas. Não conseguiu reprimir um tremor no queixo e disse com a voz apagada:

– Vou fazer o melhor possível.

Não conseguiram guardar o segredo total. Alguém deve ter falado porque, de tarde, apareceu o padre Matthias para ver o comandante e disse-lhe sério:

– Ouvi falar de seus projetos, Bobby, e cheguei para adverti-lo. Anule a sessão. Deus não deixa zombar dele sem punir. E vocês estão zombando dele. Nem tudo é burla nessas sessões e, às vezes, aparecem seres que podem ser perigosos.

O comandante ficou pensativo durante uns momentos. Depois, sem se deter, riu-se e sacudiu a barriga.

– Anular? Agora? Impossível. Não posso passar vergonha. E, afinal, faço tudo para ajudar seu confessado. Ele precisa voltar para casa, está doente. E tenho certeza de que Collani está contente de ganhar assim sua liberdade. Será uma boa propaganda para ele se depois, em Paris, quiser trabalhar como vidente. Poderá indicar um general como referência.

O padre Matthias sacudiu a cabeça com tristeza e opinou:

– No fundo, sou eu o culpado de tudo isso. Tenho de assumir a responsabilidade. Talvez possa ainda impedir uma desgraça.

Já fazia calor nessa noite de primavera e a lua branca e grande no céu ainda aumentava o calor. O terraço era de forma quadrada e os lados tinham seis metros de uma calçada de pedra que cercava a casa. Não havia grades.

Ao chegar a noite, colocaram duas mesas no terraço. A ordenança do comandante colocou umas garrafas de água mineral e aguardente na primeira das mesas. A outra ficava livre e a uma certa distância da primeira. Era uma simples mesa redonda de madeira, fabricada pelo marceneiro do batalhão, segundo as ordens do médico, sem pregos ou qualquer outro objeto de metal.

O general apareceu às nove horas na companhia de Barsouin. Laroumette era de estatura média e de boa aparência. Os bigodes brancos de neve deixavam aparecer uma boca incolor. Os dois instalaram-se à mesa. A ordenança serviu silenciosamente bebidas. Os dois beberam sem falar. Pouco depois apareceu Cantacuzène com seu protegido Collani. Collani teve a permissão de sentar-se. O general o cumprimentou com um gesto amigável. Depois, o médico cochichou umas explicações científicas das quais o general tomou conhecimento com interesse e educação. O último convidado a

chegar foi o capitão Pouette, que parecia um fantasma por causa de sua farda de gala branca; os outros vestiam as fardas escuras.

– Vamos começar, anunciou o médico.

Os cigarros dos senhores foram jogados fora e fizeram breves traços de luz na escuridão. A ordenança desapareceu sem o menor barulho num conduto que levava para o interior da casa.

Collani estava vestido com uma leve farda caqui. Os sapatos eram também leves, com solas de palha. Foi o primeiro a instalar-se, o rosto em direção à lua. À sua direita estava Cantacuzène, à sua esquerda, o general. Depois, estava o comandante, enquanto o capitão Pouette, entre ele e o médico, fechava o círculo. O general brincou:

– Então, o que vamos aprender de novo? Será que vamos conhecer o destino da França, ou o fantasma vai falar de assuntos pessoais?

– Silêncio, por favor.

A voz de Cantacuzène era severa. Fez-se então um silêncio total. Executando as ordens silenciosas do médico, todos colocaram as mãos abertas sobre a mesa para formar uma corrente ininterrupta. Durante cinco minutos, nada aconteceu. Depois, o corpo de Collani começou a palpitar, o queixo desceu e os olhos mudaram estranhamente. A lua iluminava a cena com tanta clareza que era possível ver o rosto alterado, o branco dos olhos e os lábios caídos.

O médico tentou fazer uma pergunta: «Quem...». Mas aconteceram coisas incompreensíveis. Parecia que uma força invisível empurrava Collani para cima. Sua cadeira caiu. Os outros também foram forçados a levantar-se. Primeiro devagar, depois mais rapidamente, o grupo se aproximou da borda do terraço. Os oficiais tentaram sem sucesso retirar as mãos da mesa. Mas a vontade desapareceu e eles foram obrigados a contemplar sempre o rosto duro que brilhava à luz da lua, cheio de felicidade gelada. O grupo chegou cada vez mais perto do limite do terraço e os talões de Collani já estavam na extremidade; pedaços de cimento quebraram e caíram com barulho na calçada. E nesse momento o capitão Pouette sentiu uma mão nos ombros, depois dois braços que o empurraram para trás. Uma voz clara e forte gritou:

– Vade retro satana!

Parecia que algo se quebrou no rosto de Collani. Suas mãos se desligaram da mesa, apontaram a lua, defendendo-se e depois seu corpo caiu, rígido como uma tábua. O barulho que o corpo fez na calçada acabou com o encantamento dos outros. O velho general foi o primeiro a ter de volta todos os sentidos. Limpou a boca com a mão e aproximou-se do padre Matthias com os braços estendidos e falou com uma voz nítida:

– Ah, tenho certeza de que você nos livrou do diabo.

Padre Matthias estava triste. Devagar fez o sinal da cruz.

– Quero rezar por meu confessado. Não fui eu quem o perdoou?

Catacuzène tentou responder, mas o padre não deixou.

– Depois, quando eu não estiver mais aqui pode dar suas explicações científica (as duas últimas palavras foram pronunciadas com ódio). Mas espere até que o morto seja removido.

O padre levantou as mãos como uma ameaça.

– Tem certeza de que o morto não ouve mais? E se ouvir, não tem medo de sua vingança?

A figura do padre desapareceu na escuridão.

– Ah, os padres com suas superstições, disse Anatol Cantacuzène em voz baixa.

Barsouin levantou a mão para fazer silêncio. «Vamos beber pelo susto» opinou, mas a voz não era firme. Tampouco conseguiu servir as bebidas com calma.

A MORTE DO NEGRO

Fiquei muito contente quando o cabo Charles Seignac seguiu comigo como voluntário para Marrocos. Gostava dele, talvez justamente porque ele devia sofrer como o único suboficial negro da companhia. Frequentemente a nossa simpatia por certos seres é apenas o fruto da antipatia que a maioria tem para esse ser. Além disso, Seignac era um homem de bem, com a aparência física agradável, o que raramente podia ser dito dos outros camaradas. Ele era grande, magro e de ombros largos. O cabelo no seu crânio era parecido com um tecido metálico no qual havia uns ornamentos de fios de prata. Suas orelhas eram pequenas e a cor de sua pele me fazia pensar em café preto e gelado.

Havia apenas uma coisa que me incomodava: Farny tornou-se também voluntário para Marrocos e, ainda mais, ele deveria dirigir nosso destacamento. Não havia nenhuma simpatia por aquele cara. Sempre me lembrava uma sardinha oleosa; chato, incompreensível, indigesto. Encontrando-o de manhã, guardava-se na alma um sabor rançoso durante o dia inteiro. A presença de Farny incomodava-me antes de tudo por causa de Seignac, mesmo sabendo que este último se engajou quando a presença de Farny já estava determinada. Os dois nunca se falavam, mesmo assim parecia haver algo entre eles. Quase podia sentir-se que os dois já se conheceram numa outra época, na época legendária dos trajes civis em que talvez se teve uma namorada fiel. Seignac sempre teve um lado calado e secreto. Naquelas terras distantes em que cada um, nas suas estórias, gostava de ser conde, general, rei dos ladrões ou mesmo proxeneta, um homem que não contasse nada sobre seu passado parecia misterioso e atraente.

Farny era o sargento e deveria levar-nos para Atchana, um posto no sul de Marrocos. No caminho, Seignac sempre fazia o seu dever, mas sempre que Farny dava ordens, ele parecia surdo. Farny aceitava essa ironia silenciosa (nem se poderia falar em desprezo) e nunca mostrou ira ou impaciência. Depois de duas ou três tentativas infrutíferas, suas ordens dirigiam-se a ouvidos mais receptivos. Farny tinha uma natureza de doméstico e, como tal, dar ordens era para ele como uma droga. Quando tinha a possibilidade de dar ordens, seus olhos brilhavam. Era uma visão repugnante.

No tempo do deslocamento, primeiramente durante os dias de marcha, em seguida no trem e, finalmente, nos camiões, parecia cada vez mais nítido que havia algo

de invisível entre os dois. Nos tempos da guarnição na Argélia, isso não parecera tão gritante. Quando estou falando em 'invisível', não quero dizer algo como 'fantasma'; talvez fosse uma lembrança, um acontecimento. Mas ninguém tentou descobrir o segredo, o que era estranho, pois onde há gente há curiosidade por esse tipo de segredos. Talvez Farny tivesse feito uma confidência a seu adjunto sobre a relação com o negro, mas por certas razões, eu nunca consegui ter certeza disso. O adjunto, Lohmer de nome, era alemão, louro e limpo. Tínhamos pena dele porque o sargento estava doente e tinha má reputação.

Na fase final do deslocamento, Lohmer começou a aproximar-se de Seignac. O negro o tolerava silenciosamente. Eram apenas uns pequenos serviços, pegar um objeto esquecido, por exemplo. Depois, uma vez, ao partir, Seignac não encontrou seu casaco (creio que aconteceu em Bou-Denib). Lohmer imaginou que deveria ter sido roubado e ausentou-se para procurá-lo. Voltou com a peça e disse que encontrara o ladrão e tomara dele. Seignac agradeceu com uma garrafa de vinho e um maço de cigarros. Depois disse-lhe:

– Olhe, isso foi uma farsa. Lohmer mentiu, certamente foi ele quem escondeu o casaco para se tornar importante. Ou então Farny lhe sugeriu a estória... e você caiu nessa.

Seignac respondeu calmamente:

– Grande novidade. Você acredita que eu não notei? O que me interessa é ver como tudo isso vai continuar. Fred, é melhor que você finja não ter notado nada.

Ele era o único que me chamava Fred, o que me alegrava cada vez; até ficava orgulhoso.

Um dia, ao anoitecer, finalmente chegamos ao posto de Atchana. A planície era vermelha, como as montanhas do norte. Havia ainda um brilho claro atrás das colinas do sul, diziam que era ali que se encontrava o deserto. O posto tinha aparência comum. Os barracos tinham telhados de chapas de ferro ondulado que eram polidas pela areia trazida pelo vento. Nós, os vinte novos, éramos o objeto de curiosidade dos velhos. Chegou o capitão para desejar-nos as boas-vindas. Era um homem meio gordo, com

bigodes à maneira de Nietzsche. Mas teve compaixão, queria saber se estávamos bem. Depois, fomos distribuídos nos vários barracos. A Seignac e a mim foi indicada a mesma seção. Isso era conveniente para nós, ao menos eu estava contente e creio o Seignac também, mesmo tendo o nariz empinado.

Ali era fácil adaptar-se ao novo ambiente. Uma semana mais tarde, já estávamos todos aclimatados. Isso se devia talvez ao tenente Lartigue, o comandante da nossa seção. Ele gostava de falar com a gente sobre qualquer assunto, fosse música ou arte. Seignac, o negro, era instruído, conhecia até poetas modernos. Aliás, ele falava um francês impecável. Quem sabe se não estudara na Sorbonne.

Foi graças ao tenente Lartigue que obtive minha designação para o serviço de tipografia da companhia. No fundo, Seignac teria sido mais indicado, mas a cor de sua pele era um obstáculo. Mesmo que os franceses geralmente não exageram nos preconceitos raciais, a cor da pele tem sua importância. Muitas vezes é assim, os brancos consideram o negro como sua má consciência e isso explica talvez sua inimizade.

Perdi Seignac quase inteiramente de vista, porque agora não habitava mais com a tropa num barraco; tive a honra de dividir um quarto com o primeiro-sargento, um homem alegre, que sabia preocupar-se com seu bolso e com sua namorada mestiça. Ela trabalhava na aldeia, no único boteco num raio de cem quilômetros. Meu chefe chamava-se Narciso e, como seu homônimo da antiguidade, gostava muito de seu físico. Uma semana depois de minha chegada ele se queixou, dizendo que aquele desgraçado preto andava atrás de sua namorada, como se estivesse no cio. Isso não me parecia ser o Seignac que eu conhecia, aliás sua presença me fazia falta. Além disso, continuava o chefe, esse cara parecia ter muito dinheiro e, sem falar no sangue quente que fazia a moça ficar doida. Em breve, o chefe estava tão amargo que metia a mão bem fundo na caixa da companhia, para ir beber e encher a namorada com presentes. Eu estava na obrigação de esconder a falcatura, o que não era muito difícil, dado à contabilidade complicada. Mas custava-me uma tarde e uma noite de suor no pequeno escritório. Além disso, tive de tratar com o francês que administrava o provisionamento; então o chefe teria recebido cinco sacos de farinha e três de café. Tudo isso me irritava porque teria gostado de falar com Seignac. Como se fazia para ele ter dinheiro de repente? Na

Argélia, sempre se estava na pindaíba; era frequente termos de juntar nossos cobres para comprar um litro de vinho e agora, acreditando na mestiça do chefe, ele tinha os bolsos cheios.

Eu estava com vontade de ver claro e, por isso, fui ver o responsável pelos correios. Sim, Seignac tinha recebido uma carta de Paris, papel perfumado, endereço de escrita inconfundivelmente feminina. Ele fez uma piada com o negro, dizendo que teria deixado em Paris uma madame rica. "Não é o que o senhor está pensando" teria respondido Seignac com um modo desagradável "nunca teria incomodado a senhora, mas foi necessário por motivos que não são de sua conta". O carteiro lembrou-se textualmente da última frase e eu reconhecia bem o estilo de Seignac irritado. Mesmo assim, a frase provocou minha curiosidade e decidi procurá-lo. No barraco ainda havia luz e vi, através da porta aberta, o interior clareado por duas velas quase consumidas; chamei Seignac. Fomos para uma cerca atrás da qual eram guardadas as mulas da companhia. Ali ninguém incomodava.

– Olhe... disse, mas não me deixou continuar.

– Você precisa de dinheiro? Teria gostado de ir ao seu escritório, mas não gosto de encontrar-me na presença de Narciso. Está bem, pegue...

Retirou duas cédulas de vinte francos da carteira. Aproximei-me para ver que eram as últimas.

– Mas, mas... tentei falar. Com um gesto cortou-me a palavra.

– Eu sei, o chefe lhe disse que eu teria muito dinheiro, mas você viu que estou na pindaíba. É verdade, recebi uma boa quantia, mas não era para mim. Pude guardar apenas cem francos. Eu era besta de deixar perceber todo o dinheiro, mas esperei encontrar o destinatário verdadeiro. Isto (ele apontava as cédulas na minha mão) guardei para você; afinal, somos amigos, nê?

Confirmei com um gesto desajeitado, porque empregou essa palavra, amigos. Como se fosse necessário mencionar esse fato. Respondi ainda com censura:

– Sim, e não guardou nada para você.

– É, e não preciso mais.

Era uma observação calma, não havia nenhuma tristeza na voz. Acredito que já sabia como o tudo iria acabar. Num gesto amigável pousou sua mão sobre meu braço, à luz da lua sua pele parecia translúcida, quase como um mel escuro. A lua parecia colocar um filtro fluorescente sobre todos os objetos.

– Você deveria me contar, disse.

– Se pudesse servir para algo.

Seignac pensou, sacudiu várias vezes a cabeça e, finalmente, pareceu decidido a falar. Aproximei-me.

Ouvimos de repente um grito chegando do posto, um grito desagradável, agudo e lastimoso ao mesmo tempo. Seignac pegou meu punho. "É o Farny, vem comigo." Fiquei surpreso que ele reconheceu a voz. Corremos. Quando chegávamos à praça entre os barracos, havia ali uma figura solitária que gritava contra a lua e que fazia gestos como se estivesse remando. A uma certa distância havia um grupo assistindo ao espetáculo, mas ninguém ousava aproximar-se. Seignac ia na direção da figura, era realmente Farny, mas um novo Farny, de traços cristalizados como se fosse uma máscara. Segui-o em passos pouco seguros, meu Deus, nem sempre temos coragem. Talvez a luz da lua tivesse sua parte de culpa no medo.

Seignac não disse nenhuma palavra. Talvez fosse sua postura que amedrontou o outro, porque Farny era pequeno. Bastou o negro fazer um gesto de mão e aproximou-se. Os gritos de Farny pararam de repente. E Farny obedeceu ao gesto e seguiu o negro. Depois desapareceu atrás da porta e Seignac voltou. Disse ainda "durma bem, Fred". Desapareceu então na sombra do barraco. Nunca mais ouvi sua voz.

Mais tarde o chefe me disse que Farny passava a noite bebendo e pagando a bebida dos outros. No caminho de volta começava a gritar e não tolerava mais a presença dos outros. Todos tinham medo dele. Depois disso, o chefe queixou-se ainda da namorada. A noitada toda não falava senão de Seignac, até que se deu um basta. Dois dias mais tarde, de madrugada, encontraram Seignac perto da aldeia árabe que chamamos Ksar. Foi precisamente Lohmer, o adjunto de Farny, quem encontrou o

cadáver. Não tive vontade de ver o defunto, mas ouvi comentários de que sua cabeça estava fraturada. Admitiu-se que habitantes de Ksar teriam matado o negro e o capitão advertiu expressamente no seu relatório que não se devia entrar em Ksar. Tampouco fui ao enterro, apenas sentei-me ao muro do posto e olhei em direção do cemitério que estava situado bastante perto. Havia ainda uma discussão entre oficiais, da qual devia participar como amigo do defunto. Tratava-se de saber como decorar o túmulo, cristãos recebiam uma cruz, muçulmanos um crescente e negros de que se ignorava a religião, um coração. Votei pelo coração mesmo, tendo a convicção que Seignac foi batizado, porque achei que isso combinava mais com sua personalidade. Consegui fazer valer minha opinião. Numa extremidade do túmulo foi erguida uma pedra com um coração de metal pintado de vermelho. Lembrava um pouco esses sagrados corações de mau gosto que se encontram em certas tendas de artigos religiosos.

A morte de Seignac mudou o clima no posto. Nos primeiros dias depois do enterro ainda reinava a calma. Havia apenas umas leves agitações, parecia com o ventinho que descia às vezes das montanhas vermelhas. Farny declarou-se doente. Diziam que tinha acessos de febre. O chefe estava de bom humor porque não havia mais rival.

Devagar, como uma praga, espalhou-se o jogo no posto. Começou na seção na qual Seignac servia como cabo. Durante noites batiam-se cartas e mesmo durante os dias, desde que houvesse um momento livre, o que não faltava durante o verão; os jogos recomeçaram. Havia facadas e vários legionários perderam antecipadamente o soldo de um semestre inteiro. Cinco turcos da companhia meteram-se a emprestar dinheiro aos outros, os agiotas cobravam cem por cento de juros. Além disso, um calor penetrante cobria o posto, o sol era agressivo, a paisagem arenosa era parecida com um mar de metal líquido, no qual nadavam apenas uns arbustos secos e, no horizonte, viam-se as pedras vermelha das montanhas. Ao meio dia não se encontrava nenhuma sombra e nos barracos havia o zumbir de enxames de moscas. Mas tudo isso não foi uma razão suficiente para explicar a agitação crescente. Os mais velhos contam que os verões passados eram do mesmo jeito e que na época eles aguentavam com calma. O que havia de diferente neste ano? Mesmo as mulas pareciam contagiadas. Havia, por exemplo, o Seppel, o animal cinzento que estava sob a responsabilidade de Seignac. Era sempre alegre e, às vezes, quase filosófico. Não se precisou dele durante uns dias. Depois, o

capitão ordenou exercícios, talvez com a esperança de acabar com o clima nefasto. Seppel deixou-se colocar a sela e deixou também que o novo dono montasse, mas quando estavam perto de Ksar, livrou-se dele e o cavaleiro quebrou o braço. Alguns pretendiam que o acidente aconteceu exatamente onde foi encontrado o cadáver de Seignac. O jovem Lohmer recebeu também um golpe de Seppel e foi hospitalizado. Ninguém o visitou. Corria a fofoca que ele teria matado Seignac, porque ninguém acreditava na culpa dos árabes. Ainda bem que Farny ficou calmo no seu quarto, já havia gente perto da porta, espiando-o.

O capitão ficou contente em receber uma ordem. Devia ir buscar em Midelt uma carga de provisões. Fiz parte dos poucos a ficarem no posto. Lembro-me apenas do chefe, de Farny, do cavaleiro machucado e de Lohmer. Além deles havia ainda um tenente insignificante de quem nem me lembro o nome, quase nunca aparecia e, quando acontecia, tinha olhos ternos e a nuca curvada como se carregasse um destino particularmente pesado. Havia ainda umas outras figuras que passavam às vezes ao sol, o Marode, por exemplo; eles apareciam, você os identificava e quando desapareciam você os esquecia, pois suas existências eram tão insignificantes.

Uma noite, quando a companhia ainda estava ausente, a mulata Anny, a namorada do chefe, invadiu o posto e fez um escândalo no escritório da companhia. Não consegui ficar de fora porque Anny parecia saber que eu era o único amigo de Seignac. Eu deveria testemunhar que Seignac era um ser bom, o que fiz, apesar do olhar raivoso do chefe. Seria de uma tristeza monumental ver um tal homem vítima de uma conspiração, gritava Anny. Na sua raiva abriu o bico sobre vários assuntos. Acusou o chefe de ter estado presente na noite do "acidente" de Seignac (foi ela que empregou essa palavra) com Farny e juntos teriam feito com que Lohmer ficasse bêbado. Gritou ainda que era evidente o que aconteceu depois. Quando lancei um olhar interrogativo na sua direção, o chefe perdeu a compostura, tossiu algumas vezes e fez de conta que a moça estava louca. Depois Anny gritava aos berros e isso era audível no posto inteiro. Não fazia mal, já que o posto estava quase vazio – mas havia alguém de fora e o tenente que parecia carregar um destino pesado passava em frente da porta e parou. Isso explica porque o clima explosivo não desapareceu e até aumentou.

Teria sido ridículo, o que Anny disse aos gritos, mas sentia-se algo de sincero nela. Seignac a tratava com respeito. Tentava convencê-la a mudar de vida. Ela deveria buscar trabalho numa cidade ou numa fazenda para viver do trabalho de suas mãos – como se diz num registro moralizador – em vez de deixar-se sustentar. Anny ficou impressionada com esse tipo de discurso, talvez nunca ninguém falasse daquele jeito com ela. Parecia ainda que Seignac lhe deu dinheiro para que pudesse partir. Devo confessar que Seignac me pareceu cômico no papel de anjo preto salvador de moças perdidas. Mas tenho igualmente a convicção de que suas intenções eram honestas. Seu comportamento nesse caso combinava bastante bem com sua personalidade, e comecei a supor um comportamento similar no caso de Farny. Talvez a moça acabasse por lhe obedecer, mas era patente que ela tinha um fraco evidente por ele. No entanto, sua morte privou-a de qualquer razão para permanecer. No dia seguinte deixou o emprego e partiu em um dos caminhões que voltavam para abastecer nossa companhia. A tropa estava cansada e irritada ao voltar. Durante sua ausência, o Ofício árabe, que tinha como papel pacificar conflitos entre árabes e brancos, investigou a morte de Seignac. As batidas minuciosas em Ksar não permitiram descobrir nada. Ao ser informado da ausência de resultados nas investigações, nosso comandante fez uma cara amarga (nesse momento eu estava, por acaso, ao lado dele) e notei que ele devia saber de algo, mas que estava lutando contra sua convicção: odiava enviar para a corte marcial um de seus soldados. Por isso percebia a atividade do Ofício como uma intromissão. Mas que fazer com o assassino? Foi visitar o Lohmer, ficou um bom tempo, ouviram-no gritar e jurar. Alguns julgavam ter ouvido o alemão chorar, não se sabe; a verdade é que, pouco depois da visita, ele começou a vomitar sangue. Os ferimentos internos eram mais sérios do que pareciam. Na noite seguinte Lohmer faleceu por causa de hemorragia interna, sem que alguém estivesse ao seu lado. Ouviram-se seus choros até meia-noite, mas ninguém podia ajudar porque não havia morfina no posto e o médico não foi chamado.

Num momento fiz um esforço para visitar Farny que ficara tanto tempo invisível. Seu quarto situava-se atrás de uma salinha escura que servia de depósito para a companhia. Parei nessa salinha porque ouvi Farny falar e pensei que ele já devia estar com uma visita. Mas seu falar era monótono, parecia como se alguém tivesse iniciado seu discurso anos atrás e agora não soubesse mais parar. Bati na porta, a fala não parou e eu entrei. Farny estava em pé no centro do pequeno quarto que era decorado com

imagens de mulheres pouco vestidas, tal como se pode ver em *Vie Parisienne*. Ele estava de costas e falava contra a parede: "E na montanha havia um anjo de rosto preto, ele se inclinou por volta de meia-noite, sua voz soava como o vento que tem força para inclinar as palmeiras...".

– Oi Farny, gritei.

– Às armas

Gritou o homem e virou-se na minha direção; os olhos estavam inflamados e o bigode brilhante e molhado. O sargento parecia magro e fraco, talvez fosse o efeito da febre que o fizesse falar daquele jeito apocalíptico, mas por que não estava na cama? Ele me reconheceu e me disse com voz menos alterada:

– Então, o protegido quer me espiar? Seu amigo negro não está, vá buscá-lo. Mas primeiro traga-me algo para beber.

Vi uma carta na mesa, mas não consegui ler o que estava escrito sobre o papel azul. Saí do quarto e voltei com uma garrafa de vinho.

– Isso é bom. Sempre se deve obedecer a seu superior, mesmo se for um safado de cabo. Porque senão... senão...

Como não consegui terminar a frase, pegou a garrafa e bebeu. Aproximei-me discretamente da mesa. Vi a carta de escrita feminina:

– ... solicitei ao Senhor Seignac que se preocupasse com você. Ele deve entregar-lhe uma certa importância que deverá facilitar sua fuga...

Nesse momento a carta foi retirada e eu devia sair voando. Fiquei contente que Farny não calçou as botas... Senhor Seignac. Então, como civil, o negro era senhor Seignac. E pediram-lhe para encarregar-se de um branco. Devia ter gostado, pensava eu. Talvez ele descendesse de uma família de chefes tribais e a necessidade de dominar estava nele; afinal, proteger e ajudar são sucedâneos da dominação.

O quarto de Farny tornou-se um ponto de atração para os habitantes do posto, sobretudo de noite, quando saía dali a voz monótona de seu habitante. Como era de

esperar, a estória de Anny fez a volta do posto. Mais sentimental ela era contada, maior a impressão causada. A figura de Seignac mudou, ele agora era considerado um herói, um protetor de inocentes. E sua morte exigia vingança. Pensamento primitivo, mas compreensível. Sua morte foi igualmente considerada como exemplo da opressão que devia aguentar. Cabia a Farny o papel do bode expiatório, como superior imediato era mais odiado que os outros pequenos tiranos ou os oficiais quase desconhecidos e não implicados na vida do dia a dia; a ira só podia dirigir-se a Farny.

Durante duas noites a gente se reuniu na salinha diante do quarto de Farny. Observei uma vez a reunião, havia realmente algo de excitante. De um lado da parede a voz monótona, de outro, o silêncio da massa. Lartigue, o tenente diletante em literatura, observava o fenômeno de longe, o capitão caminhava entre as pessoas e falava num tom calmante à massa, mas o silêncio continuava sob alta tensão.

Na terceira noite, finalmente, acabou a tensão, porque através da parede reinava silêncio total. A voz monótona parecia ter um poder paralisante; calada, o efeito acabou. Primeiro, havia gritos: "Farny!... Assassino!..." Punhos ameaçadores se levantaram. Os suboficiais desapareciam. Na cantina dos oficiais o capitão olhava em direção à escuridão ameaçadora. De repente, a massa entrou na salinha, eu fiquei fora e, em seguida, ouvi forçar a segunda porta e gritos de raiva.

Já sabia que o quarto estava vazio. Pouco depois do almoço, durante a sesta, alguém saiu às escondidas do posto. Vi como correu em direção a Ksar e, perto dali, desapareceu nos olivais. Talvez ainda fosse Seignac que organizara a fuga com os autóctones. E Farny não podia fazer-se difícil, poupou-se de desprezar os bem-feitos do anjo negro protetor.

A multidão voltou, um grupo separou-se dela. Esse grupo andava na frente e trazia consigo vários objetos: uma mala de madeira, garrafas vazias, roupas, quadros. Então, num silêncio estranho, o grupo passou em frente do portão do posto e o vigia juntou-se a ele. Segui também. Em cima, numa janela, a luz da lua fazia brilhar a calva do capitão como se fosse de prata.

Andava-se em direção do cemitério, situado à beira do córrego. Sentei-me sobre o pequeno muro de pedras que o cercava. Alguns trouxeram palha, outros erva;

formaram um montão com a mala, os quadros e as roupas de Farny em cima. Depois as chamas brancas subiam no céu. Os bens de Farny foram queimados ao lado do túmulo do negro, pareciam oferendas para afastar um espírito. O coração vermelho parecia arder.

Depois disso, a gente voltou ao posto, sempre em silêncio. Eu ainda fui para o boteco beber algo. Na volta, encontrei o capitão.

– Você crê que agora tudo acabou? perguntou-me. Confirmei com um gesto.

– Então, tudo bom. E o Farny? Desapareceu? Deus seja louvado. E não vou providenciar nada para procurá-lo. Não sou tão burro.

No dia seguinte reinava um clima de ressaca no posto. O capitão fez seu passeio nas pontas dos pés. Em três anos de Marrocos aprendeu que era preferível não usar meios autoritários numa excitação dessas. De tarde, chegou o carro de um oficial de ligação, mas não conseguiu perturbar o sono da companhia. Havia também uma senhora no carro. O capitão e o tenente Lartigue, ambos em trajes não regulamentares, levaram-na para a sala dos oficiais. Pouco depois me chamaram.

A senhora era velha, de cabelos curtos e brancos como o chapéu colonial que segurava nos joelhos. Para quem quiser suspeitar que eu desejasse fazer umas fiorituras românticas, devo adiantar que não, que a vida é desesperadamente não sentimental.

– Este é o homem, disse o capitão e desapareceu.

Não me senti à vontade, porque a senhora lembrava-me minha avó que, durante um tempo, me infligia a cada dia uma hora de adestramento moral. Essa senhora tinha os mesmos olhos cinzentos. "Sente-se" disse ela.

– Preferi vir pessoalmente para ver o que está acontecendo, porque o senhor Seignac não respondeu a minha carta. Meu filho tampouco respondeu.

Ela se levantou, andou em passos rápidos para a porta e a abriu de repente. Quando viu que não havia ninguém, sentou-se de novo e observou:

– É melhor que ninguém nos ouça. Então, no dizer do capitão, o senhor Seignac está morto e está, portanto, desculpado. E meu filho desapareceu, ainda bom, caso contrário também não estaria mais entre os vivos.

A senhora falava de maneira pacificadora. Tirou da bolsa um maço de cigarros e começou a fumar.

– Você deve me falar do senhor Seignac, Fred, conheço seu nome por causa das cartas que recebi.

Foi com dificuldade que consegui pegar um papel e fumo para fazer um cigarro. Relatei o que sabia e o que suspeitava: que o jovem Lohmer aproximou-se de Seignac para matá-lo; que Seignac já tinha uma ideia de seu destino.

A senhora concordou e continuou:

– Fiz uma descrição favorável de meu filho quando o senhor Seignac decidiu buscá-lo na legião, mesmo nunca entendendo como ele podia ter tal ideia. Talvez fosse porque amasse minha irmã caçula e ela não conseguia esquecer meu filho, sempre falava desse assunto. Naquele tempo o senhor Seignac estava perto de ficar conhecido. Publicou um romance e depois foi para a legião. Fomos informados que Edmundo, já na legião, conseguiu a patente de sargento...

(O fato de saber que Farny tinha o nome de Edmundo e que havia uma mulher que o chamava assim pareceu-me estranho. Saber que essa pessoa suja fora em outros tempos uma criança limpa destruiu na minha mente os contornos de sua personalidade.)

– Não entendi o senhor Seignac. Minha irmã não gostava de preto; era talvez a razão.

Dei um sorriso irônico e a senhora ficou ofendida. O que ela sabe de Seignac? Mas não podia dar um curso de psicologia, não podia explicar que um romancista negro civilizado também poderia sonhar com aventuras e que o primeiro motivo nobre podia ser suficiente para desaparecer da boa sociedade.

– Me escreveu que meu filho queria desertar e que deveria enviar dinheiro. O que fiz. Espero não o ver mais. Mas não posso falar a ninguém do dinheiro. Acho que fiz apenas meu dever.

A palavra 'dever' é sempre a última desculpa da geração dessa senhora. Ela se levantou e despediu-se. Ao sair, não podia parar de pensar que minha avó teria falado exatamente do mesmo jeito.

Nunca mais tive notícias de Farny. Vi Seignac ainda uma vez, se não era ele, era ao menos um negro que se parecia com ele. Era num filme moderno. Aparecia nu, seu corpo era bonito e portava uma espécie de arcabouço que sugeria asas. Uma criança foi atingida por uma bola de neve; o negro a pegou e desapareceu com ela. Voltou e retirou o ás de copas do jogo de um homem. Aliás, o filme era de Cocteau, mas esse senhor não podia de jeito nenhum ter conhecimento de corações vermelhos que pertencem a corpos em túmulos marroquinos.

UM ASSASSINATO

Uma estória da legião estrangeira

O pequeno Weichhardt e seu destacamento de vinte homens chegaram a Bel-Abbès sábado às nove e trinta. Segunda-feira ele fez conhecimento com o sargento Saduner, quinta-feira recebeu uma gratificação de duzentos e cinquenta francos por causa de seu engajamento na legião e sexta-feira, por volta das oito de manhã, foi encontrado numa maca, esfaqueado e com os bolsos vazios.

O primeiro que se aproximou da maca foi o comandante Constant. Retirou a coberta. As moscas levantaram-se como fumaça preta, mas não demoraram para pousarem de novo sobre a ferida.

– Onde vocês o encontraram? Na vila negra? Perto do rio? A patrulha o encontrou? A que horas? Mais ou menos às seis. E vocês só chegam agora. Incrível. Que desordem.

O comandante foi para o prédio do centro e abriu a porta que dava para o escritório do coronel Boulet-Ducarreau. Este estava apoiado contra uma mesa e parecia meio entorpecido. O comandante relatou os acontecimentos, e isso não fez com que o coronel perdesse o equilíbrio. "Um a mais, um a menos" soprou através de seu bigode de gato, "temos a quantidade que precisamos e não faltam candidatos. Por que a agitação? Chame Vanagass, Constant."

Antes da legião, Vanagass era advogado em Odessa. Tinha um grande nariz e as pernas de cercar frango. Além disso, era sargento, cabia a ele lavrar as acusações para a corte marcial de Oran, onde atuava também como intérprete.

– Você já ouviu?

Disse o coronel ao recebê-lo. Vanagass afirmou e sentou-se sem esperar a permissão. Exprimiu seu ponto de vista em voz calma.

– Vou convocar a gente do serviço secreto para eles se informarem dos últimos contatos da jovem vítima. Suponho que o assassino é alguém que está chegando ao fim de seu engajamento na legião. Vou precisar também do relatório do chefe da patrulha que foi para a aldeia negra.

Objetivo, disse ainda que era o quarto assassinato em seis meses.

O chefe da patrulha não sabia de nada. Mas havia Beucler, um luxemburguês cheio de cicatrizes, que era chefe de sala dos recém-chegados. Informou que Weichhardt saiu duas vezes com o sargento Saduner. Vanagass deu-lhe um passe e a ordem de buscar o sargento Saduner. O coronel ofereceu cinquenta francos pela a cabeça do assassino. Beucler fez rapidamente os cálculos: cinquenta francos correspondiam a cinquenta maços de cigarro, mais vinte e cinco litros de vinho. Saiu a procurar.

A praça da caserna era banhada por uma luz branca que subia até o telhado brilhante como aço oxidado. Poucas árvores davam uma sombra cinzenta. O sargento Saduner atravessou meio às escondidas esse calor branco. Com suas pernas tortas, foi em direção da cantina, situada ao lado da prisão retangular. Beucler chegou perto dele e tocou devagar seu ombro. Saduner virou-se e suas pálpebras tatuadas fecharam-se e abriram-se.

– O que quer, cacarejou. A mão tremia e a pele com pontos azuis parecia se dissolver.

– Acabou de lavar a farda? perguntou Beucler ao olhá-lo. Na cantina Saduner pediu um litro de vinho rosé e mandou trocar uma cédula de cem francos. Ambos se sentaram. Atrás da caixa, o gordo Spaniol adormeceu. A sala era escura e fresca, havia o zumbir de moscas no odor de vinho.

– Você tem dinheiro, muito dinheiro, constatou Beucler num tom lisonjeiro.

Saduner riu, tossiu e cuspiu no chão, "Economias" foi a resposta breve. Ambos se calaram e beberam.

– A propósito, disse Beucler, você conhecia Weichhardt, um novo, que encontraram hoje de manhã?

"Conhecer" repetiu Saduner, que fez o desenho de um rosto com um pouco de vinho derramado. No lugar do pescoço serviu-se da unha para fazer um entalhe na madeira da mesa.

– Você não saiu duas vezes com ele?

– Sair, repetiu Saduner embrutecido.

– Onde estava ontem de noite?

Saduner riu, riu forte e acabou ainda uma vez tossindo. Depois falou rápido e gaguejando:

– Ontem de noite? Bom, vou te dizer. Uma neguinha, te digo. E não custou caro. Uma neguinha. Ha ha.

– Logo você esteve na vila.

– Na vila negra? Na vila Schneck? Não, não, num boteco de espanhóis. Uma criada.

De novo Saduner pareceu desligado. Beucler notou que não adiantava. "Vamos à cidade", disse. O sargento estava de acordo; levantou-se, deu uns passos na sala e, ao fazer isso, passou o indicador sobre o pomo de Adão dizendo "cuic cuic".

Beucler disse; "espere, vou te acompanhar", mas Saduner pegou o caminho com uma atitude estranhamente segura. Atravessou a praça, parou ao lado dos suboficiais e parecia explicar algo. Beucler pensava que não sabia nada e estivesse zombando dele. Saduner saiu pelo portão e Beucler conseguiu juntar-se a ele de novo. Foram a vários bares, nos quais havia espanhóis de gravatas coloridas que fumavam muito. Na rua, esposas de oficiais passeavam.

Os dois chegaram ao terreno das paradas que separava o bairro árabe da cidade. A torre branca da mesquita penetrava o céu de cartão postal colorido. Depois chegaram à vila negra. As vielas eram particularmente estreitas, atrás das portas abertas viam-se mulheres de todas as raças. As pálpebras fortemente maquiadas e cansadas. Mais no fundo viam-se camas. Havia árabes de estatura pequena e de tatuagem na fronte, negras

que faziam movimentos circulares com o ventre, velhas francesas também, de pele enrugada como velhos pneus. Todas faziam sinais e às vezes gritavam. Uma criança trazia bolo poeirento num prato de madeira. Um negro magro vendia espetinhos de fígado. Saduner comprou um e comeu.

A viela dava numa pracinha. À direita, situava-se uma casa que fazia lembrar um cubo enterrado. Saduner fez Beucler entrar. No fundo, estava um gigante, um mulato de rosto escuro e gordo. Beucler ficou com medo quando viu que recebeu um olhar desconfiado, enquanto Saduner recebeu um abraço amigável. Saduner sentou-se e disse: "quero maconha". Milhoud tirou da sua roupa um pequeno cachimbo de argila e preparou-o com o produto desejado. Colocou uma brasa em cima, experimentou e passou-o para Saduner. Este acabou a porção em poucos instantes.

– Amr Sbsi, disse, encha o cachimbo.

O odor do que se fumou espalhou-se na pequena sala, mas havia também o perfume das pastagens distantes, onde as folhas estavam secas. A fumaça começou a produzir seu efeito. Saduner começava a falar sem nexos aparentes. Beucler refugiou-se no canto oposto e olhava com medo em direção do fumante.

– Ha ha ha, cuic, cuic, disse Saduner e repetiu o gesto do indicador na garganta.

– Estava com uma neguinha. Milhoud é testemunha, Milhoud estava comigo. Não é, Milhoud? Esse aí é um dedo-duro. Milhoud é testemunha de que eu estava com ele ontem, mas você acredita que matei o moço. Você pensa que não sei que faz parte do Service spécial? O velho Saduner não é idiota, sabe o que está acontecendo e vê quem é alcaquete. Já na cantina soube quem você é. Bom, mesmo assim vou contar a estória. Estória bonita. Será que devo contar a estória para esse dedo-duro que trabalha para os porcos? – essas últimas palavras foram dirigidas a Milhoud, também presente – Depois, você não vai poder perguntar. Ambos vamos partir para muito longe no Marrocos. E o sargento Saduner vai ter muitas mulheres e crianças também, tantas quantas quiser. Vai ser xeque numa tribo. E podem buscá-lo, não adianta. O moço tinha quatrocentos francos. Suas economias e a gratificação. E foi ele mesmo quem comprou a navalha de barba. Saduner, disse, você não está de barba bem-feita, vou comprar uma navalha. Comprou, e pincel e sabão também. Nada adiantou, teve de morrer. Dei um duro

durante doze anos. E agora deveria voltar para a Europa, onde ninguém mais me conhece? E o regulamento proíbe que eu fique aqui. Reatravessar Milhoud o mar? Prefiro ainda ficar aqui na galera. É mais engraçado. Junto com Milhoud, o amigo Milhoud. Milhoud conhece os caminhos escondidos para deixar a região. Nenhum espião vai atravessar no nosso caminho. Sim, sim, você notou que lavei a farda e que fiz cuic cuic. Você entende o que significa. Na caserna teria sido possível me pegar. Não adianta mais nada, eu diria simplesmente que você está contando uma estória para embolsar cinquenta francos. Sim, faria assim.

Beucler levou dois dedos à boca e apitou. Uma grande mão bateu-lhe na cabeça e ele foi ao chão. Saduner gritou como uma moça em quem se faz cócegas. A risada parecia não parar.

– Tentou chamar a patrulha. O chefe daquela de ontem me viu, mas não me reconheceu. E o pequeno estava de capa com uma roupa da mulher de Milhoud. Ela vai ganhar um brinco. E ao lado do córrego abracei-o, porque ele gostava de mim, e depois com a navalha de barba... Quatrocentos francos. Vinho Milhoud, estou com sede.

Ele fez ainda uns passos de dança, cansou-se e caiu no chão. Estava agora deitado no chão de boca aberta.

O grande mulato ajoelhou-se a seu lado. Pegou água com a mão num recipiente e passou-a na frente do inconsciente. Murmurava umas palavras incompreensíveis. Saduner levantou as pálpebras, olhou em volta de si e levantou-se. "Muito dinheiro" gaguejou e o mulato confirmou com a cabeça. "Não vão te pegar a mim tampouco". Beucler tentou ainda uma vez levantar-se, mas um olhar do mulato, acompanhado de um gesto em torno da garganta, o fez mudar de ideia. Ficou no seu canto e observou como Milhoud pegou Saduner nos ombros e desapareceu.

Apenas dez minutos mais tarde ousou partir. A praça estava vazia e as ruas, silenciosas. De longe ouviu soprar uma trompa.

No escritório do coronel Beucler relatou tudo o que aconteceu. O comandante Constant estava apoiado contra a escrivaninha e cambaleou. O coronel riu.

– Que ideia de oferecer uma navalha. Culpa dele se foi morto com ela.

Constant concordou depressa, submisso à piada do superior. Vanagass estava ao lado, discordando.